

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin







# VOZES SAUDOSAS,

DA ELOQUENCIA,  
DO ESPIRITO, DO ZELO, E EMINENTE SABEDORIA  
DO PADRE

## ANTONIO VIEIRA,

Da Companhia de Jesus,  
*Prêgador de Sua Magestade , e Príncipe dos Oradores  
Euangelicos :*

ACOMPANHADAS

Com hum fidelissimo Echo , que sonoramente resulta  
do interior da obra

### CLAVIS PROPHETARUM.

Concorda no fim a suavidade das Musas em elogios raros.  
*Tudo reverente dedica*

## AO PRINCIPE NOSSO SENHOR

### O P. ANDRE' DE BARROS,

Da Companhia de Jesus , Academico do numero da  
Academia Real da Historia Portugueza.



### LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,  
Impressor do Senhor Patriarca.

---

M. DCC. XXXVI.

*Com todas as licenças necessarias,*





## SENHOR.



*S* vozes do Padre Antonio Vieira antigamente dearticuladas forão ouvidas com admiracão no mundo, e merecerão ser felizmente attendidas pelos Reaes Predecessores de V. Alteza. Estas agora escritas sobem aos pés daquelle mesmo throno, onde esperão a mesma felicidade, que as primeiras. Quando este grande homem fallava, era tal a sua energia, que parece, que as mesmas vozes se vião: assim forão as vozes de Deos no monte: *Cunctus autem* Exod. 20.  
18. *populus videbat voces; e estas vozes agora escritas tem tal viveza, que parece que se ouvem. Que maravilha seja mayor, fique aos discretos por materia de problema. Mas ou as vozes de Vieira sejam vistas quando falla, ou sejam ouvidas quando escreve, fazem sempre tão harmoniosa consonancia, que só são dignas de Reaes olhos, e entendimentos sublimes. Philippe o*  
Gran-

Anl. Gel.  
lib. 19. c. 3.

Sen. Trag.  
Hippolyt.  
Act. 3. in  
Choro.

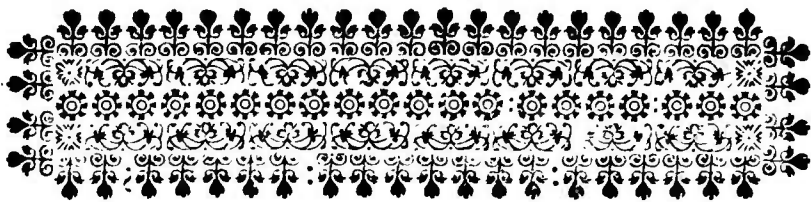
Psal. 67.  
35.

*Grande de Macedonia tinha por felicidade , que Alexandre seu filho fosse ouvinte de Aristoteles : o Padre Antonio Vieira na vida immortal terá a gloria, de que V. Alteza o veja, ou o ouça nas suas vozes, depois da morte vivo, depois da sepultura eloquente. São os thionos ( sendo a tudo superiores ) sujeitos a ouvir vozes enganadoras : Fraus sublimi regnat in aula , disse o Tragico : contra este atrevido veneno achará V. Alteza nestas vozes a triaga, e na sua variedade o deleite. Quem assim ajuntou o util com o delectavel, excedeo a tudo ; por isto ninguem fallou como Vieira, em quem tudo admirão junto ainda aquelles , que não se costumão admirar. Sendo pois tão altas , e tão vivas estas vozes , a protecção de V. Alteza , que as faz suas , as sublimará de sorte , que elevadas a mayor ponto darão glorioso brado no Universo : tomarão sem duvida estas vozes de tão soberana protecção mais valentia de voz , e veremos aqui repetida aquella admiração de David : Ecce dabit voci suæ vocem virtutis. Desta maneira se verá crescer o que não podia crescer mais , e começará a ver o mundo o que a nossa esperanza , e o nosso desejo pronostica de V. Alteza, novos augmentos aos vassallos , novos esmaltes á Coroa , e nova grandeza de Imperio , e Monarquia.*

André de Barros.

NOTI-





# NOTICIA PREVIA.



Padre Antonio Vieira , que nos do-  
tes da alma com immortal gloria  
da nossa nação apenas teve igual ,  
foy sem duvida aquelle heroico Sa-  
bio , que em seu entendimento formava o ma-  
yor de todos os Estoicos Seneca. Temeose este  
grande Filosofo de que fosse tido por impos-  
sivel hum Sabio taõ prendado , como elle o  
considerava ; mas taõ longe estava de o ter el-  
le por impossivel , que ainda que confessou ser  
couza , que em muitos seculos , e largas idades  
se não via, quasi o achava no seu tempo no in-  
tegrissimo , no forte , e no constante Marco  
Cataõ. Assim o escreveo a Sereno no tratado  
incomparavel de *Constantia Sapientis cap 7. Non  
est quod dicas* ( não se podem omittir as suas pa-  
lavras ) *Non est quod dicas , ita ut soles , hunc sa-  
pien-*

*picentem nostrum nusquam inveniri. Non fingimus istud humani ingenii vanum decus, nec ingentem imaginem falsæ rei concipimus, sed qualem confirmamus, exhibuimus, & exhibebimus. Raro forsitan, magnisque statum intervallis invenitur, neque enim magna, & excedentia solitum, ac vulgarem modum crebro gignuntur. Ceterum hic ipse Marcus Cato, à cujus mentione hæc disputatio processit, vereor ne supra nostrum exemplar sit.*

Entrando pois nesta classe de homens o grande Vieira, julgaraõ sempre os mais discretos, e sabios, que tudo quanto fosse obra de entendimento taõ raro, devia sahir a luz para accrescentar mais luz á patria; que a naõ ter outros esclarecidos filhos, bastavaõ as luzes de hum só Vieira para darem a todo o Portugal o illustre nome de Lusitania.

Levados deste commum parecer, antes que demos ao publico a Historia da vida de Varaõ taõ raro, offerecemos estas reliquias dos cuidados, e pensamentos daquelle grande entendimento. Pomozlhe o titulo de *Vozes Saudosas*, porque outra vez nos falla o sempre saudoso, e desejado Vieira; e como poderãõ andar por outras maõs estas mesmas obras com alguma differença, declaramos, que conforme agora as offerecemos ao publico, assim estaõ nos seus pri-

primeiros originaes. A razão da diversidade (sem ser corrupção) pôde ser, porque os mesmos Authores ao pôr em limpo o que primeiro escreverão, vão mudando, e chamando outra vez á lima o que com segunda inspecção lhe pareceo menos polido, e elegante. Só na *Voz Historica*, por ser a relação comprida, fizemos a divisaõ dos §§ e titulos, que seu Author não fez, para desta sorte ficar mais suave, e divertida a lição della, sem que no texto vá palavra, que não seja sua, e alguma, que faltava, não quizemos substituir com outra nossa.

O parecer, ou juizo sobre o *Clavis Prophe-  
rum* justamente merece o nome de Echo. Desejavamos offerecello aos doutos mais expressivo de toda aquella grande voz, isto he, mais correspondente ao que dearticula huma obra, que antes de ser vista, tem dado tão valente brado; mas julgamos por melhor não mostrar ao publico contrahida a luz de farol tão grande, nem dar resumida em huma concha a vastidão de hum profundo Oceano de erudição, e doutrina. Virá tempo, em que este mesmo Oceano sahindo do recinto, em que agora o detem a providencia, faça apparecer novas terras, e novos Ceos: não fiado, e presumido nas luzes do engenho humano, mas guiado

Ita Vieir. in  
quæst. Lice-  
aine futu-  
rarum re-  
rum tempo-  
ra scrutari?

pelas luzes das Escriuras divinas, em que com  
estupenda , e nunca affaz admirada força se  
funda. *Sed jam* (palavras são do grande Vieira)  
*ad scrutinium ipsorum temporum accedamus non alio*  
*duce , aut luce , quam verbo Domini , de quo illumi-*  
*natissimus Propheta: Lucerna pedibus meis verbum*  
*tuum.* Então se verá ser o elevadissimo enten-  
dimento de Vieira o novo Tiphys , que vele-  
jando felizmente pelo profundo mar das Es-  
crituras , mostrará não serem ultimas aquellas  
balizas, que se cuidavaõ ser os termos do mun-  
do quanto á sua duraçaõ , felicidade , e gloria  
nos seculos futuros. Bem lhe podemos accom-  
modar a esta Voz , ou a este Echo a consonan-  
cia do choro de Medea em Seneca :

Senec. in  
Medea Act.  
2.

..... *Venient annis*  
*Sæcula feris , quibus Oceanus*  
*Vincula rerum laxet , & ingens*  
*Pateat tellus , Tiphysque novos*  
*Detegat orbis , nec sit terris ultima Thule.*

Ovid. 4.  
Trist.

A estas Vozes ajuntamos huns Suspiros, com  
que a patria , e a Companhia de Jesus expres-  
sou a sua dor na perda de taõ estimavel vida,  
variando desta sorte este pequeno volume , e  
ajuntando com razãõ, e com a natureza ás sau-  
dades o pranto. Agora com mais verdade po-  
demos dizer : *Est quædam flere voluptas ;* e esta  
par-



parte menor de nossas lagrimas poderá accender o fogo , e fazer , que corra ao publico toda a corrente dellas, ha tanto tempo reprimida, e por todos os eruditos desejada.

O primeiro , por cuja penna fallou nesta dor a eloquencia, foy o P. Jeronymo de Castilho ( entaõ Mestre de Latinidade ) fugeito , de cuja falta ainda não temos enxutas as lagrimas, e de quem nunca as enxugaráõ as Musas, a Real Academia , e todas as boas letras. Elle foy ( como diremos ) o Author do *Epanotaphion* , que aqui leráõ os curiosos , composto em espaços breves, e volante penna.

Damos em segundo lugar o extracto da obra , com que o Collegio de Coimbra da Companhia de Jesus , feliz domicilio das Musas , quiz com vario genero de Poemas Latinos fazer as supremas honras ao mayor Orador de todas as idades , a quem antigamente hospedara, e de cujas virtudes heroicas aprendera. A propriedade da materia , a divisaõ , e variedade esperamos levará consigo a approvaçaõ de todos os Humanistas, a quem offerecemos della ( e só isto podémos reservar ) o Elogio *Indictio funeris* , pelo qual se publicava o acto das Exequias, e se convocavaõ a ellas todos os Poetas , e Oradores; e o *Elogium sepulchrale*, os quaes

se encommendaraõ ao R. P. M. Manoel de Oliveira, por aquelles annos Lente de Theologia Moral, a quem no seu tempo ninguem igualou nas letras humanas; e nos mayores estudos, que professa a Companhia, ninguem venceo. Seja licita aqui á obrigaçãõ de discipulo esta grata memoria.

Damos em terceiro lugar a *Nenia quarta*, (unica, que podêmos haver) e nella as lagrimas da Officina Typografica, que chorou a falta do P. Antonio Vieira; porque já nos não poderia mandar em cada frota do Brasil hum tomo para a impressãõ, como costumava, ainda que a mesma nao, que trazia a noticia da morte de Varaõ taõ illustre, trazia tambem o tomo duodecimo das suas obras. Esta Elegia foy composiçãõ do R. P. M. Henrique de Carvalho, (agora Confessor do Principe nosso Senhor, que Deos guarde) de quem tomámos antigamente entre a cultura das Musas os preceitos da Rhetorica.

De toda a obra podemos dizer, que foy Author hum magnificentissimo Mecenas, o Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Menezes Conde da Ericeira, a cujas instancias, e por cuja exhortaçãõ se compoz, e a quem ella toda fielmente se entregou. Ulysses  
na-

naquelle sua taõ celebre declamaçãõ contra o valente , e esforçado Capitaõ Ajax , para ser herdeiro das armas de Achilles, allegava como merecimentos proprios as façanhas, que o mesmo Achilles fizera no cerco de Troya , porque elle o tinha exhortado , e levado á guerra :

*Nate Dea (dixi) tibi se peritura reservant*

Ovid. Me-  
tam. lib. 13.

*Pergama : quid dubitas ingentem evertere Troiam ?*

*Ingesſique manum , fortemque ad fortia miſi.*

*Ergo opera illius mea sunt.*

Com muita mayor razaõ podemos dizer ser a obra mais de quem a mandou fazer , e exhortou os animos a ella, do que dos entendimentos, das ideas, e dos discursos dos que nella se empregaraõ ; porque nesta palestra de Minerva seus foraõ os espiritos , e os alentos , indo adiante com o exemplo, muito melhor que Ulyſſes nas campanhas de Marte , e exhortaçãõ de Achilles.

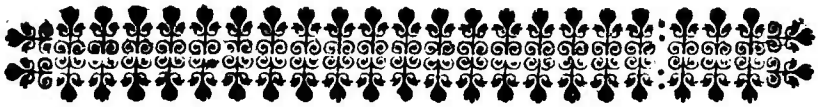
Este pois Excellentissimo Mecenas he aquelle grande Alumno da sabedoria , a quem entre a Nobreza illustre de Portugal, a Poetica , a Oratoria , a Filosofia , a Historia, e a noticia de todas as ciencias , e Artes liberaes fizeraõ naõ já imitavel , mas só admiravel : a quem a grande alma do P. Antonio Vieira nas mesmas honras funeraes , que recebeo , celebradas com

summa magnificencia , immortalizou a fama, e collocou dentro da esfera dos Heroes ; e a quem a Companhia de Jesus , reconhecida a este , e muitos outros beneficios , se confessará obrigada , e , sem nunca se poder soltar , immortalmente preza , e devedora. Não fallo naquella taõ principal parte das mesmas honras funeraes , qual he a selecção do Orador , porque teve neste particular taõ prompta , e portentosa o Excellentissimo Conde a Divina Providencia , que a oração daquelle dia immortalizou não só ao seu defunto , e chorado objecto , mas ao mesmo Orador , o qual deixou impossibilitada a eloquencia , a erudição , e a sabedoria a ostentarse em outro algum theatro mais gloriosa.

Em ultimo lugar offerecemos o Elogio , com que honrou novamente a saudosa memoria do sempre grande Vieira o R. P. M. Nicolao de Segura , em cujo obsequio ( que nunca póde ser paga ) procuramos immortalizar , pela repetida impressão do Elogio , a sua mesma eloquencia.

LICEN-





# LICENÇAS.

3

## Da Religião.

**J**oão de Menezes da Companhia de Jesus, Provincial da Provincia de Portugal, por particular commissão, que tenho de nosso muito R. P. Francisco Retz, Preposito Geral, dou licença, para que se imprima este livro intitulado *Vozes saudosas da eloquencia, do espirito, do zelo, e eminente sabedoria do P. Antonio Vieira de nossa Companhia de Jesus, e Prégator de Sua Magestade*, que quer dar a luz o P. André de Barros da mesma Companhia, o qual livro foy revisto, e approvado por Religiosos doutos della. E por verdade dey esta por mim assignada, e sellada com o sello de meu officio. Lisboa 19. de Julho de 1735.

*João de Menezes.*



## Do santo Officio.

*Approvaçãõ do R. P. M. Fr. Ignacio da Graça,  
Qualificador do santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**V**ossa Eminencia me manda examinar este livro das *Vozes saudosas*, que em tonoro methodo compilou o doutissimo P. André de Barros da Companhia de Jesus, Academico da Real Academia da Historia Portugueza; e sendo sempre a obediencia honrado sacrificio da vontade, he hoje glorioso tributo do entendimento; porque as acçoens do grande P. Antonio Vieira (igualmente Mestre, que milagre dos Oradores sagrados, e profanos) cativaõ tanto os discursos, que só deixaõ livre o juizo para as admiraçoens; pois o grande P. Antonio Vieira não he só o que se diz, porque fora reduzir a breve termo tanta grandeza, e ainda não sey se se explica bem em tudo quanto se admira. Nestas saudosas vozes quer o P. André de Barros dar em breves sombras a conhecer as grandes luzes deste singular Orador; mas degenera muito nas vozes a saude

i

dade , porque embaraçadas com os suspiros , e com as lagrimas não sabem explicar o que sentem , e só lamentar o que padecem , e só as lagrimas no que choraõ , são a verdadeira Rhetorica , com que se explicaõ , como chora-va Ovidio : *Interdum lacrymæ pondera vocis habent.* Porém eu entendo , que estas vozes saudosas são huns espelhos , que retratando ao vivo as doudas , e grandes letras do P. Antonio Vieira , fazem menor a saudade no que representaõ , do que fariaõ as lagrimas , vozes , e suspiros no que choraõ ; porque vozes , lagrimas , e suspiros seraõ defafogo da mágoa em quem sente , mas não emenda da ausencia , porque se suspira. Vive , e vivirá immortalmente o P. Antonio Vieira nos seus escritos , e nas nossas saudades , mas como ausente ; porém o P. André de Barros nas suas saudosas vozes , como em espelho , o faz presente : nellas , e nelle vemos ao P. Antonio Vieira , não como em enigma , mas nos seus escritos com presença viva , em que se mostra todo o Padre , porque todo o Padre era entendimento. Fechadas estavaõ estas vozes deste Angelico Prégador , mas o P. André de Barros , digno verdadeiramente de abrir este livro , deo em grandes vozes viva a sua representação : *Vox magna Angeli prædicantis , quis est*

*dignus aperire librum?* escreveu o Laureto. Mas reparo, que não admittindo a Musica mais que seis vozes, ou para o canto, ou para a lamentação, o doutissimo P. André de Farros faça em dez vozes a sua, e a nossa lamentação. Mas assim devia de ser, porque só no numero mais perfeito, que todos: *Denarius inter omnes est perfectissimus*, como escreve Philo Hebreu, dez deviaõ ser as vozes da mais bem sentida, mais eloquente, e mais discreta saudade, e como nestas dez vozes senão desconcerte a harmonia das linhas da fé, e bons costumes, me parece senão devem suspender, antes fazer publicas pelas regras da impressão, para que se pede a presente licença. V. Eminencia ordenará, o que for servido. Convento de S. Francisco de Xabregas aos 23. de Agosto de 1735.  
*Fr. Ignacio da Graça.*

*Approvaçãõ do R. P. M. Fr. Manoel Coelho, Qualificador do santo Officio, &c.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**E** Sta he a terceira vez, que V. Eminencia me continúa a honra de mandar, que expette o juizo, que fórmo das obras daquelle gran-

grande Heroe , lustre de Lisboa , credito de Portugal , e admiração do mundo todo , o Padre Antonio Vieira ; e sendo o juizo , que formey lendo os primeiros dous livros das cartas , que deixou escritas , de que todas as suas obras eraõ filhas da sua eloquencia , e nobilissimos partos da sua sabedoria ; e que naquellas cartas parece tinha deixado copiada a sua alma : lendo hoje este livro intitulado *Vozes saudosas da eloquencia , do espirito , do zelo , e eminente sabedoria do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus , Prêgador de Sua Magestade , e Principe dos Oradores Evangelicos* , que compilou o R. P. André de Barros , filho da mesma Companhia , Academico da Academia Real da Historia Portugueza , me confirmo naquelle mesmo pensamento , com que entãõ me animey a dizer , que com razão se podia julgar não tinha , ao que parece , acabado a vida o P. Antonio Vieira , attendendõ á elegancia , com que cada dia está fallando , deixando perceber nos seus escritos a harmoniosa consonancia das suas vozes. Neste livro se admiraõ novamente as suas vozes como despertadoras da nossa saudade ; mas servindolhe de alivio o serem vozes , que depois da morte está dando , como vivo , o P. Antonio Vieira. Singularmente as admiro articuladas neste livro ,  
quan-

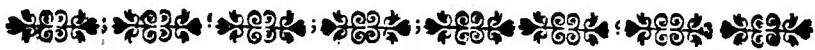
quando pelo R. P. André de Barros compiladas: sómente nos deixaõ o sentimento de que se ouçaõ as vozes, e se calle o echo, sendo este taõ suspirado, como echo de taõ alta voz; mas por isso mesmo, que foy taõ alta a voz, não deo lugar a que se percebesse o echo: ficamos com tudo a esperança de que chegará tempo, em que se perceba este echo, e se admire o elevadissimo do entendimento do P. Antonio Vieira sobre o *Clavis Prophetarum*, a que o R. Padre André de Barros dá o titulo de Echo. Em fim, Eminentissimo Senhor, neste livro não leyo cousa alguma contra nossa santa fé, ou bons costumes, e me parece dignissimo da licença, que pede. S. Domingos de Lisboa 13. de Setembro de 1735.

*Fr. Manoel Coelho.*

**V**istas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado *Vozes saudosas*, Author o P. André de Barros; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 16. de Setembro de 1735.

*Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Cabedo.*  
*Soares. Abreu.*

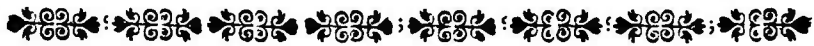
Do



## Do Ordinario.

**P** Odefe imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 18. de Outubro de 1735.

*Gouvea.*



## Do Paço.

*Approvação do Conde da Ericeira, do Concelho de Sua Magestade, Censor da Academia Real da Historia Portugueza.*

S E N H O R.

**P** Arece, que para o glorioso reynado de V. Magestade reservou Deos os mais preciosos thesouros, porque o não são menos os que descubrio por influxo de V. Magestade a laboriosa investigação dos eruditos nos Archivos, do que aquelles, que nas opulentas minas desentranhou a infatigavel diligencia dos que tributaraõ a V. Magestade as pedras, e os metaes mais ricos, para que o generoso animo de V.

Ma-

Magestade os distribuisse para o culto de Deos, para a defenſa da Religiaõ, e para a gloria, e ſegurança do Reyno. Não ſe contentou o R. P. André de Barros da Companhia de Jeſus com buscar na Academia Real os monumentos, de que vay formando as ſuas excellentes Memorias Eccleſiaſticas do Biſpado do Algarve, mas quiz tambem enriquecer, e illuſtrar a Republica literaria com as veneraveis reliquias de alguns eſcritos do inſigne P. Antonio Vieira, dando nelles o melhor exemplar para todos os eſtylos a quem, ainda que de longe, conſeguir a felice imitaçaõ, que todos devem procurar para eſcrever com acerto. Juſtamente chamou vozes a eſtes diſcurſos, porque todos ſão eſpirito, e todos ſão harmonia, que ha de ouvirſe, e admirarſe em todos os tempos, e em todas as naçoens. Não he diſſonante a diſcreta fraſe, com que ſe explica eſte Academico nos ſeus elogios, moſtrando nelles, que ſoube ſeguir o eſtylo do incomparavel Orador, de quem nos promette eſcrever a vida, aſſumpto, que eu tinha emprendido, e principiado, e de que dignamente lhe cedo a gloria; e ſó deſejara dizer, que não li a noticia previa deſta collecçaõ, porque nella ſó não poſſo approvar os mal merecidos louvores, com que renova a  
me-



memoria de huma acção obsequiosa, com que eu em outro tempo procurey eternizar a minha veneração a hum Varaõ taõ grande , que era digno de mayores demonstraçoens da nossa saudade. Na fama posthuma, que determino publicar brevemente , repetirey a impressão dos Epicedios , que com esta obra sahem a luz, por serem digniffimos de multiplicadas edicçoens, e com elles se uniráo as admiraveis Poefias , que naõ só nas linguas mais polidas de Europa lhe confagraraõ os genios mais sublimes, Portuguezes , e estrangeiros , mas resuscitando as linguas doudas, e mortas, Hebraica , Grega, Arabiga , e Latina , resuscitaráo tambem a eloquencia , que morreria com o P. Antonio Vieira, se naõ renascesse nas suas obras, e nos panegyricos dos que fouberaõ louvallas. Naõ duvido , que com este exemplo , e o que he mais , com a soberana protecção de V. Magestade sejaõ echos destas vozes, os que repetirem aquelles, que conservaõ outros escritos de taõ illustre Author , para que , como outras vezes ponderey , e ha pouco tempo representey a V. Magestade na approvação do segundo volume das suas cartas , devamos á generosidade dos curiosos em commum beneficio as copias dos mais raros originaes, que adornaõ as suas livrarias,

rias , para que se oução por todo o mundo hu-  
mas vozes , q̃ o suspendem, que o admiraõ, e q̃  
o ensinaõ. Assim entendo , que he muito digno  
de imprimirse este livro , e que só será contra  
o serviço de V. Magestade occultaremse as  
obras do P. Antonio Vieira , de que a virtude,  
a felicidade , a sabedoria , e a eloquencia serão  
sempre huma immortal gloria do nosso Rey-  
no, e huma eterna inveja dos estranhos. Lisboa  
Occidental 10. de Novembro de 1735.

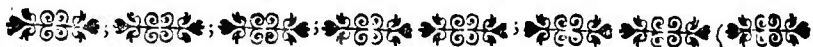
*Conde da Ericeira.*

**Q**ue se possa imprimir , vistas as licenças  
do santo Officio , e Ordinario , e depois  
de impresso tornará a esta Mesa para se  
conferir , e taixar , e dar licença para correr,  
sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12.  
de Novembro de 1735.

*Pereira.*

*Teixeira.*

*Rego.*



## Licença da Academia Real.

**O** Director, e Censores da Academia Real  
da Historia Portugueza daõ licença ao P.  
André de Barros para usar do titulo de  
Academico no livro intitulado *Vozes saudosas*  
da

*da eloquencia , &c. vistas as suas approvaçoens.*  
Lisboa Occidental 31. de Mayo de 1736.

*O Marquez de Valença. O Conde da Ericeira.*  
*Nuno da Sylva Telles.*



**E** Stá confórme com o seu original. Lisboa Occidental na Casa de S. Roque aos 5. de Junho de 1736.

*Lourenço Ferreira.*

**V** Isto estar confórme com o seu original póde correr. Lisboa Occidental 5. de junho de 1736.

*Fr. R. de Lancaastro. Teixeira. Silva:*  
*Cabedo. Soares. Abreu.*

**P** Ode correr. Lisboa Occidental 10. de Junho de 1736.

*Gouvea.*

**Q** ue possa correr , e taxaõ em 480. reis. Lisboa Occidental 14. de Junho de 1736.

*Pereira.*

*Teixeira.*



# INDEX

DAS VOZES, QUE SE  
contém neste livro.

<b>V</b> Oz Historica.	Pag. 3.
Voz Politica.	93
Voz Defenganada.	117
Voz Doutrinal.	143
Voz Agradecida.	169
Voz Generosa.	181
Voz Parenetica, ou Exhortato- ria.	189
Voz Metrica.	207
Voz Zelosa.	217
Voz Elevadissima.	235
Echo da Voz Elevadissima.	237
Suspiros Encomiasticos.	249 &
seq.	

VOZ

# VOZ HISTORICA.

**N**ESTA voz se admira a suavidade, e doçura de estilo, a pureza da linguagem, o ajustado das palavras, o fluido sem precipitação: hum fallar castigado, e sempre innocente, tão claro, que parece facil, mas tão difficuloso, como he tudo, o que se eleva ao perfeito; e como não continuou esta voz por mais dilatada narração, no ponto, em que acabou, deo principio ás saudades de si mesma, que nunca haõ de acabar.





# RELACÃO

DA MISSÃO DA SERRA DE IBIAPABA,  
E S C R I T A

Pelo P. ANTONIO VIEIRA,  
E TIRADA DO SEU MESMO ORIGINAL.

## §. I.

*Primeiros Missionarios da Companhia de  
Jesus, q̄ do Brasil passaraõ por terra  
ao Maranhão: seus trabalhos. Mor-  
re na empreza o V. Padre Fran-  
cisco Pinto, e outros.*



Elos annos de 1605. sendo já paci-  
ficadas as guerras, que em Pernam-  
bucó foraõ mui porfiadas da parte  
dos naturaes pelas violencias de  
certo Capitaõ Portuguez, se tornáraõ a pôr em  
armas todos os Indios avassallados, que havia

## 4 VOZ HISTORICA.

desde o rio Grande até o Ceará, onde ainda não tinhamos a fortaleza, que hoje defende aquelle sitio. E como em todo o Brasil tinha mostrado a experiencia o particular talento, e graça, que Deos deo aos Religiosos da Companhia de Jesus para compor os animos desta gente, a petição do Governador do Estado, que então era Diogo Botelho, foy nomeado para esta empreza o Padre Francisco Pinto, varaõ de grandes virtudes, e mui exercitado, e eloquente na lingua da terra, e por seu companheiro o Padre Luiz Figueira. Era o Padre Francisco Pinto muito aceito aos Indios pela suavidade do seu trato, e pelo modo, e industria, com que os sabia contentar; e sobre tudo o fazia famoso entre elles hum novo milagre, com que poucos dias antes indo o Padre a huma missãõ, acompanhado de muitos, e morrendo todos á sede em huns desertos, sendo as mayores calmas do Estio, com huma breve oração, que o Padre fez ao Ceo, pondo-se de joelhos, no mesmo ponto choveo com tanta abundancia, que alagados os lugares mais baixos daquellas campinas, que eraõ muito dilatadas, houve em todas ellas por muitos dias de caminho agua para todos: com estas  
assisten-



assistencias tão manifestas do Ceo foraõ recibidos os Padres, como Embaixadores de Deos, e naõ do Governador do Brasil, e sem haver entre todos aquelles Indios, posto que aggravados nas vidas, nas honras, e nas liberdades, quem puzesse duvida a tudo, o que o Padre lhes praticou, puzeraõ logo em suas maõs as armas, e nas delRey, e de seus Governadores a obediencia, a que dalli por diante nunca faltaraõ. Concluida tão felizmente esta primeira parte da sua missaõ, traziaõ os Padres por ordem, que intentassem os certoens do Maranhãõ, que naquelle tempo estava occupado pelos Francezes, apalpando a disposiçaõ dos Indios seus confederados, e vendo se os podiaõ inclinar á pureza da fé Catholica, que entre os Francezes estava mui viciada de heregias, e á obediencia, e vassallagem dos Reys de Portugal, a quem pertenciaõ aquellas conquistas. Assim o fizeraõ logo os Padres, sendo elles os primeiros Prégadores da fé, e ainda os primeiros Portuguezes, que do Brazil passaraõ ás terras do Maranhãõ. E marchando por terra com grandes trabalhos, e difficuldades, por irem abrindo o mesmo caminho, que se havia de andar, chegaraõ em fim ás serras de Ibiaba,

## 6 VOZ HISTORICA.

pába, onde viviaõ, como acastelladas, tres grandes povoaçoens de Indios Tobajaras debaixo do principal Taguaibunucú , que quer dizer Demonio grande; e verdadeiramente se experimentou depois sempre nesta missaõ , que residia , ou presidia naquelle sitio não só algum demonio, senão grande demonio , pela grande força , grande astucia , grande contumacia, com que sempre trabalhou , e ainda hoje trabalha por impedir os frutos , e progressos della : levantáraõ os Padres Igreja na mayor povoação da serra sem contradicção dos naturaes , antes com grandes demonstraçoens de contentamento , e em quanto insistiaõ quotidianamente na instrucção dos adultos, e declaração dos mysterios da nossa santa fé com grande fervor dos Mestres , e dos ouvintes , conhecendo huns , e outros de quanta importancia seria para a conservaçaõ, e augmento desta nova conquista de Christo ter pacificadas , e quietas as naçoens barbaras de Tapuyas , que cercavaõ , e infestavaõ os arredores da serra, trataraõ os Padres no mesmo tempo de trazer a si com dadivas todas estas naçoens féras , e fizeraõ pazes entre elles , e os Tabajaras , sendo os mesmos Padres os medianeiros, e ficando

do como por fiadores de ambas as partes. Mas debaixo deste nome de paz , traçando-o assim o demonio , sem mais occasião , que a fereza natural destes brutos , entraraõ hum dia de repente pela Aldeya , e pela Igreja os chamados Tocarijús ; e estando o Padre Francisco Pinto ao pé do Altar para dizer Missa , sem lhe poderem valer os poucos Indios Christaõs, que o assistiaõ , com frechas , e partazanas , que usavaõ de paos mui agudos , e pezados , lhe de- raõ tres feridas mortaes pelos peitos , e pela cabeça , e no mesmo Altar, onde estava para offerecer a Deos o sacrificio do corpo , e sangue de seu Filho , offerenceo, e consagrou o de seu proprio corpo, e sangue , começando aquella acção Sacerdote, e consummando-a sacrificio.

Com a morte, ou martyrio do Padre Francisco Pinto , cuja sepultura Deos fez gloriosa com o testemunho de muitos milagres , que se deixaõ para mais larga historia , o Padre Luiz Figueira , ficando só , e sem lingua , porque ainda a não tinha estudado , se retirou por ordem dos superiores para o Brasil , taõ sentindo porém de não ter acompanhado na morte, como na vida , ao Padre, a quem fora dado por companheiro, e com tanta inveja daquella

gloriosa sorte , que logo fez voto de voltar , quando lhe fosse possível , a levar por diante a mesma empreza , e buscar nella o mesmo genero de morte , que Deos então lhe negara , ao que elle dizia , por indigno. Mas ambos estes desejos cumprio Deos depois a este grande zelador de seu serviço ; porque no anno de 1623. sendo já de mayor idade o Padre Luiz Figueira , e tendo occupado com muita satisfação os mayores lugares da Provincia , veyo outra vez á missão do Maranhão , onde trabalhou por espaço de quatorze annos com grande proveito das almas dos Portuguezes , e dos Indios ; e levando-o o mesmo zelo a Portugal a buscar hum grande soccorro de companheiros , que o ajudassem a trabalhar nesta grande seara , partindo de Lisboa , e chegando á barra do Graõ Pará no anno de 1643. com onze de quinze Religiosos , que trazia consigo , foy cair nas mãos dos Tapuyas Aroás da boca do rio das Amazonas , onde elle , e os mais foraõ primeiro mortos com grande crueldade , e depois assados , e comidos daquelles barbaros.

## §. II.

*Vingão os Tobajarás a morte do seu Pastor. Entraõ os Holandezes em Pernambuco : reduzem a seu partido os Índios, que com esta cõmunicação se corrompem mais nos seus costumes. Sua barbaridade.*

**E** Ste foy o glorioso, e Apostolico fim , que tiveraõ os dous primeiros Missionarios do Maranhão , e da serra de Ibiapába , e os que puzeraõ as primeiras plantas nesta nova vinha. Dos frutos , que nella deixaraõ os Padres , parte em flor , parte em agrasso , naõ se logrou mais , que o nome de Christaõs , com que alguns ficaraõ , e outros depois receberaõ , continuando em tudo o mais , como gentios. Tiveraõ porém lembrança de vingar a morte de seu Pastor , na qual se mostraraõ taõ cavalheiros , que fazendo guerra em toda a parte aos Tocarijús , apenas deixaraõ desta nação , quem lhe conservasse o nome , e a memoria. Assim viveraõ os Tobajarás da serra gentios sobre ca-  
tecu-

## 10 VOZ HISTORICA.

tecumenos até o anno de 1630. em que os Holandezes occuparaõ Pernambuco, e pouco depois se fizeraõ senhores da fortaleza do Ceará, e reduziraõ a si todos os Indios daquelle visinhança. O trato, que os da Serra tiveraõ com os Holandezes, não foy sempre o mesmo; porque até o anno de 1642. foraõ seus confederados; e a este titulo os acompanharaõ na guerra do Maranhão, pelejando nella contra os Portuguezes, e contra os Tbojarás, que lá havia de sua propria nação; mas volta-raõ desta guerra taõ pouco satisfeitos do valor, e fortuna dos Holandezes, que se resolveraõ a vingar nelles as vidas, dos que naquella empreza tinhaõ perdido, e o fizeraõ com tanto successo, e resolução, que na fortaleza, que tinhaõ feito no Camucí por engano, e na do Ceará á escala vista passaraõ todos á frecha, e á espada.

Pode com tudo tanto a industria, e manha dos Holandezes, que com a dissimulação, e liberalidade tornaraõ depois a reconciliar os animos desta gente, e não só a fizeraõ amiga, mas a renderaõ, e sujeitaraõ de maneira, que quasi se deixaraõ presidiar delles em suas Aldeyas, não havendo nenhuma, em que não estives-

tiveſſem , como de ſentinella alguns Holandezes. Com a communicacão , e exemplo , e doutrina deſtes hereges não ſe pôde crer a miſeria , a que chegaraõ os pobres Tobajarás , porque de antes , ainda que não havia nelles a verdadeira fé , tinhaõ com tudo o conhecimento , e eſtima della , a qual agora não ſó perderaõ , mas em ſeu lugar foraõ bebendo com a heregia hum grande deſprezo , e aborrecimento das verdades , e ritos Catholicos , e louvando , e abraçando em tudo a largueza da vida dos Holandezes , taõ ſemelhante á ſua , que nem o herege ſe diſtinguia do gentio , nem o gentio do herege. Os males , que ſahindo deſta ſua Rochella fizeraõ em todo eſte tempo os Tobajarás da ſerra , não ſe podem dizer , nem ſaber todos , que elles os ſepultavaõ dentro em ſi meſmos. He toda eſta coſta chea de muitos baixos , que com o vento , e correntes das aguas ſe mudaõ frequentemente ; e foraõ muitos os navios de diferentes nações , que aqui fizeraõ naufragio , os quaes eraõ deſpojos da cubiça , da crueldade , e da gulla dos Tobajarás , porque tudo , o que eſcapava do mar , vinha cahir em ſuas mãos , roubando aos miſeraveis naufragantes as fazendas , tirando-

lhes

## 12 VOZ HISTÓRICA.

lhes as vidas, e comendolhes os corpos. E depois que a experiencia ensinou aos mareantes a se livrarem dos perigos da costa, inventou nella a voracidade, e cubiça desta gente outro genero de baixos, e mais cegos, em que muitos faziaõ o mesmo naufragio. Hiaõ os mais ladinos delles aos navios, que passavaõ de largo, promettiaõ grandes thesouros de ambar pelo resgate das mercadorias, que levavaõ, e quando sahiaõ com ellas em terra os compradores, succedialhe o que nestes ultimos annos aconteceu a huma nao da Companhia da Bolsa, de que era Capitão Francisco da Cunha, o qual debaixo destas promessas de ambar mandou á terra trinta soldados, e sahindo da praya ao rolo do mar outros trinta Indios forçosos para os tirarem ás costas, assim atados comfigo os meteraõ pelo mato dentro, e os mataraõ, e colinharaõ com grande festa, e os comeraõ a todos, não vendo os que ficaraõ na nao, mais que o fumo dos companheiros, que não cheirava ao ambar, por que esperavaõ. Esta era a vida barbara dos Tobajará de Ibiapába, estas as feras, que se creavaõ, e escondiaõ naquellas serras, as quaes foraõ ainda mais feras, depois que se vieraõ a juntar

tar



tar com ellas outras estranhas , e de mais refinado veneno , que foraõ os fugitivos de Pernambuco.

§. III.

*Danos, que recebe Pernambuco, e sua dilatada campanha da confederaçã dos Indios com os Holandezes. Estrago espirital dos Indios da serra de Ibiapãba com a companhia dos que para lá se retiraraõ.*

**E**Ntregou Deos Pernambuco aos Holandezes por aquelles peccados , que passaõ os Reynos de humas naçoens a outras , que saõ as injustiças. E como grande parte das injustiças do Brasil cahiraõ desde seu principio sobre os Indios naturaes da terra , ordenou a justiça divina , que dos mesmos Indios juntos com os Holandezes se formasse o açoute daquella taõ florente Republica. Rebellaraõse muitos dos Indios , e Christaõs , e vassallos , ( posto que outros obraraõ finezas de fidelidade ) e unindo suas armas com as do inimigo vencedor , naõ se

## 14 VOZ HISTORICA.

se póde crer o estrago , que fizeraõ nos Portuguezes , em suas mulheres, e filhos , exercitando em todo o sexo , e idade deshumanidades feíffimas, sendo os Indios , como inimigos domesticos , os guias, que franquearaõ a campanha aos Holandezes , e os executores das crueldades , que elles politica, e hereticamente lhes commettiaõ , desculpando com a barbaridade dos Brasilianos o que verdadeiramente não só eraõ consentimentos , senão mandados , e resoluçoens suas , para assim quebrantarem a honra , e constancia dos Portuguezes , que de outra sorte nunca podéraõ render. Vinte annos teve Deos sobre as costas dos Pernambucanos este rigoroso açoute , porque nos primeiros quatro da guerra estiveraõ todos os Indios pelos Portuguezes , até que no anno de 654. se deo por satisfeita a divina justiça com a milagrosa restituição de todas aquellas fortiffimas praças á obediencia do felicissimo Rey Dom João IV. Entraraõ os Indios rebeldes nas capitulaçoens da entrega com perdaõ geral de todas as culpas passadas ; mas elles como ignorantes de quaõ sagrada he a fé publica , temendo que os Portuguezes , como taõ escandalizados, applicariaõ as armas victoriosas á vingança,

ça , que tão merecida tinhaõ , e obrigados de certo rumor falso , de que os brancos hiaõ levando tudo á espada , lançaõ-se cega , e arrebatadamente aos bosques com suas mulheres, e filhos, onde muitos pereceraõ á maõ dos Tapuyas , e os demais se encaminharaõ ás serras de Ibiapába , como refugio conhecido , e valhacouto seguro dos malfeitores. Com a chegada destes novos hospedes ficou Ibiapába verdadeiramente a Genebra de todos os certoens do Brasil , porque muitos dos Índios Pernambucanos foraõ nascidos, e creados entre os Holandezes sem outro exemplo , nem conhecimento da verdadeira Religiaõ. Os outros militavaõ debaixo de suas bandeiras com a disciplina de seus regimentos , que pela mayor parte saõ formados da gente mais perdida , e corrupta de todas as naçoens da Europa. No Recife de Pernambuco , que era a corte , e emporio de toda aquella nova Holanda, havia Judeos de Amsterdaõ, Protestantes de Inglaterra, Calvinistas de França , Lutheranos de Alemanha , e Suecia , e todas as outras feitas do Norte , e desta Babel de erros particulares se compunha hum atheismo geral , e declarado , em que não se conhecia outro Deos , mais que o

## 16 VOZ HISTORICA.

interesse , nem outra ley , mais que o appetite; e o que tinhaõ aprendido nesta escola do inferno, he o que os fugitivos de Pernambuco trouxeraõ , e vieraõ ensinar á serra , onde por muitos delles saberem ler , e trazerem consigo alguns livros , foraõ recebidos , e venerados dos Tobajarás , como homens letrados , e sabios , e criaõ delles , como de oraculo , quanto lhes queraõ meter em cabeça.

Desta maneira dentro em poucos dias foraõ huns , e outros semelhantes na crença , e nos costumes ; e no tempo , em que Ibiapába deixava de ser republica de Baccho , ( que era poucas horas, por serem as borracheiras continuas de noite , e de dia ) eraõ verdadeiramente aquellas Aldeyas huma composiçaõ infernal , ou mistura abominavel de todas as feitas , e de todos os vicios , formada de rebeldes, traidores , ladroens , homicidas, adulteros, Judeos, hereges , gentios , Atheos , e tudo isto debaixo do nome de Christaõs , e das obrigaçoens de Catholicos.

## §. IV.

*Chega segunda vez o P. Antonio Vieira ao Maranhão, e o Governador André Vidal de Negreiros intenta huma fortaleza na boca do rio Camuci, empreza, que dependia da vontade dos habitadores da serra. Escrevelhe o P. Antonio Vieira.*

*Succeſſo da reposta da çumaca, que com materiaes, e soldados partio a levantar a fortaleza.*

**E** Ste era o miseravel estado da Christandade da serra, quando no anno de 1655. chegou segunda vez ao Maranhão o Padre Antonio Vieira com ordens de Sua Magestade, para que a doutrina, e governo espirital de todos os Indios estivesse á conta dos Religiosos da Companhia; e posto que o estado referido daquelles Christãos, de que já entãõ havia noticias por fama; promettia mais obstinaçõ, que remedio; considerando porém os Padres,

B

que

## 18 VOZ HISTORICA.

que a sua primeira obrigação era acudir á reformação dos Indios já bautizados , e que estes da Serra tinhaõ sido os primogenitos desta missaõ , e de quaõ pernicioso exemplo seria , para os que se houvessem de converter , e para os já convertidos a vida escandalosa , em que estavaõ , e muito mais a immuniidade della. Era ponto este , que dava grande cuidado a toda a missaõ , e que muito se encommendava a Deos , esperando todos , que chegariaõ ao Ceo as vozes do sangue do seu Abel o Padre Francisco Pinto , e que amansadas aquellas feras , que já estavaõ marcadas com o caracter do bautismo , tornariaõ outra vez ao rebanho , de que eraõ ovelhas. Ajudou muito esta esperanza hum novo intento do Governador André Vidal de Negreiros , o qual chegou no mesmo anno ao Maranhão , resolutto a levantar huma fortaleza na boca do rio Camucí , que he defronte das serras , para segurança do commercio da pao Violete , que se corta nas fraldas dellas , e do resgate do ambar , que a tempos sahe em grande quantidade naquellas prayas. Esta he a suavidade da providencia divina tantas vezes experimentada nas missões de ambas as Indias , onde sempre entrou , e se

e se dilatou a fé levada sobre as azas do interesse. Communicados os pensamentos do Governador, e Superior das missoens, julgaraõ ambos, que primeiro se escrevesse aos Indios da serra, de quem naõ só dependia o commercio, mas ainda a fabrica, e sustento da fortaleza. Mas difficultava, ou impossibilitava de todo a embaixada a difficultade do caminho de mais de cem legoas, atalhado de muitos, e grandes rios, e infestado de diversas naçoens de Tapuyas, feros, e indomitos, que a ninguem perdoã; e confirmado tudo com a experiencia da mesma viagem, intentada outra vez com grande poder de gente de armas, e naõ conseguida. Com tudo houve hum Indio da mesma nação Tobajará, chamado Francisco Murereíba, o qual confiado em Deos, como elle disse, se atreveo, e offereceo a levar as cartas. O teor dellas foy offerecer o Governador em nome delRey a todos os Indios, que se achavaõ na serra, perdoã, e esquecimento geral de todos os delictos passados, e darlhes a nova de serem chegados ao Maranhão os Padres da Companhia, seus primeiros pays, e Mestres, para sua defenza, e doutrina. E o mesmo escreveo o Padre superior das missoens,

dando a si, e a todos os Padres por fiadores de tudo, o que o Governador promettia; e referindo-se humas, e outras cartas ao mensageiro, que era homem fiel, e de entendimento, e hia bem instruido, e affecto ao que havia de dizer. Partio Francisco com as cartas em Mayo de 1655. e como fossen passados nove mezes sem nova delle, desesperado de todo este primeiro intento, no Fevereiro do anno seguinte, que saõ as monçoens, em que de alguma maneira se navega para barlavento, despachou o Governador huma çumaca com hum Capitaõ; e quarenta soldados, e os materiaes, e instrumentos necessarios á fabrica da fortaleza do Camucí, e na mesma çumaca hia embarcado o P. Thomé Ribeiro com hum companheiro, para saltarem em terra no mesmo sitio, e praticarem aos Indios, e darem principio áquella missaõ. Animou tambem muito a resolução do Governador, e intentos dos Padres a paz, que por meyo delles vieraõ buscar ao Maranhão os Teremembés, que saõ aquelles gentios, que frequentemente se nomeaõ no roteiro desta costa com o nome de Alarves, cuja relação nós agora deixamos por ir seguindo a çumaca, e não embaraçar o fio desta historia.



## §. V.

*Navegação desde o Maranhão ao Ceará difficullosissima. Arriba a çumaca. Parte o P. Antonio Vieira, e intenta a despeito dos mares ir á Bahia a buscar Mijfionarios. Demoras, que tem, e como encontra os Indios com a reposta da sua carta, e voltaõ todos para o Maranhão.*

**H**Uma das mais difficullosas, e trabalhosas navegaçoens de todo o mar Oceano he, a que se faz do Maranhão até o Ceará por costa, não só pelos muitos, e cegos baixios, de que toda está cortada, mas muito mais pela pertinacia dos ventos, e perpetua correnteza das aguas. Vem esta correnteza feita desde o cabo da Boa Esperança com todo o pezo das aguas do Oceano na travessa, onde elle he mais largo, que he entre as duas costas de Africa, e America, e começando a delcabeçar desde o cabo de Santo Agostinho até o cabo do

Norte, he notavel a força , que em todo aquelle cotovello da costa faz o impeto da corrente, levando apos si não só tanta parte da mesma terra , que tem comido , mas ainda aos proprios Ceos , e os ventos , que em companhia das aguas , e como arrebatados dellas , correm perpetuamente de Leste a Oeste. Com esta contrariedade continua das aguas, e dos ventos, que ordinariamente são brizas desfeitas , fica toda a costa deste Estado quasi innavegavel para barlavento ; de sorte , que do Pará para o Maranhão de nenhum modo se póde navegar por fóra , e do Maranhão para o Ceará com grandissima difficuldade , e só em certos mezes do anno , que são os de mayor inverno.

Navegase nestes mezes pela madrugada com a bafagem dos terrenos , os quaes como são incertos, e duraõ poucas horas, todo o resto do dia , e da noite , e ás vezes semanas, e mezes inteiros se está esperando sobre ferro na costa descuberta , e sem abrigo , sendo este hum trabalho , e enfadamento mayor , do que toda a paciencia dos homens ; e o peyor de tudo he , que depois desta taõ cansada porfia acontece muitas vezes tornarem as embarcaçoens arribadas ao Maranhão , como tambem

arri-

arribou nesta occasião a çumaca , em que hia o Padre , e os soldados para o Camucí , tendo gastado cincoenta dias em montar só até o rio das Preguiças , que he viagem , que desfizeraõ em doze horas. Depois mostrou a experiencia, que fora providencia particular de Deos não chegarem os soldados a pôr pé em terra , nem se intentar a fabrica da fortaleza ; porque segundo a disposição , em que entaõ estavaõ os Indios da serra , he sem duvida , que ou haviaõ de impedir a fortaleza por armas , ou se haviaõ de retirar para taõ longe della , onde nunca mais fossẽm vistos.

Partio nesta mesma monção em huma embarcação Latina o Padre Manoel Nunes para o Ceará, e o Padre Antonio Vieira para a Bahia : hia hum a cultivar os Indios daquelle districto , outro para trazer sujeitos , que podessẽm acudir aos demais ; e posto que venceraõ mais legoas da costa pela melhoria das velas , e perseveraraõ mais tempo na mesma porfia , teimando contra o mar, até se verem quasi comidos delle , em fim desenganados houveraõ tambem de arribar ; mas na hora, em que se acabava de tomar este acordo para se levarem as ancoras , eisque vem huma embarca-

## 24 VOZ HISTORICA.

ção pequena á vela , escorrendo a costa , e gente vestida de cores, marchando pela praya. Ao principio cuidaraõ , que eraõ estrangeiros escapados de algum naufragio , mas chegando mais perto , reconhecerãõ que era o Indio Francisco , que acompanhado de outros da ferra vinhaõ trazer a reposta das cartas, com que havia quasi hum anno tinha partido do Maranhãõ. Recebidos com a festa , e alvoroço , que merecia tal encontro , e taõ pouco esperado , e dando já por bem empregado o trabalho da dilação , deo Francisco por causa da sua tardança o haver encontrado pelo caminho grande variedade de naçoens de Tapuyas, que o detinhaõ , e traziaõ comfigo muitos dias. E perguntado , como escapara delles com vida , sendo gente , que a ninguem perdoa ; respondeo , que lhe inspirara Deos , quando se vio nas mãos dos primeiros , offerecerlhe voluntariamente tudo, o que levava comfigo , e sobre si , esperando , que como não tivessem que roubar , não o quereriaõ matar inutilmente , e que assim o faziaõ ; antes ao despedirse lhe davaõ sempre algumas cousas das suas , em agradecimento das que tinhaõ recebido ; e que proseguindo na mesma fórma dando a

huns,

huns, o que recebia dos outros, se livrara das mãos de todos. Eraõ dez Indios os da serra, que acompanhavaõ a Francisco, dos quaes o q̄ vinha por mayoral, appresentou aos Padres as cartas, que trazia de todos os principaes, metidas, como costumaõ, em huns cabaços tapados com cera, para que nos rios, que passaõ a nado, se naõ molhassem. Admiraraõse os Padres de ver as cartas escritas em papel de Veneza, e fechadas com lacre da India; mas até destas miudezas estavaõ aquelles Indios providos tanto pela terra dentro pela communicação dos Holandezes, de quem tambem tinhaõ recebido as roupas de grã, e de seda, de que alguns vinhaõ vestidos. Desta maneira sabem os politicos de Holanda comprar as vontades, e sujeição desta gente, e passallos da nossa obediencia á sua, o que nós poderamos impedir pelos mesmos fios com muito menos custo, mas sempre as nossas razoens de estado foraõ vencidas da nossa cubiça, e por naõ darmos pouco por vontade, vimos a perder tudo por força. A letra, e estilo das cartas era dos Indios Pernambucanos, antigos discipulos dos Padres, e a sustancia dellas era daremse os parabens de nossa vinda, e significarem o grande alvo-

## 26 VOZ HISTORICA.

roço, e desejo, com que ficavaõ esperando para viverem como Christaõs, naõ se esquecendo de lembrar aos Padres, como elles tinhaõ sido os primeiros filhos seus, e quaõ viva estava ainda em seus coraçõens a memoria, e saudades do seu santo pay o Paí-Pina, que assim chamavaõ ao Padre Francisco Pinto.

### §. VI.

*Partem á missaõ da serra de Ibiapába o P. Antonio Ribeiro, e o P. Pedro de Pedroza. Difficuldades, perigos, e trabalhos, que passaõ estes Apostolicos Missionarios. Favores do Ceo, que experimentaõ antes de chegar a Ibiapába.*

**C**Hegada ao Maranhão esta reposta taõ conforme ao que se desejava, se resolveo logo, que a viagem se fizesse por terra, e foraõ nomeados para esta missaõ o Padre Antonio Ribeiro, pratico, e eloquente na lingua da terra, e o Padre Pedro de Pedroza, que

que pouco antes tinha chegado de Portugal.

Até o rio das Preguiças levaraõ os Padres hũa boa escolta de soldados Portuguezes , com que passaraõ vinte e cinco legoas de perpetuos areaes, chamados vulgarmente os Lançoës, por ser este passo mui infestado dos Tapuyas. Despedida a escolta, se descobrio logo quanto o inimigo da salvaçaõ das almas tratava de estorvar esta viagem , como se experimentou mais no discurso della. Como em todo este caminho não ha povoação , nem estalagem , he hum dos grandes trabalhos , e difficuldades delle haver de levar o mantimento ás costas , que vem a ser a farinha , que chamaõ de guerra , que he o biscouto destas terras , o qual ao uso dellas se leva em huns como sacos de vimes tecidos , ou embaftidos de folhas. Succedeo pois , que os que levavaõ estes sacos ás costas , assim por se aliviarem do pezo , como por ser gente , que come sem nenhuma regra , em treze dias , que tinha durado a viagem, os tinhaõ desentranhado de maneira , que quando os Padres foraõ a dar balanço á farinha , não acharaõ mais , que o vulto da folhagem , e que toda a tropa , que constava de sessenta bocas , estava totalmente sem mantimento. Todos votavaõ , que voltafsem  
sem

sem outra vez para o Maranhão, pois não tinhaõ de que se sustentar, e lhe restavaõ por andar as tres partes do caminho, e essas do mayor trabalho, e detença. Mas os Padres resolveraõ, que o que se havia de padecer tornando atraz, se padecesse proleguindo adiante, e animando aos Indios, se fez assim, e se sustentaraõ todos sómente de caranguejos com algum pouco peixe, que lhes deraõ os Tere-membés em dous dos seus magotes, que encontraraõ. Governava hum destes magotes Tatuguaçú; hum dos quaes tinha ido ao Maranhão, e que era o interprete dos demais; ao qual, como logo entãõ se colheo de suas palavras, nunca lhe pareceo bem, que as suas prayas fossem francas aos Portuguezes, e devaçadas de passageiros; e como esta era a primeira viagem, tratou de cortar nella o fio, e os intentos a todas as demais, dando de noite hum bom assalto nos nostros. A este fim convidou huma boa parte dos Indios a certa pescaria, que se havia de fazer de noite em hum posto distante, e aos soldados Portuguezes, que eraõ oito, tambem os procurou retirar, tomando para isso huma traça, que bem se via ser inspirada pelo demonio; e foy prometter-lhes



lhes, que lhes mandaria algumas de suas mulheres, para os ter longe dos Padres, e divertidos, tendo no mesmo tempo escondido no mato o mayor corpo da sua gente para rebentar com ella nas horas do mayor descuido. De tudo isto estavaõ os Padres bem innocentes, fazendo exame da consciencia, como he costume, para se recolherem a descansar, quando nõ mesmo exame lhes veyo hum escrupulo, sem duvida inspirado pelo Anjo da Guarda, começando a duvidar da fé do Teremembé, e inferindo do mesmo bom agazalho, que lhes fizera, a traição, que debaixo d'elle tinha, ou podia ter armado. Com esta suspeita sem outro indicio, nem averiguação ordenaraõ, que se fizesse logo a marcha, que estava disposta para se fazer de madrugada, abalando com todo o silencio, e marchando toda a noite, e deste modo amanheceraõ livres, e vivos, os que tinhaõ decretada a morte para aquella noite. Assim o descubrio depois aos Padres huma velha da mesma nação, a qual tinha ido ao Maranhão na occasião das pazes, onde fora mui bem tratada dos nossos, e agora em agradecimento veyo escondidamente a trazerlhes aquelle aviso, que ainda foy bom para a cautela,

tela , posto que senão acabaraõ aqui os perigos.

## §. VII.

*Rios caudalosos , que se atravessãõ nesta jornada. Risco da canoa, em que hia o P. Antonio Ribeiro. Livraõ milagrosamente. Chegaõ estes Missionarios á desejada serra de Ibiapába.*

**H**Um dos perigos , e trabalhos grandes ; que tem este caminho , he a passagem de quatorze rios mui caudalosos, que o atravessãõ, e se passaõ todos por meyo da foz, onde confundem , e encontraõ suas aguas com as do mar ; e porque não ha nestes rios embarcação para a passagem , he força trazella do Maranhão com immenso trabalho , porque se vem levando ás mãos por entre o rolo , e a reffaca das ondas, sempre por costa bravissima, allagandose a cada passo, e atirando o mar com ella , e com os que a levaõ com risco não só dos Indios , e da canoa , senão da mesma viagem , que della totalmente depende.

Mui-

Muitas vezes he tambem necessario arrastalla por grande espaço de terra , e montes para a lançar de hum mar a outro , e talvez obrigaõ estas difficuldades a tomar a mesma canoa em pezo ás costas com toda a gente , e levalla assim por muitas legoas ; de modo que para haver embarcaçãõ para passar os rios , se ha de levar pelo mar , pela terra , e pelo ar , e bem se vê quanta seria a molestia , e afflicçãõ dos Padres nesta sua viagem em persuadir , e animar a hum trabalho taõ forte a homens , que quasi vinhaõ sem comer , e mal podiaõ arrastar os corpos. Na passagem do rio Parámirim , que he o mais forçoso de todos , foy tal o impeto da corrente , que arrebatando a canoa , a levou rodando mais de tres legoas pelo mar alto dentro , dando já todos por perdidos ao Padre Antonio Ribeiro , que nella hia , e sete Indios. Chamaraõ todos neste aperto pela Virgem nossa Senhora da Conceiçãõ , invocando seu nome a grandes brados , como succede na ultima desesperaçãõ dos remedios humanos ; e por milagre da Senhora , depois de cinco horas de lutar com as ondas , o mesmo mar os trouxe á terra , naõ havendo já quem tivesse animo , nem braços para poder susten-

tar

tar os remos, nem o governo. Succedeo neste perigo huma circumstancia de trabalho nunca vista, nem imaginada; hia o rio em partes profundamente entrando por entre morros de area mui altos, dos quaes com o perpetuo remoinho dos ventos era taõ espeſſo o chuveiro da area, que cahia sobre a canoa, que trabalhando a mayor parte dos que nella hiaõ em a lançar fóra com as mãos, com os remos, com os chapeos, e com tudo o que podia ser de prestimo, não bastavaõ a alijar, e descarregar o pezo della, que por momentos os hia alagando, e levando a pique; mas de tudo os livrou a protecção daquella divina Senhora, a quem tudo obedece. As outras molestias, e incommodidades, que padecem nesta viagem homens creados no retiro da sua cella, são muito para agradecer, e louvar a Deos; porque o caminho, que he de mais de cento e trinta legoas pelo rodeyo das enseadas, o fazem os Padres todo a pé, e sem nenhum abrigo para o Sol, que nas areas he o mais ardente; porque em todas ellas não ha huma só arvore, e até a lenha a dá não a terra, senão o mar em alguns paos secos, que deitaõ as ondas á praya. A cama era aonde os tomava a noite

so-

sobre a mesma area , e tambem debaixo della; porque marchavaõ no tempo das mayores ventanías , as quaes levantaõ huma nuvem , ou chuva de area taõ continua , que em poucas horas de descuido se acha hum homem cuberto, ou enterrado; até o mesmo vento ( coufa que parece incrível ) he hum dos mayores trabalhos , e impedimentos desta navegação por terra , porque he necessaria tanta força para romper por elle, como se fora hum homem nadando , e não andando. Em fim , como esta era a primeira viagem , que se fazia , ou abria depois de tantos annos por estas prayas, a falta de experiencia , como succede em todas as cousas novas , fazia mayores os trabalhos , e os perigos. Mas vencidos todos com o favor de Deos , que da fraqueza tirava forças; aos 4. de Julho de 1656. em que se contaraõ trinta e cinco de viagem , chegaraõ os Padres á sua desejada terra de Ibiapába sem alento; nem côr , nem semelhança de vivos , que taes os tinha parado o caminho , e a fome. Quão accomodado porém fosse este lugar , onde chegavaõ , para descansar , e convalecer de todos estes trabalhos , se verá pela breve relação , que agora daremos da terra.

## §. VIII.

*Descripção do sitio da serra de Ibiapába: sua difficultosa subida: sua altura, que excede ás nuvens: condição de seus moradores: e chegados a ella os Missionarios, quanto obraõ.*

**I** Biapába, que na lingua dos naturaes quer dizer Terra talha, não he huma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantaõ ao certão das prayas de Camucí, e mais parecidas a ondas de mar alterado, que a montes se vão succedendo, e como encapellando humas apos das outras em destriçto de mais de quarenta legoas: faõ todas formadas de hum só rochedo durissimo, e em partes escavado, e medonho, em outras cubertas de verdura, e terra lavrada; como se a natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que sendo sempre duras, e como de pedras, ás vezes daõ esperanças, e se deixaõ cultivar. Da altura destas serras não se póde dizer cousa cer-



frios do Norte, e só se podem passar com a fogueira sempre ao lado. As aguas são excellentes, mas muito raras, e a essa carestia attribuem os naturaes ser toda a terra muito falta de caça de todo o genero; mas bastava para toda esta esterilidade ser habitada, ou corridá ha tantos annos de muitas naçoens de Tapuyas, que sem casa, nem lavoura vivem da ponta da frecha, matando para se sustentar, não só tudo, o que tem nome de animal, mas ratos, cobras, çapos, lagartixas, e de todas as outras immundicias da terra. Quasi na mesma miseria vivem igualmente os Tobajarás, pôsto que poderaõ sem muita difficuldade supprir a necessidade da terra com os soccorros do mar, que lhe fica distante vinte e cinco legoas, e sobre ser mui abundante de todo o genero de pescado, está offerecendo de graça o sal nas prayas em huma salina natural de mais de duas legoas; mas he taõ grande a inercia desta gente, e o ocio, em que excedem a todos os do Brasil, que por milagre se vê hum peixe na terra, vivendo de mandioca, milho, e alguns legumes, de que tambem não tem abundancia; com que he entre elles perpetua a fome, e parece que mais se mantém della, que do sustento.

Naõ



Naõ foraõ novas aos Padres as incommodidades do sitio, de que já tinhaõ certas noticias, como dos costumes dos moradores , os quaes acharaõ em tudo no estado , em que acima os descrevemos , posto que foraõ recebidos delles com grandes demonstraçoens de goſto, e humanidade, e com aquella admiraçaõ, e applauso, que sempre achaõ nesta gente todas as cousas novas. A primeira, em que entenderaõ os Padres foy em levantar Igreja, de que elles naõ só foraõ os Mestres, senaõ os officiaes, trabalhando por suas proprias maõs, assim pelo exemplo, como pela necessidade, porque era pouca a diligencia, com que os moradores se applicavaõ á obra. A do edificio espiritual se começou juntamente, porque desde o primeiro dia começaraõ os Padres a ensinar a doutrina no campo, a que concorriaõ principalmente os pequenos, que muito brevemente tomaraõ de memoria as oraçoens, e respondiaõ com promptidaõ a todas as perguntas do Catecismo. Mas depois, que os Padres lhes ensinaraõ a cantar os mesmos mysterios, que compuzeraõ em verlos, e tons muito accomodados, vioſe bem com quanta razaõ dizia o Padre Nobrega, primeiro Miſſionario do

## 38 VOZ HISTORICA.

Brasil, que com musica, e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da America. Foraõ daqui por diante muito mayores os concursos, e doutrinas de todos os dias; e mayores tambem as esperanças, que os Padres conceberaõ de que por meyo desta musica do Ceo queria o divino Orfeo das almas encantar estas féras destas penhas, para as trazer ao edificio da sua Igreja. A primeira pedra, que se lançou nelle, e o primeiro fruto, que se começou a colher, foy o baptisimo de muitos adultos, e de todos os innocentes, porque nenhum pay houve, que não trouxesse a baptizar todos os seus filhos, dos quaes muitos foraõ logo chamados, ou arrebatados ao Ceo antes dos annos do entendimento, para que a malicia dos mesmos pays lho não pervertesse.

## §. IX.

*Impedimento , que poem o demonio á fé.  
Meyos, de que usa. Desacerto de hum  
Capitaõ Portuguez. Perigo da for-  
taleza do Ceará.*

**S** Offreo mal o demonio , que se lhe tirassem das mãos estes despojos tenros , que elle desde o nascimento tinha já marcados por seus , e temendo destes principios , que viria pouco a pouco a ser lançado daquelle castello infernal , que he a chave de tantas outras naçoens , que taõ absolutamente estava dominando , determinou fazerse forte nelle com todas as suas forças , e astucias , e com as mesmas fazer a esta missaõ a mais cruel , e porfiada guerra , que já mais se tem experimentado até hoje na conquista espiritual de todas as gentildades do Brasil. Tinhaõ vindo os Padres a Ibiapába com ordem naõ de fazerem alli residencia , mas de verem a disposiçaõ da gente , e do lugar , e com aviso aos Superiores esperarem a resoluçaõ do que haviaõ de seguir. Daqui

tomou occasião o demonio , e daqui forjou as suas primeiras armas , metendo em cabeça a todos os principaes , que os Padres não vinhão a tratar da sua salvação , senão da sua ruina , e que eraõ espias diffimulados dos Portuguezes , para avisarem do que passava na terra , e quando estivessem mais descuidados os entregarem a todos em suas mãos , os mayores para serem justicados pelos delictos passados , e os outros para serem vendidos por escravos em perpetuo cativeiro. Não se sabe de qual nasceo primeiro este diabolico pensamento , mas como todos estavaõ criminosos , e deviaõ tanto á justiça do Ceo , e da terra , a propria consciencia lhes affoprava este fogo dentro dos coraçoes , e os de Pernambuco , em que eraõ mayores as culpas , e mayor o temor , eraõ os que mais criaõ , e confirmavaõ tudo , não havendo acção , nem movimento , nem palavra , nem ainda silencio dos Padres , de que não fizessem novo argumento , e convertessem no mesmo veneno. Isto só se fallava entre todos , sobre isto se discorria , e se bebia , que he o tempo , e o lugar de seus mais vivos discursos. Estas eraõ as profecias dos feiticeiros , estes os conselhos dos velhos , estes os temores , e os pran-

tos das mulheres , olhando todos dalli por diante para os Padres , não como pays , e defensores seus , mas como espias inimigos , e traidores de sua patria , de suas vidas , e de suas liberdades , e como taes se retiravaõ , e retiravaõ a todos da casa , e conversação dos Padres , fugindo até da Igreja , da doutrina , das pregaçoens , e ainda da mesma Missa , que era o que o demonio pertendia. Succedeo por este tempo fazer viagem o Governador André Vidal do Maranhão para Pernambuco por terra com aviso , que lhe fizeraõ os Padres , que estava seguro o caminho ; e como o Governador trazia grande escolta de soldados , e Indios , tiveraõ por certo os de Ibiapába , que aquelle apparatus se encaminhava a conquistallos , e diffimuladamente chamaraõ todos os Tapuyas da sua confidencia , e os tiveraõ em cilda em quanto o Governador passou pelas suas prayas ; e depois que esteve em lugar , que já não podia voltar atraz , tornaraõ a desfazer esta prevenção com tanta dissimulação , e secreto , que não chegou á noticia dos Padres , senão dahi a annos. Quasi começaraõ a se aquietar com este desengano os temõres dos da terra , e a verdade dos Portuguezes tambem come-

meçou a triunfar das falsas , e indignas suspei-  
tas , que delles tinhaõ ; mas o demonio , que  
naõ aquietava , levantou em outra parte hum  
novo incendio para tornar a cegar com o fu-  
mo delle , aos que já parece queraõ abrir os  
olhos. Nos arredores da fortaleza do Ceará,  
distante de Ibiapába sessenta legoas , vivem  
duas naçoens de Tapuyas gentios , confedera-  
das ambas com os Portuguezes , mas inimigas  
entre si ; huns se chamaõ Ganacés , outros Ju-  
guaruanas. Estavaõ estes occupados no maro  
em cortar madeira do precioso pau Violete  
para o Capitaõ da fortaleza , quando os Gana-  
cés , levando consigo alguns Indios Christaõs  
de duas Aldeas avassalladas , que alli temos,  
deraõ de repente sobre elles , e tomandolhes as  
mulheres , e filhos , se vinhaõ retirando com a  
preza. Fizeraõ aviso os Juguaruanas ao Capi-  
taõ da fortaleza , em cujo serviço estavaõ , o  
qual lhes mandou de soccorro vinte e quatro  
soldados Portuguezes com ordem , que os ajus-  
tasssem , e pelejasssem contra seus inimigos , po-  
dendo mais neste caso , como sempre póde , a  
razaõ da cubiça , que a do estado , a qual di-  
ctava , que se guardasse neutralidade com am-  
bas as naçoens , pois ambas eraõ nossas aliadas.

Che-

Chegaraõ os soldados aos Ganacés , que se tinhaõ feito fortes em huma roboleira do bosque , e defordenando mais a defordenada ordem , que levavaõ , hum delles , que naõ era branco , persuadio aos fortificados , que entregassem em confiança suas armas em sinal de paz , para se retirarem debaixo das nossas. Mas os Juguaruanas , que já tinhaõ recuperado a preza , tanto que viraõ a seus inimigos desfarmados , sem lhes poderem valer os soldados Portuguezes , deraõ sobre elles , e em hum momento quebraraõ as cabeças a todos , que he o seu modo de matar , sem ficar de quinhentos , que eraõ , nem hum só com vida. Foy este hum caso , que grandemente alterou os animos de todos os Indios do Ceará , e muito mais os vassallos , e aliados , vendo que á sombra de nossas armas , de que elles esperavaõ a defensa , fora a mesma , e por estylo taõ indigno , que os metera como cordeiros nas maõs de seus inimigos. Clamavaõ contra os interesses do Capitaõ , e contra a lealdade dos soldados , o que lhes ensinava a dor , e justa ira , e talvez se precipitavaõ em ameaças contra a fortaleza , e contra as vidas de quantos estavaõ nella.

## §. X.

*São chamados os Padres para socegarem os Indios : differenças entre estes : acode no mayor fervor da briga o P. Antonio Ribeiro , a cujas vozes suspendem todas as armas , e ficam em paz : refórma tudo este grande Missionario, e parte a Pernambuco em busca de remedio , mas sem effeito.*

**P**osta a fortaleza neste aperto , e receyo, receberão os Padres cartas do Capellaõ, e Almojarife , em que lhe representavaõ o estado de tudo , e lhes pediaõ , que por serviço de Deos, e delRey quizessem acodir com toda a pressa áquella força , pois só a sua presença , e a muita authoridade , que tem com os Indios , poderia obrar em seus animos , taõ justamente irados , o que importava á conservação de todos. Por esta causa , e por pertencerem tambem aquelles Indios a esta missaõ, resolverão os Padres partir logo ao Ceará ; mas

ven-



vendo , que com a noticia desta jornada tornavaõ a reverdecer as suspeitas dos de Ibiapába, houve de ficar alli hum dos Padres , como em refens do outro , e foy só áquella empreza o Padre Antonio Ribeiro , que como taõ eloquente na lingua , e exercitado em conhecer, e moderar os animos desta gente , sobre tudo ajudado com particular favor de Deos , poz tudo em poucos dias em paz.

Primeiro aquietou , naõ sem difficuldade, os Indios Christaõs das Aldeas , que como vassallos delRey , e creados em mayor politica , sabiaõ melhor sentir , e encarecer a causa da sua dor ; e com elles ficaraõ tambem quietos os Ganacés , primeiros movedores desta tragedia , ajudando naõ pouco a sua mesma culpa a se comporem com o successo. Só os Juguaruanas, como provocados sem causa , e como insolentes com a victoria , naõ cessavaõ de ameaçar continuamente a ambas as Aldeas, em huma das quaes deraõ de repente ao tempo, que o Padre estava levantando a hostia ; mas acabada a Missa com a pressa , que pedia o perigo , estando já alguns da Aldea mortos , e feridos quasi todos , que naõ chegavaõ a quarenta , sendo quatrocentos os barbaros , que combatiaõ

## 46 VOZ HISTORICA.

batiaõ huma fraca estacada , de que estava cercada , o Padre se subio intrepidamente sobre ella por meyo das frechas , e naõ pedindo pazes , nem rogando , senaõ reprehendendo , e ameaçando o castigo de Deos aos barbaros , deo Deos tanta efficacia a estas vozes , e ao imperio dellas , que suspendendo os arcos , e frechas , se retiraraõ logo todos. E dalli a tres dias em presença do Padre , e do Capitaõ da fortaleza vieraõ a fazer pazes , que se celebraraõ solemnemente entre estas , e as mais naçoens offendidas. Em quanto isto se obrava , naõ attendia o Padre com menos cuidado á doutrina dos Indios Christaõs , os quaes achou na mesma confusaõ , e miseria , em que estavaõ os de Ibiapába , e se se póde cuidar , ainda mayor pela mayor vizinhança , e communicacãõ , que haviaõ tido dos Holandezes , se bem o respeito da fortaleza , e o presidio os tinha feito menos rebeldes , e insolentes , que os outros. Ensinaraõse os innocentes , e bautizaraõse todos os herejes , e se reconciliaraõ com a Igreja muitos , que estavaõ casados ao modo de Holanda , e se receberaõ com os ritos Catholicos. Em fim as duas povoaçoens , que eraõ compostas de gentios , e hereges , ficaraõ de todo Christãs.

Ref-

Restava sómente a fortaleza por render, onde em certo modo se pôde dizer, que estava, e está o demonio mais forte pela cubiça dos Capitaes, e torpeza dos soldados. A estes tirou o Padre trinta Indias, as mais dellas casadas, de que se serviaõ com publica offensa de Deos, e sem pejo dos homens, indo-as buscar livremente ás Aldeas, e tomando-as, se era necessario, por força a seus maridos. Dos maridos se estavaõ servindo igualmente os Capitaes para seus interesses com tanta oppressão dos miseraveis, e taõ pouca, e taõ enganosa satisfação do continuo trabalho, ou cativoiro, em que os trazem, sem descansar já mais, que se podia duvidar, quaes eraõ dignos de mayor lastima, se as mulheres nõ torpe serviço dos soldados, se os maridos no injusto dos Capitaes. Tratarãõ os Indios com o Padre de pôr remedio a estes danos, que naõ eraõ menos consideraveis para os mesmos Portuguezes, se aquelles vicios deixaraõ olhos abertos Representouse por meyo mais effectivo retiraremse aquellas Aldeas dalli para Pernambuco, donde todos os annos, assim como vem, e se mudaõ os soldados Portuguezes, assim viessem, e se mudassem os Indios necessarios ao serviço da

da fortaleza, e com esta proposta passou o mesmo Padre a Pernambuco, posto que não foy admittida, como nunca seraõ aquellas, em que o bem temporal, ou espiritual commum se encontra com o interesse dos particulares; que governaõ. Na viagem visitou o Padre as reliquias das antigas Aldeas de Pernambuco, Paraiba, e Rio Grande, que achou espalhadas por aquelle largo, e trabalhoso caminho, e tornou a visitar as do Ceará, bautizando, doutrinando, casando, e confessando a todos aquelles desamparadissimos Indios, os quaes davaõ graças a Deos, de que tudo isto se lhes fizesse de graça, quando muitos delles viviaõ como gentios por não terem com que pagar os Sacramentos.

## §. XI.

*Desconfiança dos da serra de Ibiapába, tendo aos Missionarios por traidores.*

*Quanto padece o P. Pedro Pedro-  
Ja, que ficou só na serra: neces-  
sidade, a que chega, e discom-  
modos destas missoens.*

**E**M quanto o Padre Antonio Ribeiro se de-  
teve nesta comprida missaõ, esteve o Pa-  
dre Pedro PedroJa padecendo as con-  
sequencias della, que foraõ persuadiremse de  
novo os de Ibiapába, que a jornada ao Ceará,  
e de Pernambuco foraõ ló a prevenir dobrados  
foccorros, com que os arrancar a todos das  
suas serras, chegando a delconfiar das mesmas  
muralhas inacessiveis, com que as fortificou  
a natureza, e fazendo, como soldados velhos  
da guerra do Brasil, huma estrada occulta pe-  
lo mato, que no caso, que não se podessem  
defender, lhes servisse para a retirada, a qual  
já tinhaõ disposta para partes taõ remotas do  
interior da America, que nunca lá podesse  
chegar o nome, quanto mais armas dos Por-

ruguezes. Sendo esta a opiniaõ , que estes Indios tinhaõ de hum dos Padres, já se vê, qual seria o tratamento , que fariaõ ao outro. Ficou o Padre Pedro Pedrosa entre elles só , e sem saber ainda mais que poucas palavras da lingua , mas a mesma necessidade , e não ter outra , com que se dar a entender , lha fez aprender copiosamente dentro em poucos mezes , estudando mais ainda, que a mesma lingua , as razoens , com que havia de fallar , e persuadir a esta enganada gente o pouco fundamento de seus temores, e das desconfianças, que tinhaõ concebido contra os Padres, que por elles estavaõ padecendo tantos trabalhos , e tinhaõ arriscado tantas vezes as vidas. Mas nenhuma razaõ , nem demonstração baf-tava , para que vissem , ou quizessem ver a sua cegueira. Assim estava o Padre aqui mais como prizioneiro das suas ovelhas , que como Pastor dellas , continuando porém sempre em lhe dar o pasto da verdadeira doutrina , a que acudiaõ poucos , e os mais pequenos , rogando por todos a Deos , e offerecendo por sua conversão os mesmos aggravos , e ingraticidios , que delles continuamente estava recebendo. Alguns mezes não teve o Padre, quem

quem lhe fosse accender huma candeya , deitando-se todo este tempo sobre ter comido duas espigas de milho secco , que assava por sua propria mão ; mas nisto eraõ menos culpados , os que tinhaõ obrigação de o sustentar , pelas esterilidades do sitio. Muitas vezes a horas de jantar mandou com hum prato pedir huma pequena de farinha pelas portas , sendo elle , o que fazia o fogo para cozer humas hervas agrestes , e o que varria a pobre casinha com as mesmas mãos sagradas , com que a tinha feito. Deste tempo he que ficaraõ ao Padre as noticias , que nos dá , de serem tanto saborosas as lagartixas pela parte de alguma , que algum mais misericordioso lhe offerceco por grande caridade. Tal he a miseria , ou o castigo do sitio , em que vive esta pobre gente , e por cuja conservação fazem tantos extremos. Quando aqui chegámos , havia quatro mezes , que os Padres não comiaõ mais , que folhas de mostarda cozidas em agua , e sal , mas estas com pouca farinha , porque nem os que a lavraõ , a tinhaõ. Alguma jornada fizeraõ de mais de sessenta legoas , em que levavaõ a matalotagem na algibeira , que era hum pouco de milho debullhado , que a não ir taõ bem

## 52 VOZ HISTORICA.

guardado, se não podera defender á fome dos companheiros, e isto he, o com que se jejuão as Quaresmas, e com que se festejaõ as Pascuas; mas he já boa de contentar a natureza, (e muito mais a graça) e dá Deos tantos sabores a estes manjares, que não fazem cá saudades os regalos da Europa. Dias houve tambem caminhando, em que passaraõ os Padres só com os cardos do mato, e outras vezes com as raizes de certa arvore agreste, cavadas por sua mão, a que chamaõ Mandû rapó, por ser mantimento das emas, que digerem ferro. Mas tinhaõ os Padres muito mais, que digerir na dureza, e rebeldia dos coraçãoes da gente, com que tratavaõ, os quaes com nenhum exemplo se compungiaõ, com nenhum beneficio se abrandavaõ, e com nenhum desengano queraõ acabar de se desenganar, permitindo o assim Deos ou em castigo da sua mesma obstinação, ou para outros mayores fins da sua providencia.



## §. XII.

*Chega o P. Antonio Ribeiro de volta á Serra: alegria, com que he recebido: nova desconfiança dos Indios, que determinã matar aos Padres: sabem estes da traição, e persistem ainda na serra.*

**F**Oy mais festejada a vinda do Padre Antonio Ribeiro, quando o viraõ entrar pela principal Aldeya ló, e sem os exercitos imaginados, que o demonio lhes tinha formado nas fantasias.

Mas durou pouco aos Padres o gosto desta victoria da sua verdade; porque no mesmo tempo receberã huma carta do Padre Antonio Vieira, em que lhes dava noticia de terem resolutos os Superiores, que aquella missã, vistas suas impossibilidades, se não continuasse, e que os Padres se voltassem outra vez ao Maranhão, notificando esta ordem, e a causa della aos Indios, e levando consigo aos que os quizessem seguir. Não chegou á mão

dos Padres nenhuma destas ordens , que eraõ do Padre Provincial do Brasil , e do Padre Visitador desta missaõ , como adiante se dirá , mas em ordem á execuçaõ dellas declarou o Padre Pedro Pedrosa aos principaes o aviso , que tinhaõ recebido , representandolhes o serviço de Deos , e de Sua Magestade , que continha aquella resoluçaõ , e quaõ conveniente lhes era naõ só para a salvaçaõ , senaõ ainda para as commodidades da vida a mudança do lugar. Naõ tinha acabado de dizer o Padre , quando já estava lida a reposta no semblante de todos , os quaes rebentaraõ , dizendo : *Eis aqui como era verdade , o que atégora todos cuidavamos ; e como os Padres naõ tiveraõ nunca outro intento , senaõ de nos arrancar de nossas terras para nos fazerem escravos de seus parentes os brancos.* O mayor principal , que tem grande sagacidade , respondeo directamente á proposta desta maneira : *Se por sermos vassallos del Rey , quereis que vamos para o Maranhãõ , estas terras tambem saõ del Rey ; e se por sermos Christaõs , e filhos de Deos , Deos está em toda a parte.* Com esta reposta lucinta se recolheraõ a seus concelhos secretos , nos quaes se decretou , que por meyo dos Tapuyas tirassem a vida aos Padres , como já tinhaõ

nhaõ feito os mesmos Tapuyas ao Padre Francisco Pinto ; e que para dissimulaçãõ do delicto sahiriaõ elles fingidamente á sua defenſa, e fariaõ grandes prantos por ſua morte. Decretada eſta cruel ſentença , ſem os Padres terem della a menor noticia , com o meſmo ſegredo despediraõ aos Tapuyas , quem lhe foſſe declarar o intento , e os enlayaſſe para a tragedia. Eraõ os Tapuyas , que foraõ eſcolhidos para a execuçaõ os . . . . . , e o dia o de quinta feira de Endoenças , em que os Padres eſtaõ mais occupados ; e elles concorrendo tambem para os officios daquella ſemana , ſe queriaõ tambem fingir mais divertidos. Tudo eſtava já preparado para o ſacrificio , e ſó as victimas eſtavaõ innocentes de tudo. Quando Deos, que nunca deſampara , aos que o ſervem , tocou o coraçãõ a hum dos principaes , e adjunto na meſma conſulta , o qual foy ſecretamente avifar aos Padres de tudo , o que contra elles eſtava traçado. Com eſte avifo , que bem ſe via era do Ceo , ſe apparelharãõ os Padres com grande animo para dar a vida por taõ . . . . . causa , e dalli por diante , pondoſe mais affectuoſamente nas mãõs de Deos com continuas oraçoens , e penitencia , eſtavaõ eſperando

Falta no original eſte nome.

Falta no original huma palavra.

## 56 VOZ HISTORICA.

rando a todas as horas do dia , e da noite , que a morte lhes entrasse pelas portas , tendo ajustado entre si de a receberem de joelhos, e com as mãos levantadas ao Ceo. Em quanto chegava , ou tardava o dia aprazado , resolveraõ-se os Padres a não esperar mais por elle. Descubrição ao principal , como lhes era manifesta a traição , que lhes tinha armado ; que para matar dous Religiosos sem armas não eraõ necessarias as frechas dos Tapuyas , que em suas mãos os tinhaõ , sem poderem resistir , nem quererem fugir ; que bastava hum velho o mais fraco da Aldeya, para lhes tirar as vidas, e que elles as dariaõ por bem empregadas , se Deos pelo sacrificio de seu sangue perdoasse aos Tobajarás este peccado , e todos os outros, de que se não queriaõ emendar ; que estivessem certos , que do Ceo não haviaõ de pedir para elles castigo , senão misericordia. Ficou affombrado o barbaro de ver , que os Padres sabiaõ , o que elle tinha por taõ secreto , negava com a boca tudo ; mas confessava-o com o coração , o qual lhe dava taes pancadas no peito , que não se estavaõ vendo , mas parece , que se estavaõ ouvindo. Em fim como as traças eraõ do demonio , que só tem for-

força , em quanto estaõ encubertas , neste dia desfarmou em vaõ toda esta maquina. O inferno ficou confuso , e os Padres deraõ infinitas graças a Deos , e os autores ficaraõ corridos , e arrependidos , mas nem por isso emendados , tendo sempre altamente fixado na memoria , e no entendimento o ponto de os quererem tirar de suas terras ; e posto que os Padres tinhaõ taõ justas causas , e taõ bastante motivo nas cartas , que receberaõ , para facudirem o pó dos çapatos , e deixarem taõ ingrata terra , resolveraõ-se com tudo a naõ desamparar o posto , a que a obediencia os tinha mandado , sem verem primeiro a ordem , em que a mesma obediencia os mandasse retirar.

§. XIII.

*Estado pernicioso dos Indios da Serra: suas ignorancias , heregias , e trato com o demonio.*

**S** Erá muito para louvar nos tempos vindouros a constancia destes dous Missionarios ; mas elles tem para si , e com razaõ , q̃ naõ só deviaõ isto ao amor de Deos , por quem o padeciaõ,

## 58 VOZ HISTORICA.

deciaõ , sennaõ ao exemplo , que o mesmo Deos lhes dava ; porque ainda que foy muito , o que os Padres soffreraõ a estes Indios , muito mais era o que Deos lhes estava soffrendo. Entre todos estes só hum velho houve , que de si pedio aos Padres , que o casassem para fahir de mau estado. Nenhum dos principaes , sendo todos tres Christaõs , era casado em face de Igreja , nem o quizerãõ nunca ser , por mais que os Padres os admoestavaõ , e todos além da que chamavaõ mulher , tinhaõ a casa chea de concubinas. Alguns estavaõ casados juntamente com duas irmãs , e muitos com suas cunhadas , porque receber o irmão vivo a mulher do irmão defunto he ley taõ judaicamente observada entre elles , como se a tiverãõ recebido de Moysés , a quem tambem sabem o nome. Aquelles , de quem o Profeta diz , que fizeraõ concerto com o inferno , parece que foraõ estes. Hum disse , que antes queria ser irmão de Caim , do que de Abel , por estar no inferno com elle ; outro , que se lhe não dava do fogo do inferno , porque se fosse lá , elle o apagaria ; outro , que já sabia , que havia de ir ao inferno pelas maldades , que commettera em Pernambuco , e assim não queria tratar do Ceo ;

outros chegaraõ a tanto , que blasfemaraõ de Deos como de tyranno , e injusto , por os haver de mandar a elles ao inferno: Mande ao inferno , diziaõ , aos Indios , que o mataraõ, mas a nós , que lhe não fizemos nenhum mal, porque nos manda ao inferno sem razão? Em fim foraõ taes as cousas , que differaõ , e fizeram sobre este ponto , que os Padres se retiraraõ de lhes fallar no inferno , até que o conhecimento da grandeza de Deos , e de suas culpas lhes mostrassem quaõ dignos saõ , os que o offendem, de taõ temeroso castigo Por outra via tinha já procurado o demonio tirarlhes do pensamento a fé , e temor do inferno , espalhando entre elles hum erro aprazivel semelhante á fabula dos campos Elyfios; porque dizem, q os tres principaes das Aldeyas da serra tem debaixo da terra outras tres Aldeyas muito formosas , onde vaõ depois da morte os subditos de cada hum , e que o Abaré , ou Padre , que lá tem cuidado delles , he o Padre Francisco Pinto , vivendo todos em grande descanso, festas , e abundancia de mantimentos ; e perguntados donde tiveraõ esta noticia , e se lhes veyo algum correyo do outro mundo , allegaõ com testemunha viva , que he hum Indio muito

## 60 VOZ HISTORICA.

to antigo , e principal entre elles , o qual diz, que morrendo da tal doença , que teve , fora levado ás ditas Aldeyas : por final , que huma se chama Ibirupiguaya , outra Inambuapixoré , a terceira Anhamarí , e que lá vira todos , os que antes delle haviaõ morto , e entre elles a sua mulher , a qual o não quizera receber , e pelejaraõ com elle por ir desta vida sem levar hum escravo , que a servisse , e que depois disto tornara a viver. O Indio por sua pouca malicia parece incapaz de haver composto esta historia, e assim julgaõ os Padres , que foy sem duvida illusaõ do demonio para o enganar a elle , e por meyo delle aos outros , e quando menos para pôr em opinioens hum ponto taõ importante como o do inferno.

Na veneraçãõ dos Templos , das Imagens, das Cruzes , dos Sacerdotes , e dos Sacramentos estavaõ muitos delles taõ Calvinistas , e Lutheranos , como se nascerãõ em Inglaterra , ou Alemanha. Estes chamaõ á Igreja Igreja de Moanga , que quer dizer Igreja falsa ; e á doutrina Morandubas dos Abarés , que quer dizer Patranhas dos Padres ; e faziaõ taes escarneos, e zombarias dos que acudiaõ á Igreja a ouvir a doutrina , que muitos a deixaraõ por esta  
cau-



causa. Hum disse, que de nenhuma cousa lhe pezava mais, que de ser Christaõ, e ter recebido o bautismo. O sacramento da confissão he o de que mais fugiaõ, e mais abominavaõ; e tambem havia entre elles, quem lhes prégasse, que a confissão se havia de fazer só a Deos, e não aos homens. Foraõ testemunhas certos Portuguezes, que vieraõ á serra, que a tempo, que o Padre levantou a hostia, hum por zombaria dos que batiaõ nos peitos, se poz a bater na parede da Igreja.

Estava outro para commungar em occasião, que hum principal lhe mandou recado, para que fosse beber com elle, e como respondesse, que estava para receber o Senhor; disse o principal, que não conhecia outro Deos senaõ o vinho; porque elle o creara, e o sustentava. Outras muitas cousas diziaõ, que he certo lhas não ensinaraõ os hereges, senaõ o demonio por si mesmo. Exhortava o Padre a certo gentio velho, que se bautizasse, e elle respondeo, que o faria para quando Deos incarnasse a segunda vez, e dando o fundamento do seu dito, accrescentou, que assim como Deos incarnara huma vez em huma donzella branca para remir os brancos, assim ha-

via

via de incarnar outra vez em huma donzella India para remir os Indios, e que entãõ se bautizaria. Consoante a esta profecia he outra, que tambem acharaõ os Padres entre elles; porque dizem os seus letrados, que Deos quer dar huma volta a este mundo, fazendo, que o Ceo fique para baixo, e a terra para cima, e assim os Indios haõ de dominar os brancos, assim como agora os brancos dominaõ os Indios. E com estas esperanças fantasticas, e soberbas os traz o demonio taõ cegos, taõ delatinados, e taõ devotos seus, que chegou a lhes pedir adoraçaõ, e elles a lha darem. Naõ ha muitos annos, que hum velho dos de Pernambuco feiticeiro, levantou huma ermida ao diabo nos arrabaldes da povoação, e poz nella hum idolo composto de pennas, e prégou, que fossẽm todos a venerallo, para que tivessem boas novidades, porque aquelle era, o que tinha poder sobre as sementeiras; e como a terra he mui sujeita a fome, foraõ mui poucos, os que ficaraõ sem fazer sua romaria á ermida. Estava o velho assentado nella, e ensinava, como se haviaõ de fazer as ceremonias da devaçãõ, que era haverem de bailhar continuamente de dia, e de noite, até que as novidades.

vidades estivessem maduras , e os que canfavaõ, e fahiaõ da dança, haviaõ de beijar as pé-nas do idolo , no qual affirmavaõ alguns , que ouviraõ ao demonio fallar com o velho , e outros, que se lhe mostrou visível, vestido de negro. Tiveraõ os Padres noticia do desaforo, foraõ logo queimar o idolo , e levantar em seu lugar huma Cruz dentro , e outra fóra; mas ao dia seguinte amanheceraõ ambas as Cruzes feitas pedaços : tanto soffre Deos, e tanto tem soffrido a estes impios contra sua Igreja , contra seus Sacramentos, contra sua divindade ; e contra suas Cruzes ; e tanto ensina a soffrer com o seu exemplo , aos que tam-bem ensinou com sua doutrina, que deixaf-sem crescer a cizania , para que senaõ perdesse o trigo.

## §. XIV.

*Fruto , que se colheo neste esteril campo :  
proveitos temporaes , que resultaraõ  
destas duas mißoens: successo extra-  
ordinario, e castigos de Deos em  
alguns Indios.*

**O** Fruto, que se tem colhido no meyo desta esterilidade, não tem sido taõ pouco, que se hajaõ de dar por mal empregados tantos trabalhos, quando os mesmos trabalhos per si não foraõ hum grande fruto. Em quanto os grandes viviaõ na obstinaçaõ, e rebeldia, que dissemos, os pequenos, de quem he o Reyno do Ceo, o hiaõ povoando em tanto numero, que saõ já mais de quinhentos os innocentes bautizados pelos Padres, que com a graça do bautismo estaõ gozando da gloria. Ao principio tiveraõ os Padres tres Igrejas nas tres Aldeyas, e depois fizeraõ outra, em que uniraõ todas tres. Estas quatro Igrejas saõ hoje relicarios preciosissimos, em que não ha lugar, onde não esteja engastado algum cor-  
po

po com toda a certeza santos , que he grande consolação , e ainda devação , para os q̄ vieraõ a estas terras cavar estes thesouros ; e vê-se claramente haver Deos enviado os dous Missionarios da Companhia só a colher estas flores para as meter , como diz a Escritura , no ramallete dos predestinados ; porque no tempo , em que morreraõ mais de quinhentos innocentes , não chegaraõ a morrer quinze dos adultos , alguns dos quaes acabaraõ com os Sacramentos daquella hora , e com grandes esperanças de sua salvação ; e outros para temor dos mais com evidentes sinaes de sua perdição , e condenação eterna. Dos pequenos de mayor idade se bautizaraõ tambem muitos , que ainda estavaõ pagaõs , ou tinhaõ duvida no bautismo. Muitos tambem receberaõ em legitimo matrimonio as mulheres , com que viviaõ em peccado ; outros tocados da heregia abjuraraõ o erro , ou ignorancia , e se reconciliaraõ com a Igreja. Assim que ainda que o corpo geralmente estava taõ enfermo , e taõ contagioso , a muitos dos membros aproveitavaõ os remedios , e a muitos os preservativos.

Os males , que com a presença dos Padres se tem evitado , não são de menos consideração

## 66 VOZ HISTORICA.

ao bem espiritual destes Indios , nem de menor utilidade ao espirital , e temporal de todo o Estado. O caminho do Maranhão ao Ceará , e a Pernambuco , que estava totalmente fechado pelas hostilidades desta gente, está hoje franco, e seguro. As prayas , e navegação de toda a costa está livre , e melhorada com o seu commercio. Sobre tudo estão reduzidos os Tobajarás á obediencia , e vassallagem de Sua Magestade sem armas , nem despezas , e estão inimigos jurados dos Holandezes , em cuja confederação era a serra de Ibiapába o mayor padrasto , que tinha sobre si o Estado do Maranhão , e o que só temeraõ todos os soldados velhos desta conquista. Nos vicios da ferreza , e deshumanidade estão tambem muito domados ; já não mataõ , já não comem carne humana , já não fazem cativeiros injustos , já guardaõ paz , e fidelidade ás naçoens vizinhas , tudo por beneficio da assistencia dos Padres.

Haverá dous annos , que exhortaraõ os Padres aos Tapuyas Curutís , que quizessem deixar a vida de corso , e viverem aldeados com os Tobajarás com casa , e lavoura , e quando já vinhaõ os Curutís com suas familias para se meter

meter nas Aldeyas, que os mesmos Tobajarás lhes tinhaõ offerecido, estava traçado entre elles de os esperar em cilada dalli a duas legoas, e os matarem, e cativarem a todos. Soube o P. Pedro Pedrosa a traição tres horas antes, quando já os Tobajarás estavaõ juntos, e armados; e bastou saberem os principaes, que o Padre o sabia, para desfistirem da empreza, e ainda para cobrirem, e negarem os intentos, que tiveraõ nella. Foy este o mayor argumento do respeito, que tem aos Padres, ainda quando parece, que nos não respeitaraõ, porque não ha mais forte tentação para esta gente, que a de matar, e fazer cativos. Assim vaõ despindo os vicios da barbaria, com que començaõ a ser homens, e se espera, que renunciarão tambem os demais, para que acabem de ser Christaõs.

Confirma muito esta esperança o terse visto em muitos casos, que não só chama Deos esta gente por meyo ordinario de seus ministros os Prégadores, mas que parece quer render per si mesmo sua rebeldia, como a de Saulo.

Estava hum dia ouvindo Missa o mayor principal, e ao tempo, que o Padre levantou o

## 68 VOZ HISTORICA:

Senhor, e todos o adoraraõ , elle vio sómente os dedos do Padre, e naõ vio a hostia, com que ficou affombrado; recolhendo-se a casa tremendo, examinando a causa de Deos se lhe naõ querer mostrar, occorreolhe, que devia de ser sem duvida, porque em o dia de antes tinha dito humas palavras de pouco respeito ao mesmo Padre, que disse a Missa, q era o P. Pedro Pedrosa: passou a noite sem dormir, veyo ao outro dia ouvir a Missa do mesmo Padre, e pedir perdaõ a Deos do que tinha feito, e quando se levantou a hostia, vio-a, mas com a côr mudada, porque lhe pareceo envolta em huma nuvem negra, e lhe metia horror, posto que naõ taõ grande como o dia de antes, em que se lhe havia totalmente escondido: foy no mesmo dia contar o caso ao Padre, pedindo-lhe perdaõ da pouca reverencia, com que lhe havia fallado, e dalli por diante tornou a ver a hostia branca, e como d'antes a via.

Hum dos blasfemos, de que fallámos acima, chegou a dizer em presença de muitos, que naõ tinha outro Deos, senaõ o diabo, mas permittio logo Deos, que experimentasse em si mesmo, quem era aquelle, por quem o trocava, para castigo seu, e dos outros, que o ti-  
nhaõ



nhaõ ouvido. Entrou nelle o demonio taõ furiosa , e desesperadamente , que se despedaçava a si , e a quanto encontrava , fugindo todos delle , e naõ havendo quem lhe parasse diante. Fizeraõlhe os Padres os exorcismos por espaço de oito dias , com que o largou o demonio por entaõ , posto que depois tornou por vezes a atormentar , mas já com menos furia. Ficou taõ ensinado com este castigo , que dalli por diante naõ sahia de casa dos Padres , nem da Igreja ; e andando sempre armado com as contas ao pescoço , deo publica satisfação ao escandalo , que tinha dado , protestando , que estava fóra de si , e prégando em toda a parte , que a divindade era só de Deos , e o demonio a mais mofina de todas as creaturas , e a mais abominavel. Quando os Padres logo chegaram á serra , receberaõ hum Indio com huma sua cunhada , com quem estava amigado , callando elle o impedimento , e naõ havendo quem acudisse a o descubrir. Nasceraõ deste matrimonio hum minino , e duas mininas , e todos tres sahiraõ mudos. Admiraõ os mesmos Indios a estranheza do caso , e tem allentado entre si , que a causa de serem mudos os filhos he , porque o pay tambem foy mudo ,

## 70 VOZ HISTORICA.

callando os impedimentos do matrimonio , e fazendo aquella injuria ao sacramento ; e verdadeiramente era necessario hum castigo tao prodigioso , e tao permanente como este , e que fosse crescendo , e continuandose com os mesmos sujeitos castigados , para que esta gente , que tao pouco reparo fazia dos impedimentos dos matrimonios , temesse exceder os limites , e violar a pureza deste sacramento , e soubersem todos , que o que se calla , e encobre aos Sacerdotes , nao se pode esconder a Deos , antes da brados a sua divina justica , para que o castigue , como merece.

## §. XV.

*Favores divinos a outros Indios : repentino estrondo, que se ouviu na serra de Ibiapaba na mesma noite, em que chegaram os Missionarios : por muitas vias ordenaõ os Superiores se retirem os Padres da serra, e todas impedio Deos.*

**M**As não são só castigos, e ameaças, com que Deos quer trazer a si os coraçõens destes Indios, senão tambem promessas, e favores. Huma noite de Natal tinha praticado o Padre Pedro Pedrofa, e quando disse a primeira Missa, vio huma India na hostia a Christo, não minino, e envolto em panos pobres, senão em figura de homem vestido de grande formosura, magestade, e riquezas, as quaes offerencia com rosto mui agradável áquella India, se ella o quizesse servir. Provou o effeito a verdade da visãõ, porque vivendo até aquelle tempo em estado alheyo da graça de Deos, foy esta a primeira, e a uni-

ca , que veyo pedir aos Padres a recebessem com o que não era seu marido , e fez dalli por diante vida tão reformada , e tão christã , e de tanto affecto , e devação ás cousas espirituaes , que nunca mais nem ella , nem pessoa alguma de sua familia , que era muito grande, fallou na Igreja á Missa , e ás duas doutrinas de cada dia , pegando esta mesma piedade a seu marido. Outro Indio moço tem recebido grandes toques , favores , e admoestaçoens de Deos em sonhos , que o trazem mui abalado , e se lhe vem nos desejos , nas palavras , e nas resoluçoens. Huma noite sonhou , que se achava na Igreja entre os que tomavaõ disciplina pelas festas feiras da Quaresma , mas q̃ elle a não queria tomar , e logo vio sahir , e caminhar para si hum mancebo de muita formosura , o qual apontando para hum lugar alto , que estava cuberto com hum cortina , lhe disse , que alli estava Deos , mas que se não mostrava , senão aos que faziaõ penitencia de seus peccados. Entaõ se resolveo a tomar a disciplina , como os demais , a qual acabada , se correo a cortina , e vio sobre hum throno resplandecente , como o Sol , hum ser de tanta formosura , e grandeza , que ficara fóra de si de espanto , e

de

de alegria , e que nunca mais perdera , nem podia perder a memoria do que tinha visto. Outra vez estando este Indio doente de huma grande inchação , que lhe tomava desde o hombro até a cabeça , e lhe causava grandes dores , sem ter remedio , nem quem lho fosse applicar , veyo encommendarse a Deos com grande affecto , e confiança. Adormeceo huma noite , e appareceolhe aquelle mesmo mancebo , que elle conheceo muito bem , o qual trazia na mão direita huma ave , e na esquerda humas hervas : perguntoulhe , que era o que pedia a Deos , e como disseffe que a saude , applicou o mancebo a ave ao lugar inchado , a qual picando com o bico a inchação , fez hum buraco , por onde se purgou a materia , e logo pondolhe em cima as hervas , ficou sã a ferida. Acordou nisto o enfermo , e achou que a inchação verdadeiramente estava rebentada , e brevemente cerrou , e em breve ficou saõ. Outra vez tornou a sonhar este Indio cousas semelhantes , ordenadas todas á sua salvação , e sendo sempre o ministro , ou instrumento dellas aquelle mancebo seu conhecido , que ao primeiro entendeu seria o seu Anjo da Guarda , mas ultimamente lhe appareceo em vestido de

Padre da Companhia. Finalmente Deos tem nesta serra muitos escolhidos, e se o demonio trabalha tanto por arraigar a cizania, que tem semeado nella, he porque teme, e prevê, que ha de ser lançado fóra, de que parece deo hum manifesto final no mesmo dia, em que chegaram os Padres; porque ao ferrar da noite se ouviu de repente hum estrondo taõ grande, como de cousa, que rebentava, que deixou afombrados a todos. Succedeo isto junto á casa, onde os Padres estavaõ agasalhados, e dizem os Indios, que alli se costumava ver de noite huma figura medonha, e afogueada; e daquelle ponto em diante nunca mais foy vista; o que podemos affirmar com toda a certeza, he, que a missaõ destes dous Padres á serra de Ibiapába foy ordenada por particular providencia de Deos; e que he vontade do mesmo Deos, que assistaõ, e continuem nella, de que nos tem dado tantos testemunhos, e taõ claros, que se não podem duvidar. Já deixamos dito, que affim os Superiores da missaõ, como os do Brasil ordenaraõ, que os Padres da serra voltassem outra vez para o Maranhão: mandaraõ se estas ordens aos Padres por muitas, e repetidas vias, mas sempre Deos estorvou, que

che-

chegassem, e por meyo, em que não só entrou a sua providencia, senão tambem o braço do seu poder. A primeira destas ordens mandou o Padre Francisco Gonçalves, que acabando de ser Provincial do Brasil, veyo visitar esta missão, e mandou-a no mesmo barco, em que tinha vindo da Bahia; mas porque o Mestre estava desgostado do Padre por certa cousa, em que lhe encontrou a vontade, tomou as suas cartas, em que vinha a ordem, e lançou-as ao mar em vingança, e entregou as dos outros Padres. A segunda ordem foy enviada pelo Padre Provincial do Brasil Simão de Vasconcellos ao Padre Antonio Ribeiro, que estava em Pernambuco, e chegou esta ordem na tarde do mesmo dia, em que o Padre pela manhã se tinha embarcado, e partido para a sua Missão. Em Pernambuco deo o mesmo Padre Provincial duas cartas com a mesma ordem ao Padre Ricardo Careu, quando de lá se embarcou para o Maranhão; huma, para que se desse no Ceará; outra, para que se desse em Jurúquáquára, que são os dous portos, que communicão com a serra; e sendo que esta viagem se faz sempre vento a popa, tomando-se todos os portos com grande facilidade,  
o de

o de Ceará nunca o pode tomar o barco. O de Jurûquáquára tomou-o; mas tanto que lançou ferro para mandar á terra, foy tal o vento, e mares, que se levantaraõ subitamente, que a requerimento de todos se houveraõ de fazer á vella para se não perderem. Neste mesmo tempo quizerãõ os Padres ir esperar nas prayas pelo Padre Careu, de cuja vinda tinhaõ noticia, e no dia, em que estavaõ para partir, chegaraõ á terra alguns soldados mandados pelo Capitaõ do Ceará, que detiverãõ os Padres alguns dias, e nestes passou o barco. Do Maranhãõ tornou o mesmo barco a partir para Pernambuco, vindo nelle huma via das mesmas cartas, para que de volta chegassẽ ás mãõs dos Padres; mas depois de dous mezes, em que por muitas vezes intentou a passagem, tornou arribado ao Maranhãõ. Com esta tardança, e a primeira noticia de ter passado, trataõ os Padres de mandar correyo por terra ao Maranhãõ, e depois de hum mez de caminho voltaraõ com as mesmas cartas, q̃ levaraõ, porque os avisaraõ os Teremembés, que nas areas havia muitos Tapuyas de guerra. Insistiraõ outra vez os Padres com segundos correyos, e indo estes passando o rio Temóna em huma ca-



nôa pequena , que levavaõ para as passagens, acometeo-os hum tubaraõ de taõ estranha grandeza , e fereza , que perseguidos houveraõ de encalhar em terra , e foy entre humas pedras , onde a canoa se fez em pedaços , e se tornaraõ com as cartas. Finalmente se resolve-raõ os Padres a levarem em pessoa as mesmas cartas até tal parte do caminho , e entregallas a tanto numero de Indios , e de tanto valor , que não voltassem. Estes foraõ por fim os que chegaraõ , depois de haver anno e meyo , que por nenhuma via se sabiaõ novas daquella missaõ. Estavaõ detidas no Maranhaõ todas as ordens dos Superiores , as quaes haviaõ de levar estes mesmos portadores dalli a oito dias , que foy o termo , que pediraõ para descansar , e o que tinhaõ limitado pelos Padres. Mas quatro dias depois da sua chegada chegou o Governador D. Pedro de Mello , e com elle taes ordens de Sua Magestade , e do Padre Geral , que ficou suspenso por ellas o effeito , e execuçaõ das outras. De Sua Magestade vieraõ tres cartas , em que encarregou ao Governador , que o seu primeiro cuidado fosse procurar , que na serra de Ibiapába estivessem alguns Religiosos da Companhia para terem á sua conta , e obedi-

## 78 VOZ HISTORICA.

diencia aquelles Indios , e para segurança dos ditos Missionarios se fizesse o forte de Camucí, que o Governador André Vidal tinha intentado. Do Padre Geral vieraõ patentes de Visitador , e Superior da dita missãõ ao Padre Antonio Vieira , que sempre fora do voto , que a missãõ da terra se continuasse , tendo para isto razoës de tanto pezo, que mandando-as logo ao Padre Provincial , se conformou elle , e todos os Padres da Provincia com ellas. De sorte , que procurandose com tanto cuidado por nove vias differentes do mar, e da terra , e em espaço de anno e meyo , q̄ chegassem aos Padres da terra as ordens, por que eraõ mandados retirar , Deos as impedio , e estorvou todas por meyo taõ fóra do curso natural das cousas, servíndose para isso dos ventos, dos mares, dos rios, dos Portuguezes , dos Indios , dos Tapuyas , e dos mesmos peixes , para que se visse, que era vontade sua , que os Padres não sahisssem daquelle lugar , e que os meyo, que sua providencia tem predestinados para salvaçãõ das almas, se haõ de conseguir infallivelmente, ainda que seja necessario para isso tirar de seus eixos a toda a natureza.

## §. XVI.

*Escreve o P. Antonio Vieira aos de Ibiapába: respondem os Indios, e mandão visitar o novo Governador do Estado D.*

*Pedro de Mello, e ao Superior das missões o P. Antonio Vieira: toma tudo melhor fórma, e o procura arruinar o demonio.*

**C**Om as novas ordens, que se mandaraõ aos Padres, foraõ tambem cartas aos principaes do novo Superior da missaõ, em que lhe dizia, que o seu intento, e gosto era dar-lho em tudo, o que fosse justo, e que supposto o amor, que tinhaõ ás suas terras, que nelas ficariaõ com elles os Padres para os doutrinarem, com tanto, que a esse fim se unissem todos, e se ajuntassem em huma só Igreja. Foy esta nova recebida em Ibiapába com grande applauso, e festas; e logo mandaraõ todos os principaes, huns a seus irmaõs, outros a seus filhos, acompanhados de mais de cincoenta outros Indios a visitar o novo Governador, e Superior

perior da missãõ; e hum delles , que hoje se chama D. Jorge da Silva , filho do principal mais antigo , para que passasse ao Reyno a beijar a mão a Sua Magestade em nome de todos. Forãõ recebidos estes Embaixadores com grande festa , q̃ lhes fez o Governador em sua casa , e os Padres em o Collegio por muitos dias , e tornaraõ contentes , e presenteados elles cõm outros mais presentes para seus principaes , que he costume mui custoso , e ás vezes mal empregado. Levaraõ tambem promessa do Padre Superior da missãõ , que os iria visitar pelo S. João do anno seguinte , com a qual esperança , e com a relaçaõ , que deraõ os Embaixadores de quaõ benevola , e liberalmente foraõ hospedados dos Padres , se applicaraõ todos á uniaõ das Aldeyas , e ao edificio da nova Igreja , concorrendo para ella com grande continuaçaõ , e cuidado ; em fim parecendo , ou podendo parecer , que já estavaõ desengannados das suas suspeiças , e seguros dos seus temores , e que tomavaõ todos de veras a doutrina dos Padres. Mas o demonio ainda se não deo por vencido , e sobre esta taõ differente ordidura tornou a tecer , e continuar a mesma teya de desconfianças , que tambem lhe

tinhaõ sahido. Partio D. Jorge para Lisboa, ficando-lhe no Maranhão por descuido as cartas, que o Padre Antonio Vieira lhe tinha dado, mas bastou ser conhecido por Indio da missãõ do Maranhão, para que o Conde de Odemira, que foy sempre grande protector, como obra sua, o mandasse recolher em sua casa, e prover de todo o necessario com muita largueza, e o presentou depois a ElRey, que Deos guarde, e o enviou outra vez para o Maranhão cheyo de merces de Sua Magestade, e suas.

Alguns mezes antes do S. Joã do mesmo anno mandaraõ tambem os principaes de Ibiapába muitos Indios de sua nação, e outros de Pernambuco, para trazerem á serra ao Padre Antonio Vieira na fórma, que lho havia promettido; mas como o Padre por enfermidade, e pela expedição das missõens do mesmo anno se deteve no Pará até o fim d'elle, e principio do seguinte, sobre esta tardança tornou o demonio a introduzir em Ibiapába, ou resuscitar as mesmas desconfianças dos Padres, semeando entre elles por boca de certos Tapuyas, que Jorge não fora mandado a Portugal, senão afogado no mar por ordem dos Por-

tuguezes , e que os demais os estavaõ já servindo, repartidos por suas casas, e fazendas, como escravos , e que a vinda do Padre seria com grande poder , e acompanhamento de soldados para lhes fazer a elles o mesmo. Creraõ facilmente todas estas traiçoens , os que taõ costumados estaõ a fazellas; e de huma povoação, que pouco antes se tinha feito de tres , se fizeram logo mais vinte povoaçoens , para que assim divididos não podessem ser cercados, nem apanhados juntos. Esta foy a resolução , que se executou de publico , debaixo da qual estava dissimulada outra de mayor desatino , que era terem assentado comfigo , que se até a Pascoa lhes não constasse de certo serem falsas aquellas novas, como os Padres lhes diziaõ , dessem por averiguado o cativeiro dos seus , e tomassem satisfação , e vingança delle nas vidas dos mesmos Padres. Tal era a vida , que aqui viviaõ estes dous Religiosos , morrendo, e resuscitando cada dia ; antes morrendo sem resuscitar , porque o perigo fundavase na ingratitude , e crueldade desta gente , que he a mayor do mundo , e a segurança fundavase na sua fé , que nunca guardaraõ.

## §. XVII.

*Parte o P. Antonio Vieira para a Serra :  
 valor, com que emprende o caminho por ter-  
 ra com os mais companheiros : gastão  
 vinte e hum dias ; chegão descalços,  
 e com os pés em chagas : trata da  
 reformação da Christandade :  
 acaba com os Indios cou-  
 sas , que parecião im-  
 possiveis.*

**C**hegaraõ estas noticias ao Maranhão ,  
 quando chegou do Pará o Padre Anto-  
 nio Vieira , o qual se poz logo a cami-  
 nho para a serra, levando consigo a D. Jorge,  
 que havia dous mezes tinha chegado com sete  
 Padres , que vieraõ do Reyno, e levando tam-  
 bem a todos os Indios , que tinhaõ vindo de  
 Ibiapába , assim Tubajarás , como Pernambu-  
 canos , os quaes quiz Deos, que estivessem to-  
 dos vivos, saõs , e contentes. Começou o Pa-  
 dre esta viagem por mar , mas começando a

## 84 VOZ HISTORICA.

experimentar segunda vez as incertezas, e as dilaçoens dellas, se poz logo a caminho por terra, querendo tambem por si mesmo ver a grandeza dos rios, e o sitio, e a capacidade das terras, por serem todas estas noticias muito necessarias a quem ha de dispor as missões. Os trabalhos da viagem foraõ os mesmos, que já ficaõ contados, e poderaõ ainda ser mayores por caminharem no mez de Março, que he o coração do Inverno, mas foy Deos servido, que fossen os dias enxutos, como os do Veraõ: só dous houve, em que se padeceo alguma chuva, com que parece quiz o Ceo mostrar aos caminhantes a merce, que lhes fazia; porque he qualidade destas areas, que cada gotta de agua, que lhe cahe, se converte em hum momento em enxames de mosquitos importunissimos, que se metem pelos olhos, pela boca, pelos narizes, e pelos ouvidos, e não só picaõ, mas defatinaõ; e haver de marchar hum homem molhado a pé, e comido de mosquitos, e talvez morto de fome, e sem esperanza de achar casa, nem abrigo algum, em que se enxugar, ou descansar, e continuar assim as noites com os dias, he hum genero de trabalho, que se lê facilmente no papel, mas que



que se passa , e atura com grande difficuldade. Vinha com o Padre Antonio Vieira , além do irmão companheiro , o Padre Gonçalo de Veras , hum dos que novamente tinhaõ chegado do Reyno , e não sendo muito robusto de forças , vimos nelle com grande admiração , e edificação nossa as forças , e o desejo de padecer por Deos ; porque tendo sahido quatro mezes antes do Collegio de Coimbra , levava todos estes trabalhos com tanta constancia , facilidade , e alegria , como se nascera , e se criara no rigor destas prayas. Mas he graça esta propria dos filhos de Santo Ignacio , que posto se não criaõ nisto , criaõse para isto. Accrescentou muito o trabalho , e incommodidades do caminho não quererem os Padres ficar nelle os dias mayores da semana santa ; e affim se apressaraõ de maneira , que acabaraõ toda esta viagem em vinte e hum dias , que foy a mayor brevidade , que atégora se tem visto ; e como vinhaõ a pé , e descalços , muitos dias depois de chegarem lhe não sáraraõ as chagas , que traziaõ feitas nos pés ; mas o tempo era de penitencia , e de meditar nas de Christo. Entraraõ na serra em quarta feira de Trevas pela huma hora ; e logo na mesma tarde começaraõ

## 88 VOZ HISTORICA.

os officios , que se fazem com toda a devação, e perfeição por serem quatro os Sacerdotes , e os Indios de Pernambuco terem vozes , e musica de canto de Orgão , com que tambem cantaraõ a Missa da quinta feira , e á sexta feira a Paixaõ , em que vieraõ todos adorar a Cruz com grande piedade , e na tarde ao pôr do Sol se fechou a tristeza daquelle dia com huma procissão do Enterro , em que hiaõ todos os mininos , e moços em duas fileiras com coroas de espinhos , e cruzeiras ás costas, e por fóra delles na mesma ordem todos os Indios arrastando os arcos , e frechas ao som das caixas de temperadas , q em tal hora, em tal lugar, e em tal gente accrescentava naõ pouca a devação natural daquelle acto. O officio do Sabbado santo, e o da madrugada da Resurreiçaõ se fez com a mesma solemnidade, e festa, a qual acabada, começaraõ os Padres a entender na reformaõ daquelle Christandade, ou na fórma , e assento , que se havia de tomar nella; e porque a materia era cheia de tantas difficuldades , como se tem visto no discurso de toda esta relação , era necessaria muita luz do Ceo para acertar em os mayores convenientes , e muita mayor graça de Deos para os Indios os aceitarem,

rem, e pôem em execução: para alcançar esta luz, e graça se tomou por Padroeiro de toda a missão da terra a S. Francisco Xavier, e se lhe fez huma novena, em que além dos exercicios ordinarios da Religião, que se applicavaõ todos por esta tenção, se dizia todos os dias huma Missa do Santo, e os Padres juntos na Igreja tinhaõ pela manhã meya hora de oração mental, e de tarde outra meya hora; huma, a que precedia hum quarto de lição espiritual, em que se lia huma meditação, a que tambem assistiaõ todos, rematandose a oração de pela manhã com a Ladainha dos Santos, e á tarde com a de nossa Senhora, á qual se achavaõ tambem os mininos da Aldeya, e muitos outros homens, e mulheres, por se acabar esta devação na hora, em que começava a doutrina. Estava neste tempo no altar huma devota imagem de S. Francisco Xavier em habito de Missionario, bautizando hum Indio; e esperamos, que assim como Deos tem feito este grande Apostolo tão milagroso na Europa, na Africa, e na Asia, se estenderáõ tambem os favores da sua valia, e intercessão a esta parte da America.

A primeira, que se resolveo, e executou

## 88 VOZ HISTORICA.

logo, foy, que todos os Indios de Pernambuco sahiſſem , e foſſem para o Maranhão , como ſão idos , e ſe eſpera grande quietação , e proveito eſpiritual de huns , e outros ; porque os Pernambucanos com a vizinhança , e ſujeição dos Portuguezes eſtando debaixo de ſuas fortalezas, acudirão a ſuas obrigaçoens, como tem promettido, e poderão ſer obrigados a iſſo por força , quando o não fação por vontade ; e os da terra ſem o exemplo , e doutrina dos Pernambucanos, que eraõ os ſeus mayores dogmatistas , ficarão mais deſimpedidos , e capazes de receber a verdadeira doutrina , e de os Padres lhes introduzirem a fórma da vida chriſtã , o que endurecidos com a contraria ſe lhes não imprimia. Aſſim mais ſe aſſentou com os principaes , e com todos os cabeças da nação, que ſe tornariaõ logo a unir em huma só povoação , em que ſe faria Igreja capaz para todos : que os que eſtaõ ainda por bautizar , ſe bautizariaõ : que todos mandarão ſeus filhos, e filhas á doutrina duas vezes no dia , e á eſcola : que nenhum terá mais que huma mulher , recebendoſe com ella em face de Igreja : que ſe confeſſaráõ todos ao menos huma vez pela deſobrigação da Quareſma. Em fim, que guar-

guardaráo inteiramente a ley de Deos , e obediencia á Igreja,na qual se criou hum officio de Executor Ecclesiastico , chamado Braço dos Padres , e se proveo em hum Indio zeloso , e de grande autoridade, irmão do mayor principal , para obrigar a todos a virem á Igreja , e cumprirem com outras obrigaçoens de Christaões , e os castigar , e apenar, se for necessario. De tudo isto se fez assento por papel , de que se deo huma copia a cada hum dos principaes, querendo , e pedindo elles , que lhes ficasse , para que depois se lhes tome conta por ella , e se veja quem melhor a cumprio. E porque a reformação começasse pelos mayores , e pelo ponto de mayor difficuldade, os tres principaes foraõ os primeiros, que se apartaraõ das concubinas , e se receberaõ com a mulher , que por direito era legitima , fazendo officio de Paroco o Padre Superior da missaõ, e concorrendo com boa parte da despeza para a festa das vodas , que duraraõ por doze dias , e doze noites continuas.

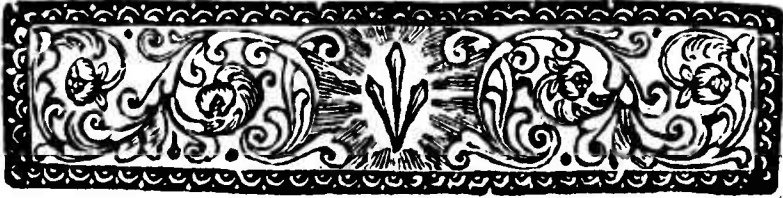


# VOZ POLITICA.

**E** *Sta voz he hum Oraculo grande ,  
que responde ás perguntas de hum  
Concelho gravissimo : falla como  
quem pizou as terras , atravesou os rios ,  
penetrou os bosques , tratou as naçoens ,  
conheceo os costumes , e reconheceo os ma-  
les , e os remedios , que podia ter o paiz ,  
sobre que he consultado ; e se em Roma se  
consultavaõ nos casos occurrentes , e duvi-  
dosos os livros das Sibyllas , que foraõ O-  
raculos da antiguidade , em Portugal  
qualquer escriptura do Padre Antonio Vi-  
eira se póde chamar com verdade Sibyllæ  
folium , como Oraculo profundo.*







## INFORMAÇÃO,

*Que por ordem do Concelho Ultramarino  
deu sobre as cousas do Maranhão ao  
mesmo Concelho*

**O P. ANTONIO VIEIRA.**

**SENHOR.**



**SECRETARIO** Manoel Barreto de Sampayo me remetteo por ordem do Concelho as cartas incluidas do Governador do Maranhão, e Officiaes da Camera da Cidade de S. Luis, para que sobre as noticias dellas por serviço de Sua Alteza informe com meu pa-

parecer. E posto que eu o não posso fazer sem muita repugnancia, por haver necessariamente de fallar nos Religiosos da minha profissão, obedecendo porém, como devo, direy com toda a sinceridade o que entender, segundo as presentes noticias, e a larga experiencia, que tenho daquelle Estado. E para o fazer com mayor clareza, dividirey este papel em tres partes: na primeira proporey algumas maximas certas, e infalliveis, de q se seguem, e seguirão os danos, que se padecem: na segunda referirey os meynos, que apontaõ o Governador, e Officiaes da Camera, examinando sua conveniencia, e justificação; e na terceira direy, o que me parece se deve obrar.

Primeiramente he certo, que o Estado do Maranhão está na ultima miseria, e nisto convem o Governadõr, e todos; e basta a mesma miseria para acabar de destruir, e desfazer o dito Estado; se houver alguma nação da Europa; que o queira invadir, se perderá infallivel, e irreparavelmente.

He tambem certo, que a causa da sobredita miseria he a falta de Indios, assim livres, como escravos, sem os quaes os moradores se não podem sustentar, nem applicar á cultura das

novas drogas , de que a terra he capaz , e muito menos defenderie em occasião de inimigos, por serem os Portuguezes poucos, os portos, e lugares, por onde podem ser invadidos, muitos, e a costa vastissima, aberta, e sem defensiva, principalmente tendo já aprendido, e sabido os Indios, ( desde o tempo, que o Ceará esteve dominado dos Holandezes) que he muito mais suave o jugo dos hereges, que o de taes Catholicos.

Com a mesma certeza se deve suppor, que os mesmos Indios, que taõ necessarios saõ, já os não ha, por estarem todos os certoens açoutados, e despovoados em distancia de trezentas, e quatrocentas legoas, e os poucos, que se poderaõ ainda descobrir, estaõ taõ escandalizados do mau tratamento dos Portuguezes, e taõ defenganados de se lhes não guardar, o que se lhes promette, e das tyrannias, que com elles se tem usado, que será muito difficultoso arrancallos de suas terras, e mais tendo tantas experiencias, de que descendo para as nossas, todos morrem, e se tem consumido.

Sobre tudo he igualmente certo, e certissimo, que ainda que os Indios fosssem muitos, e todos viessem facil, e voluntariamente a viver

ver entre nós, ou na nossa vizinhança, nenhum numero, ou multidão delles seria bastante ao estabelecimento do Estado, e muito menos no augmento, que se lhe deseja. Assim o tem mostrado a experiencia; pois sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615. havendo achado os Portuguezes desta Cidade de S. Luiz até o Gurupá mais de quinhentas povoaçoens de Indios, todas muito numerosas, e algumas dellas tanto, que deitavaõ quatro, e cinco mil arcos, quando eu cheguey ao Maranhão, que foy no anno de 1652. tudo isto estava despovoado, consumido, e reduzido a mui poucas Aldeotas, de todas as quaes não pode André Vidal ajuntar oitocentos Indios de armas, e toda aquella immensidade de gente se acabou, ou nós a acabámos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo eraõ mortos dos ditos Indios mais de dous milhoens de almas, donde se devem notar muito duas cousas. A primeira, que todos estes Indios eraõ naturaes daquellas mesmas terras, onde os achámos, com que se não pôde attribuir tanta mortandade a mudança, e differença do clima, senão ao excessivo, e defa-

desacostumado trabalho , e a oppressão , com que eraõ tratados. A segunda , que neste mesmo tempo estando os certoens abertos , e fazendose continuas entradas nelles , foraõ tambem infinitos os cativos , com que se enchiaõ as casas , e as fazendas dos Portuguezes , e tudo se consumio em taõ poucos annos.

Seja a ultima maxima a causa unica, e original de toda esta destruição, e miseria, a qual não foy, nem he outra, que a insaciavel cubiça, e impiedade daquelles moradores, e dos que lá os vão governar, e ainda de muitos Ecclesiasticos, que sem ciencia, nem consciencia ou julgavaõ por licitas estas tyrannias, ou as executavaõ, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes Indios o serem já Christãos, ou vassallos do mesmo Rey, para não lhes assaltarem suas Aldeyas, e as trazerem inteiramente cativas, sem mais direito, (como eu ouvi aos mesmos Capitaes daquellas tropas) que o de poderem mais que elles. E não era possivel, nem parece o será, que a justiça divina não acuda por sua providencia, e que o castigo de hum Estado fundado em tanto sangue innocente pare só na presente miseria.

Suppostas estas maximas, em que não ha

duvida , e vindo ás cartas do Governador , vejo nellas , que as informações , que de lá manda , são as mesmas , que de cá levou ; porque huma das cousas , que representou a Sua Alteza , foy , que não faria entradas ao certo , senão a pedimento das Cameras ; e isto mesmo he o que a Camera do Maranhão pede , envolvendo estes homens em tudo , o que dizem os presuppósitos das mesmas injustiças , que mais , ou menos capeadamente querem profeguir , e tomando por pretexto a conservação sua , e do Estado , e augmento da fazenda Real.

Dizem , que sem Indios forros , e escravos não se póde sustentar o Estado , nem cultivar as terras , e assim he , e foy atégora ; mas este meyo por si só , quando totalmente fosse licito , não he sufficiente ; porque se o mesmo Estado , havendo tido tantos Indios de hum , e outro genero , tem chegado á summa miseria , em que hoje se acha , como he possível , que se possa reparar da mesma miseria , nem ter seguro , ou provavel o seu augmento , estando quasi extinguidos os Indios , e não os podendo haver , senão em numero , e proporção incomparavelmente menor ?

Dizem outrosi , e pedem , que se fação  
en-

entradas ao certo, como nos tempos passados, para trazer escravos, e que os ditos escravos se fação por conta da fazenda Real, a qual avançará neste contrato mil e quatrocentos por cento, vendendose aos moradores por preço de trinta mil reis. Tambem a conta deste avanço he certa, e seria muito util, e com pouco risco, se o primeiro contrato, em que se funda o segundo, fosse licito; mas os melimos Officiaes da Camera confessão nas suas cartas, que os Indios de corda, quando muito, poderão ser vinte, ou trinta, sendo certo, que ainda se alargaõ muito; donde se segue, que pertendem como d'antes os cativeiros injustos, assim como tambem pertenderão, que os forros fossem trazidos por força, e para isso se offereciaõ aos gastos da tropa; proposiçoens ambas mui indignas de se apresentarem a hum Principe tão justo, e pio, como Sua Alteza.

Dizem mais, que os gastos da dita tropa, dandose as muniçoens dos armazaens Reaes, montariaõ tres, ou quatro mil cruzados; e isto não posso entender; porque o Padre Francisco Velloso fez huma missãõ pelo rio dos Tocantins de mais de trezentas legoas, na qual tronxe os Topinambás em numero de mais de

mil almas; e eu fiz outra ao Póquís com outros Padres, em que trouxemos mais de oitocentas; e outra a pacificar, e reduzir os Nheengaiabas, Anajás, e Mamayanazes, que havia vinte annos nos faziaõ guerra, e outra á serra de Ibiapába, donde trouxe todos os Indios Pernambucanos, que se tinhaõ metido com os Holandezes, naõ fallando nas missoens dos Guajajaras, e dos Cátingas, e dos Juruunas, e outras menores, que fizeraõ outros Padres, e levando nós a estas entradas grande numero de Indios, e canoas, porque só no certaõ dos Topinambás se fizeraõ de novo cento e vinte, em nenhuma das ditas missoens entrou a fazenda Real com despeza de hum só vintem, excepto na da serra de Ibiapába, aonde o Governador mandou hum barco, que conduzio a gente, o qual barco naõ foy só a este fim, senaõ tambem a resgatar ambar. E a razaõ de naõ ser necessaria esta despeza, he porque as canoas saõ dos Indios, e os remeiros os Indios, e as farinhas dos Indios, que tudo fazem sem estipendio, e os mesmos Indios saõ, os que caçaõ, e pescaõ para sustento dos poucos, ou muitos Portuguezes, quando vaõ a qualquer entrada. E se a entrada he a trazer gente livre,

en-



entaõ tomaõ os Indios todo este trabalho com muito gosto para fornecerem , e augmentarem com ella tuas Aldeyas.

Dizem , e pedem finalmente os Officiaes da Camera , que Sua Alteza seja servido de os aliviar do Estanque do ferro , e mais generos, que pediraõ os do Pará , allegando para isso, que o intento de se procurarem os taes generos naquella Capitania he o commercio dos escravos , que nella se fazem pela vizinhança do rio das Amazonas; e cessando, como deve de cessar, o dito trato por sua manifesta injustiça, tantas vezes condenada , tambem parece , que o dito Estanque será de pouca utilidade não só ao Maranhão , senão ao mesmo Pará. E isto he tudo , o que contém as cartas daquella Camera.

Agora responderey ás cartas do Governador nos pontos , que são differentes dos referidos, em que elle se conforma com tudo , o que tenho dito, reconhecendo a utilidade dos meynos, mas não os approvando , por serem contra as leys Reaes, ás quaes se póde ajuntar a ley Natural, e das Gentes, sobre que elles se fundaõ.

Diz pois o Governador , que não se podendo fazer o descobrimento do rio Paragua-

çú por meyo das armas , como os moradores queriaõ , em ordem a fazer elcravos , intentou elle fazer o mesmo descobrimento pacificamente por meyo de hum Padre da Companhia , e dous Certanejos praticos , e que o dito intento se desvaneeo por medo de huns , e do outro.

Este Padre da Companhia he o Padre Antonio Pereira , bem conhecido por suas virtudes neste Collegio de Santo Antaõ , aonde se veyo ordenar, e acabados seus estudos de Theologia , tornou para o Maranhaõ , donde he natural : he muito pratico na lingua da terra , e de seu zelo , e valor tenho eu boas experiencias por me haver acompanhado pelo rio das Amazonas , e outros em occasioens naõ menos ariscadas. Se os Certanejos recearaõ a jornada, naõ me consta ; mas tenho grande fundamento para suspeitar , que elles foraõ induzidos a isso ; porque os moradores desejavaõ , e ainda desejaõ o dito descobrimento por via de armas para fazerem escravos , e naõ pelo meyo da paz. O certo he , que tendo noticia o dito Padre deste desvio , e da causa de temor , que se dava , foy ter com o Governador , e lhe disse , que se tinha alguma duvida do seu animo,

e von-

e vontade , que mandasse prevenir as canoas , e veria se elle se embarcava logo , ou não. E para aliviar ao Governador de parte da despeza , de que queria fazer serviço a Sua Alteza , o Padre Reitor tomou por sua conta a que podia tocar ao dito Padre , de cuja carta digna de todo o credito consta o referido.

Mas vindo ao ponto principal do descobrimento do rio Paraguaçu , este rio sahe ao mar entre o Maranhão , e o Ceará por oito , ou nove bocas , que vulgarmente se cuida são rios differentes , os quaes todos eu vi , e passey. Pela mayor boca destas sahe tambem a mayor corrente do rio , que he largo de hum tiro de mosquete , e mui profundo , e entra pelo mar com tal impeto , que em huma das viagens , que fiz por aquella costa , estando duas legoas ao mar sobre ferro , batia no costado do navio com notavel força , e arruido , de que depois conheci a causa. Donde venha este rio , não ha noticia certa , mas pelas que me tinhão dado no Pará os Indios Topinambás , tenho conjectura , que nasce de huma lagoa , onde naquelle tempo havia muitos Indios de lingua geral , e pelos nomes dos peixes , que achey na boca do mesmo rio , e dos que se diz haver

na dita lagoa serem os mesmos, entendi, que se communicão; e tinha tenção de fazer este mesmo descubrimento, quando os moradores amotinados, por não ser de escravos, impediraõ este, e outros designios de grande serviço seu, e de Deos.

Que o descubrimento se faça, julgo será muito conveniente pelos meyo da paz; mas não entendo como possa ser ló com vinte Indios, e duas canoinhas, e que nellas se possaõ levar mantimento para cinco mezes, ferramentas, resgates, e mais cousas necessarias para seguir a viagem, e contentar o gentio. Eu quando fiz esta jornada foy a pé pela praya, levando cincoenta Indios, e huma canoa para passar os rios: esta canoa em humas partes se levava ás costas com varaes, em outras rodando sobre elles pela areya, e quando era força ir pelo mar, sempre hia alagada; mas dado, que as duas canoinhas possaõ navegar as quarenta legoas de costa, que ha do Maranhão ao rio (o que se não deve fazer, senão no inverno, em que acalmaõ as ventanías) depois de entrarem da boca do rio para dentro, sem conhecimento delle, nem dos seus braços, nem das cachoeiras, ou pontos, que póde ter, em  
que

que será necessario arrastar as canoas por terra, e subillas por montanhas, e penhascos, não alcanço como isto se possa fazer com vinte Indios, e como estes se livrarão dos Tapuyas barbaros, que cruzaõ as campinas, e bosques daquelles certoens, e outras muitas difficuldades, que mais facilmente se topaõ de perto, do que se podem discorrer de longe. Assim que o meu parecer seria, que algumas canoas fossem mayores, em que as cousas necessarias se conduzissem com segurança, ao menos até a boca do rio, e muito mayor o numero dos Indios, que dalli por diante proseguissem o descobrimento; e que com elles além dos dous Certanejos (que nenhum he pratico do dito rio) fossem quatro Mamalucos com armas de fogo, com que se possaõ defender dos Tapuyas, e que depois de descoberto o rio, e o que nelle, e por elle se achar, com roteiro, que fará o Padre, se saiba o que he necessario para a missaõ, ou jornada principal.

Diz mais o Governador a este proposito, que os Padres não buscaõ o martyrio naquella terra, como o hiaõ buscar a outras mais remotas, sendo o seu officio prégar a fé, o que não querem fazer, senaõ debaixo das armas, que  
lhes

lhes segurem a vida, e que já não fazem as missões como d'antes. Em tudo isto falla o Governador como novo, e mal informado. E quanto ao pique do martyrio, e pregação da fé, os gentios do Maranhão não são inimigos da fé, nem martyrizão por ella, nem sabem, que cousa seja; nem os Padres, que os vão buscar, os reduzem a vir por meyo da fé, senão por razoes, promessas, e conveniencias humanas.

E posto que tambem lhe dizem, que serão filhos de Deos, e se salvarão, a isto respondem, ( como já respondeo algum ) que se Deos, como os mesmos Padres dizem, está em toda a parte, tambem está na sua terra, e que nella se podem salvar. Assim que para os arrancar do certão, que he o que o Governador, e os moradores pertendem, não he o meyo a pregação da fé, para a qual elles não tem repugnancia alguma, e depois se vão catequizando, e instruindo.

Com a mesma pouca noticia diz, que não querem os Padres ir, senão debaixo das armas, que lhes defendão a vida; porque todas as missões acima referidas, que eu, e outros Padres fizemos, forão sem soldados, os quaes tó vão,  
e per-

e pertendem ir onde ha escravos, de que lhes caiba a sua parte, e os Governadores tambem os procuraõ mandar, e fazer a façção militar, para que lhe caiba a sua joya, como Capitaes Generaes; e assim o fizeraõ sempre nas entradas de resgate, que eraõ mui differentes das outras; posto que fossẽm Padres nellas.

E porque não fique sem reposta a calumnia verdadeiramente ridicula de hoje não fazerem os Padres missoens, he necessario distinguir dous tempos. Desde o anno de 1655. até o de 1661. em que os Padres por ordem del-Rey tiveraõ á sua conta todas as Aldeyas, e Indios, fizeraõ com elles todas as missoes, q̃ tenho dito, em que desceraõ grande quantidade de gentio de diversas naçoens, e povoaraõ com ellas as Aldeyas do Pará, e fundaraõ a da Ilha do Sol, que era a mayor, e melhor, que entaõ havia. Depois do dito anno tiraraõse as Aldeyas aos Padres, e ficaraõ em poder dos Governadores, e das Cameras, que se serviaõ dos ditos Indios, e os puzeraõ a elles, e ás Aldeyas no estado, em que hoje as tem. E se os Padres não tinhaõ Indios, com que haviaõ de fazer as missoens, e levar, e remar as canoas necessarias á condução da gente? Não deve de

de estar informado o Governador , que tudo isto se faz por rios , nem de que a terra he impenetravel de bosques , e talhada de lagos , e incapaz de se fazer em outra fórma. Com tudo , nem por isso deixaõ os Padres de trabalhar sempre , e cultivar do modo , que podem , as reliquias das pobres Aldeyas , nas quaes não achaõ mais que velhos , e velhas inuteis , e crianças , e doentes , aos quaes doutrinaõ , e administraõ os Sacramentos ; e onde ha commodidade de descerem alguns gentios sem tanto apparatus , tambem o fazem , como no Itaquí , Gurupí , e outras partes.

Na ultima carta propoem o Governador a mudança do Capitaõ mór do Pará para o Maranhão , e suppoem , que a sua assistencia ha de ser no Pará. As assistencias dos Governadores no Pará sempre foraõ suspeitosas , e mal avaliadas , mostrando a experiencia , que muitos delles queriaõ assistir naquella terra menos sábia , por estar mais perto da vindima , e do lagar , que he o rio das Amazonas , e as peças , que delle se tiraõ ; mas como o presente Governador tem opiniaõ de taõ recto , e desinteressado , e he taõ cuidadoso da observancia das leys Reaes , como mostra nas suas cartas ,  
pare-



parece , que a sua assistencia no Pará terá effeitos contrarios , e dalli poderá vigiar melhor , sobre os que occultamente vão fazer resgates , e castigallos com a severidade exemplar , que convem. No tal caso será util a mudança do Capitaõ mór , por quanto com a assistencia do Governador no Pará fica ociosa a sua , a qual se póde empregar melhor no Maranhão , e não se lhe faz injuria , sendo o posto , e o ordenado o mesmo.

Sobre a introdução da moeda ; que tambem se propoem na mesma carta com o avanço de cento por cento , não me atrevo a dar juizo. Representaseme , que por este modo subirá muito o preço das drogas de fóra , e abaterá igualmente o das drogas de dentro , com que antes diminuirá , do que crescerá hum Estado , cujo augmento se procura ; porque vendose v. g. hum negro por cem patacas , as mesmas cem patacas para o mercador serão sessenta mil reis , e para o morador cento e vinte. E ainda que de huma , e outra parte se queiraõ pôr as drogas em equilibrio , considerandose reciprocamente o valor intrinseco , ou extrinseco da moeda , nunca se podem evitar os danos , que com o levantamento da nossa se

tem

## 110 VOZ POLITICA.

tem experimentado. O dinheiro corrente do Maranhão não são só novellos, e pano, senão tabaco, assucar, cravo, e os demais generos, que se commutaõ; e em qualquer resoluçãõ, que se tome, sempre se devem prohibir os novellos, como moeda verdadeiramente falsa.

De tudo o que fica dito, se colhe, que os meynos apontados pelo Governador, e Camera, (excepto o de que logo fallarey) nem cada hum per si, nem todos juntos são sufficientes para o efficaz remedio do Maranhão.

Quando a primeira vez cheguey ao dito Estado, o achey enfermo deste mesmo mal, e logo avisey a Sua Magestade das causas, e apontey os remedios; e porque parte delles se não applicaraõ, e os que se applicaraõ, não só se impediraõ depois, antes se elegeraõ os contrarios, em vez de cobrar saude aquelle corpo, está hoje espirando, e quasi morto. O milagre de o resuscitar só o póde fazer o poder de Sua Alteza, e o maduro, e acertado conselho de seus Ministros, a quem represento os meynos seguintes. Primeiro; que Sua Alteza por contra de sua Real fazenda, pois não ha particulares, que o façaõ, mande meter no Maranhão competente numero de escravos de Angola;

os quaes se vendão por preço moderado aos moradores, e com largueza de tempo, em que os possão pagar pelo rendimento dos generos, que fabricarem. Este meyo he apontado pelo Governador, e Officiaes da Camera, e approvado por todos os Concelhos, e juntas, e confirmado com os exemplos, e experiencia de todo o Brasil, que só cresceo a opulencia depois que foy cultivado com os taes escravos; nem Sua Alteza, e seus Ministros devem difficuldar semelhante empenho, e despeza, pois se emprega em materia certa, e não contingente, e na conservação de hum Estado de quatrocentas legoas de costa, o mais vizinho de todas as conquistas, e que pela fertilidade de suas drogas he appetecido das naçoens estrangeiras, as quaes folgarão de dispender pelo adquirir muito mais do que se pede para o conservar. Segundo, e não menos principal; que o resgate, ou latrocínio dos Indios chamados escravos totalmente se prohiba, e que esta prohibição se observe, e as penas comminadas se executem inviolavelmente, porque só o castigo da terra póde applacar, e suspender o do Ceo, como nos ensinaõ tantos exemplos da Historia sagrada, sendo certo, que em todo

do o dominio de Portugal não ha outra terra, onde tanto sangue innocente esteja clamando, e pedindo justiça ao Ceo, como a do Maranhão.

Terceiro ; que na conversão das almas dos gentios, e cultura dos já bautizados se ponha o mayor cuidado, para que tenhamos da nossa parte a Deos, de quem depende tudo. E posto que esta cultura seria mais natural, e desembaraçada nas terras proprias dos gentios, fazendo-se nellas Colonias pelos mesmos rios acima ; (o que já não he possível por estarem despovoados) ao menos em qualquer outra parte, onde estiverem ; nem os Indios, nem seus Parocos sejaõ molestados dos moradores, o que não póde ser sem o favor mui declarado de Sua Alteza, e dos que estão em seu lugar, sem o qual todos se lhe atrevem, e tudo se confunde.

Quarto ; que por meyo dos Missionarios pacificamente, e sem violencia se procure descer para a vizinhança de nossas povoaçoens todo o numero de Indios, que se poderem descobrir ; e que desde logo se applichem a este só ministerio todos os Indios, que ha das Aldeyas, em quanto se não acabaõ de todo, e que estes se não divirtaõ a outra alguma occupaõ

pação , senão depois que as Aldeyas antigas estiverem fornecidas , ou edificadas outras de novo.

Quinto ; que a este fim se reponhaõ todas as Aldeyas , e Indios livres dellas no antigo estado , em que Sua Magestade as poz debaixo da administração dos Religiosos da Companhia, ou de outra Religiaõ , que melhor , ou igualmente o faça , a qual Religiaõ deve ser fõmente huma pelos grandes inconvenientes , que do contrario se seguem , não sendo possivel conservar-se de outra sorte a uniaõ , e sujeiçaõ dos Indios , que por serem taõ poucos , necessariamente se haõ de tirar de todas as Aldeyas para o fim , que se pretende.

Sexto ; que depois de fornecidas , e povoadas as ditas Aldeyas , entaõ se repartaõ os Indios para serviço dos moradores , e que na dita repartição não tenhaõ jurisdicçaõ , ou exercicio algum os ditos Padres , e fique toda á disposição do Governador , ou de outra pessoa, ou pessoas desinteressadas á eleição dos povos, para que se evite toda a occasiaõ de queixa.

Setimo ; que no entretanto ( e sempre, se parecer ) os velhos , e mulheres , e moços das Aldeyas incapazes de irem ao certoõ se occu-

pem no deftricto dellas em lavrar cacao , e outras drogas , de que forem capazes as terras , para que todos , segundo as suas forças , trabalhem para o bem temporal publico, e augmento do Estado , e rendas Reaes.

Isto he , Senhor , diante de Deos, o que me parece pelas razoens apontadas , e outras , que se não podem reduzir em taõ breve escriptura; e quando a sustancia do que digo se approve, e se offereção algumas objecções em contrario, creyo , que poderey satisfazer a ellas , sendo Vossa Alteza servido, que o Conde Presidente, e o Concelho me ouça , protestando , que no que toca aos Religiosos da Companhia , fallo com sincerissimo zelo do mayor serviço de Deos , e de Vossa Alteza , entendendo , que elles são , os que com menores defeitos podem obrar , o que represento. Collegio de Santo Antão 31. de Julho de 1678.

# VOZ DESENGANADA.

**Q**uem ainda não conhece o Apostolico espirito do Padre Antonio Vieira , ouça esta voz , e saberá qual foy o seu desapego do mundo , e quanto mayor , que o mesmo mundo , o seu heroico coração. Saberá o pouco , que o prendiaõ as estimaçoens dos Principes ; como entre o encanto das Cortes , que a tantos enfeitiça , soube ter sempre isento o animo , livres os affectos , e superiores a tudo , o que os homens tem por felicidade.







# CARTA

Do P. ANTONIO VIEIRA,  
e heroico defengano, com que  
deixou a Corte.

Muito Reverendo Padre Provincial do Brasil.

*Pax Christi.*



Omo eu fazia conta de partir juntamente com a armada da Balsa, e as occupaçoens daquelles ultimos dias foraõ taõ grandes, refervey o escrever para os dias, que nos detiveffemos na Ilha da Madeira; mas como Deos dispoz outra cousa, e a armada haverá chegado sem carta

H iij

mi-

## 118 VOZ DESENGANADA.

minha , nesta darey contra a V. Rev. de tudo, o que tem passado acerca da missão do Maranhão , depois que V. Rev. partio desta Corte.

A primeira cousa , em que entendemos, foy em continuar o requerimento da fundação da missão , o qual Sua Magestade despachou na mesma fórmula , em que lho apresentámos, ordenando , que se nos dessem trezentos e cinquenta mil reis para dez sujeitos , a razão de trinta e cinco para cada hum , pagos ametade nos dizimos da Bahia , e a outra no contrato do tabaco desta Cidade. Da parte tocante aos dizimos da Bahia se nos passou logo provisão , sobre a qual replicámos , para que se fizesse clausula , que se nos pagaria independente dos Governadores , como ao Bispo , e Clero da Sé , e neste requerimento se trabalhou mais , que no primeiro , porque tivemos quasi todos contra nós , mas al fim se venceu como V. Rev. veria do teor da provisão. A do tabaco não se passou logo , porque achámos , que estava consignado a outros pagamentos , e porque todos os do Reyno hoje são mui incertos , e assim nos pareceo o pedir estoutra ametade nos dizimos do Rio de Janeiro , como se concedeo , e tambem se passaráo as provisões,

nas

nas quaes não deve fazer duvida o dizerse, que se pagará dos sobejos dos dizimos, porque se entende, do que sobejar dos ordenados, e ordinarias, que nelles estão consignadas, e não do pagamento de soldados, a que tambem se applica, como de muitas clausulas da mesma provisãõ se deixa entender. Alcançada a fundação, que era a condiçãõ, *sine qua non*, da missãõ, conforme as ordens, que trouxe o Padre Francisco Ribeiro, tratámos do modo, com que breve, e commodamente, e sem gastos da Provincia podessem ir para o Maranhão os sujeitos della, e se expediraõ as cartas para o Conde Governador, e para V. Rev. em que Sua Magestade manda, que aos Padres da dita missãõ se dê todo o provimento necessario, e se tome hum caravellaõ á custa tudo de sua fazenda, em que os Padres partaõ em companhia da armada até a altura do Rio Grande, em que pôde haver perigo, e dalli sigaõ sua derrota. Estas cartas foraõ por via do Porto com Philippe Bandeira; e porque não tenho aviso de haverem chegado ás mãos de V. Rev. farey, que se multipliquem as vias. Sobre estes dous fundamentos resolvemos o Padre Francisco Ribeiro, e eu de tratar da missãõ em

fórma , e seguindo os designios do Padre Luiz Figueira , e as ordens de Sua Magestade , em que manda , que edificuemos casas , e Igrejas nas tres Capitanias do Maranhão , Pará , e Gurapá. Alcançámos primeiramente , que em cada huma das ditas Capitanias se nos dêsse huma Aldeya para termos Indios , e que nos acompanhem , e sirvaõ nas missoens independentes dos Governadores , de que levamos provisõens de Sua Magestade , cujas copias tambem remetto a V.R. e de mais dos viaticos, que montaraõ quatrocentos e vinte mil reis, nos fez merce Sua Magestade de setecentos e cincoenta e seis para provimento das Igrejas , de que logo se arrecadaraõ mil cruzados, com as quaes duas esmolas , e outras se aviou a missaõ de tudo o necessario ás Igrejas , casas , e resgates na fórma , que V. Rev. verá pelas listas , que com esta vaõ. Os sujeitos , que nos pareceo admitir para a missaõ, foraõ os seguintes: O Padre Manoel de Lima, cujos merecimentos V. Rev. muito bem conhece , o qual desesperado de poder proseguir a sua missaõ do Japaõ , dedicou *se, & sua omnia* a esta do Maranhão. O Padre Joaõ de Sotomayor , e o Padre Manoel de Souza , os quaes por justos respeitoes estiveraõ

occul-

## VOZ DESENGANADA. 121

occultos até a vespera da partida, e o segundo com as ordens tomadas dous mezes havia, sem ninguem o saber, nem suspeitar.

O Padre Francisco Velloso, e o P. Thomé Ribeiro, sem embargo de terem em Coimbra muitas opinioens, ainda de Padres graves, e espirituaes, que os aconselhavaõ a não irem á missaõ, senaõ depois de acabada a Theologia; mas elles com grande edificaçãõ se renderaõ logo ao que entenderaõ ser vontade dos Superiores dessa Provincia. O Padre Gaspar Fragofo, que leo este anno a Nona, e he sujeito de grande virtude, recolhimento, e resoluçãõ, acabou o curso, e tem muito bom talento de Prégador. O Irmaõ Agostinho Gomes, olim Agostinho das Chagas, da Irmandade de Santo Ignacio, chamado vulgarmente o Estudante santo, porque verdadeiramente o he, e cuidoo, que V. Rev. o confessou algumas vezes. Entrou no Noviciado dia do Espirito Santo, e foy com cinco mezes de noviço. Além destes recebemos dous irmaõs, Joseph de Mena, e Antonio de Mena, a quem mudámos o nome pela equivocaçãõ da lingua da terra, e hoje se chamaõ Joseph, e Antonio Soares, o primeiro he Clerigo dos de Santo Ignacio Casuista, homem de gran-

## 122 VOZ DESENGANADA.

grande oração, o segundo he Curfista, mas a melhor habilidade, e o melhor Humanista do pateo, e sobre tudo Anjo de condiçãõ, e costumes, tambem da Irmandade de São Ignaciõ; com que ficaraõ supprindo a menos estreiteza do noviciado, que teraõ no Maranhão, onde, ou no navio se lhe haõ de deitar as roupas. De mais destes recebemos dous Irmaõs Coadjuutores, hum dos quizes he Francisco Lopes, que servia este Collegio, de cujo espirito não digo nada, porque o conhece V. Rev. outro Simaõ Luiz, official de Carpinteiro, homem de muito bons costumes, e prestimo. Não conto aqui o Padre Luiz Moniz, porque o levou Deos para si com grande sentimento nosso; nem ao Padre Antonio Vaz, porque deo causas para não ir nesta occasiãõ, das quaes dou conta a V. Rev. em carta particular, e com approvaçãõ do Padre Provincial ficou até novo aviso de V. Rev. De maneira, que saõ os sujeitos, de que se formou a missãõ, por todos doze, oito Sacerdotes, dous Irmaõs Estudantes, dous Irmaõs Coadjuutores. Pareceo-nos exceder tanto o numero, principalmente suppondo, que dessa Provincia haõ de ir, os que Sua Magestade ordena, porque havendo de ser as  
Re-

## VOZ DESENGANADA. 123

Residencias tres, e havendo de se tratar das missões, e conversões do Graó Pará, e rio das Amazonas, que he o que principalmente se pertende, não se póde acudir a isto tudo, como convem, com menos de dezoito, ou vinte sujeitos, os quaes Deos sustentará com a providencia, que costuma, aos que por se empregarem todos em seu serviço, não reparaõ em commodidades proprias; hum punhado de farinha, e hum caranguejo nunca nos póde faltar no Brasil, e em quanto lá houver algodão, e tujucos, tambem não nos faltará, de que fazer huma roupeta da Companhia; e esta he a resolução, e desejos, com que imos todos; e confiamos na graça de nosso Senhor, que nos ha de ajudar a perseverar nelles. Quanto mais, que lembrado estará V. Rev. que na consultinha, que V. Rev. fez no seu cubiculo sobre a congrua, que se havia de pedir para cada hum dos Missionarios, em que nos achámos com V. Rev. o Padre Francisco Ribeiro, e eu, se resolveo entre todos, que para sustentar no Maranhão hum sujeito bastavaõ vinte, ou vinte e cinco mil-reis, com que da sustentação dos dez fica sobejando para quatro, ou cinco; accrescem mais os cinquenta mil reis do meu ordenado

## 224 VOZ DESENGANADA.

nado, com que nos remediaremos dous; e como a renda se nos ha de pagar na Bahia, e Rio de Janeiro, tomando-a os dous Collegios em si, e mandandonos affucares da sua lavra, com que nos fação esmola dos melhoramentos da sua liberdade, empregandose tudo aqui nos generos mais necessarios ao Maranhaõ, sempre virá a chegar lá muito accrescentado.

Bem vejo, que os riscos do mar são grandes, mas alguma cousa haõ de deixar a Deos, os que dedicaõ tudo a elle. No Maranhaõ, como de lá nos avisaõ, tambem temos ainda alguns escravos, e criaçaõ de vacas, de que se poderáõ ajudar os daquella casa; e se nas outras, e nas missoens se fizer o fruto, que se espera, logo Sua Magestade, como tem promettido, accrescentará mais renda, e não faltaráõ pessoas particulares, e devotas, que nos ajudem com suas esmolas. E quando não haja outras, resolvermehey a imprimir os borroens de meus papelinhos, que segundo o mundo se tem enganado com elles, cuida o Padre Procurador Geral, que poderá tirar da impressaõ, com que sustentar mais dos que agora vão; assim que por falta de sustentação não deixe V. Rev de mandar o numero dos sujeitos, que Sua Magesta-



gestade pede ; e nesta confiança , como digo, resolvemos , que de cá fossẽm logo os doze. Disposta assim a missãõ , e tomado no navio o mais largo , e commodo lugar , que pode ser, ( o qual tambem deo ElRey ) em 22. de Setembro começou a partir a frota , e os nossos Missionarios se foraõ embarcar todos, e eu dos ultimos com o Padre Francisco Ribeiro , como que nos hiamos despedir delles ao navio.

Chegados a S. Paulo soubemos , que partindo os demais , só o do Maranhão ficava por ordem do Concelho Ultramarino , para poder levar hum Sindicante , que dous dias antes se despachara. Estava ElRey naquelle dia na Quinta, fuy lá, e alcancey hum decreto da sua letra , para que o Sindicante ficasse em terra, e o navio do Maranhão partisse com a frota. Indo já para elle com taõ bom despacho , soubemos , que os Capitaes Móres do Maranhão, e Pará não estavaõ embarcados pela mesma causa. Torno a Lisboa ao Conde de Odemira, doulhe a noticia da nova ordem delRey , e confórme a ella se mandou aos Capitaes Móres , que aquella noite se embarcassem para darem á vella pela manhã , porque já não havia tempo , nem maré ; e com esta resoluçãõ nos

## 126 VOZ DESENGANADA.

nos tornámos para casa o Padre Francisco Ribeiro, e eu, deixando os demais embarcados, e parendonos, que com esta dissimulação se encubriaõ melhor os meus intentos. Mas posto que geralmente succedeo assim, não faltou quem entrasse nas suspeitas, e dêsse ponto ao Paço, donde em amanhecendo me veyo recado, para que fosse fallar a Sua Alteza; fuy, e porque estavaõ para o sangrar, disseme, que esperasse para depois da sangria, tudo a fim de me deter; mas eu me sahi, e me fuy embarcar a toda a pressa. Chegando ao navio soube, que ElRey tinha mandado chamar o Mestre, de que os Padres estavaõ mui desconsolados entendendo, o que podia ser. Não havia já em todo o rio para partir, mais do que humano, que estava em Paço d'Arcos: pedi ao Padre Francisco Ribeiro, que quizesse ir saber, se havia de tomar a Ilha da Madeira, e se levaria hum passageiro; e eu com o Padre Luiz Pessoa tomey mullas em Belem, e me parti a Lisboa: á porta do Paço achei o Mestre do navio do Maranhão, que me disse o mandara chamar ElRey para lhe dizer, que o havia de mandar enforcar, se em o seu navio fosse o Padre Antonio Vieira. Tambem aqui soube, que

ti-

tinha mandado Sua Magestade ao mesmo navio o Padre Bispo do Japão , e o Capitaõ do Pará ; o Bispo, para que me trouxesse , e o Capitaõ com ordem , que tanto que eu lá não estivesse , partisse logo o navio. Com estas noticias taõ declaradas entrey a Sua Alteza, ( porque ElRey estava comendo ) e lhe disse retolutamente , que eu hia, e havia de ir para o Maranhão , procurando reduzillo , a que o houvesse por bem , com todas as razoens , e extremos , que em semelhantes occasioens costuma ensinar a dor , e a desesperaçãõ ; mas nenhuma bastou , antes me desenganou Sua Alteza , que me não cansasse , porque ElRey estava na mesma resoluçãõ , e nenhuma cousa haveria , que os apartasse della. Sobre este desengano considerey , que se fallasse a Sua Magestade me poderia deter muito, e perder a nao de Paço d'Arcos , e juntamente, que partindo, sobre ElRey expressa , e presencialmente me negar a licença , ficaria a fugida menos decente , para quem a não quizesse escusar com a justificaçãõ da causa ; pelo que sem lhe fallar , me torney a Belem , onde tambem chegava de volta o Padre Francisco Ribeiro com reposta , que a nao partia para a Bahia , e que havia de tomar a

Ilha

## 128 VOZ DESENGANADA.

Ilha da Madeira, e que me levaria. Passeime logo á fragata, deixando em terra aos dous Padres, os quaes ambos me disserão, que não approvavaõ a minha resolução, posto q̃ o Padre Ribeiro mais friamente, que o Padre Peffoa, com que em parte me animou. Bem conhecia eu, que o que dictava a prudencia nas circumstancias presentes, era o que me diziaõ os Padres; mas eu não podia acabar comigo haver de desisttir da empreza, tendo chegado áquelle ponto, nem deixar os companheiros, que o quizeraõ ser meus nella, e muitos dos quaes por essa causa se determinaraõ mais a esta missãõ, que a outra; e como o reparo dos Padres, que me aconselhavaõ, era só o pôr a perigo a graça delRey, tambem me parecia, que quanto eu mais a arriscasse, e perdesse pelo serviço de Deos, tanto mais penhorado ficava o mesmo Senhor a favorecer os intentos, por que o fazia, e assim o mostrou depois o effeito. Em fim cheguey á nao a tempo, que queriaõ levar a ultima ancora; mas ao mesmo tempo cresceo de tal maneira o vento, que toda a gente da nao (que eraõ sessenta homens) em muito tempo não poderaõ dar huma volta ao cabrestante, com que se dilatou a partida

para a madrugada seguinte. Passey aquella noite com o corpo neste navio, e a alma no do Maranhão, traçando como na Ilha da Madeira me havia de passar occultamente a elle, sem saber o que no mesmo tempo se traçava em Lisboa contra mim. Foy o caso, que ao chegar á nao de Paço d'Arcos me conheceo o Provincial de S. João de Deos, que passava por alli em huma fragata, e chegado ao Convento foy visitar sua vizinha a Condessa de Obidos, onde achou ao Padre Ignacio Mascarenhas, e lhe contou o que vira. Mandou logo recado o Padre ao Conde de Cantanhede, o Conde ao Principe, e Sua Alteza a ElRey, e informandose Sua Magestade de quantos navios havia para partir no rio, e sabendo, que só tres, mandou logo tres Ministros de justiça com tres decretos seus, que mos fossem notificar a qualquer navio, onde eu estivesse. Ao amanhecer hiamos já navegando por S. Giaõ fóra, quando chegou a nós hum Corregedor, o qual subindo á nao, me meteo na mão hum decreto assignado por Sua Magestade, no qual lhe mandava me dissesse da sua parte, que lhe fosse fallar, porque importava; e que em caso, que eu difficultasse o ir, notificasse ao Capitão, e

## 130 VOZ DESENGANADA.

Mestre do navio , que sobpena de caso mayor dèsse logo fundo , e não parrisse. Como a ordem era tão apertada , e ás torres se tinha também mandado outra, que não deixassem sahir nenhum navio, sem constar, q̄ não hia eu nelle, foy força obedecer, e arribar antes de partir. No caminho tomey o navio do Maranhão, que também já hia á vella , a despedirme dos Padres; e porque achey estar em terra o Padre Manoel de Lima , pelo que podia succeder, encommendey a missãõ ao Padre Francisco Velloso , tendo-o por o mais antigo , posto que depois soube , que o era o Padre João de Sotomayor , mas no cuidado dos noviços terá bem, em que empregar seu espirito, e talento. Mais adiante encontrey em huma gondola aos Padres Manoel de Lima , e Manoel de Sousa, que á vella , e a remo hia seguindo o navio , mas ainda assim nos abraçámos, e chorámos, ratificandolhes eu a promessa , que aos outros Padres tinha também feito , de muito cedo ser com elles por qualquer via.

Em fim cheguey ao Paço , onde Sua Magestade , e Alteza me receberão com graças, zombando da minha fugida , e festejando muito a preza; mas ajudoume Deos , a que lhe sou-  
belle

befse declarar o meu sentimento, e as juftas razões d'elle , que affirmo a V. Rev. foy o mayor , q̃ tive em minha vida , com me ter vilto nella tantas vezes com a morte tragada. Ao amanhecer do dia seguinte me bateo á porta do cubiculo o Padre Francisco Ribeiro com hum efcrito do Padre Manoel de Lima , feito nos almazens , em que o avisava , como fem embargo de fe passar a huma barca peſcareja , e haver seguido o navio quaſi todo o dia muitas legoas pela barra fóra , o não podéra alcançar , e que alli eſtava prevenindo huma caravella para dentro em vinte e quatro horas fe embarcar até a Ilha da Madeira a tomar lá o navio do Maranhão. Vinha o Padre muito ſentido com eſta arribada dos Padres , mas ella me animou de maneira , que no meſmo ponto ſe me aſſentou no coração , que eu havia de ir com elles ; e aſſim o comecey logo a intentar , metendo o negocio em conſciencia , e deſcarregando ſobre a de Sua Mageſtade , e Alteza a condemnação , ou converſão de muitas almas , que de eu ir , ou ficar , ſe poderia ſeguir. Sua Alteza eſtava doente , e neſtes dias com ſuſpeitas de perigo , e foy mais facil de perſuadir ; o que importou muito , para que

## 132. VOZ DESENGANADA.

tambem se viesse a render ElRey , o qual me levou á Rainha nossa Senhora , para que me dissuadisse ; mas como a piedade em ambos Suas Magestades he tão grande , al fim poderão mais as razoes do mayor serviço de Deos, que todos os outros respeitos. Se algum sacrificio fiz a nosso Senhor nesta jornada , foy em aceitar a licença a ElRey , quando ma concedeo, porque a fez Sua Magestade com demonstraçoens mais que de pay , e assim eu a não tive por segura, até que ma entregou por escrito, e firmada de sua Real mão na fórma da copia, que com esta remetto , em que tenho por particular circumstancia ser passada em dia das onze mil Virgens Padroeiras deste Estado. Mostrey-a aos Padres, e os poderes, que nella Sua Magestade nos dá em ordem á conversão, e assentámos todos, que o não partir o navio do Maranhão com a frota , havendo seis mezes , que estava esperando por ella, o descobrir-se a minha jornada , o não se poder levar a ancora , o mandarme ElRey tirar do navio , o ficar em terra o Padre Manoel de Lima , e o arribar depois , e tantas outras cousas particulares, que neste caso succederaõ , tudo foy ordenado pela providencia divina, que queria,  
que



que eu fosse , mas que fosse com approvaçãõ, e beneplacito delRey , e com taõ particulares recommendaçõens luas aos Governadores , e Ministros daquellas partes , que estes meyos humanos podem ajudar , e facilitar os da conversãõ , servindose delles a graça divina, como na India se experimentou pelos favores , com que ElRey D. Joaõ III. assistio aos da Companhia contra o poder dos Capitaens das fortalezas , e outros pouco zelosos Portuguezes , que por seus interesses os impediaõ. Informados estamos , que em todos os lugares do Maranhãõ ha muito disto , mas quererá Deos nosso Senhor , que possa com elles alguma cousa o medo , já que póde taõ pouco a christandade. Ficamos para partir em huma caravella , em que tambem vay hum Desembargador por Sindicante, e o Vigario Geral , e Provisor, ambos os quaes saõ muito nossos amigos ; e esperamos , que com o trato da navegaçãõ o sejaõ ainda mais , e que como pessoas , que verdadeiramente saõ muito zelosas do serviço de Deos , nos ajudem muito ao bom successo , e introduçãõ de nossos ministerios. O Padre Manoel de Lima leva commissãõ do santo Officio para o que naquelle Estado se offerecer

## 134 VOZ DESENGANADA.

tocante a este Tribunal ; e tambem no Concelho Ultramarino lhe quizeraõ encarregar o officio de Pay dos Christaõs , que agora se cria de novo no Maranhão á imitação da India , para que os Indios recorraõ a elle, como a seu Conservador , contra todas as vexaçõens , que lhe fizerem os Portuguezes ; mas como o exercicio deste cargo he de mui difficultosa execuçaõ , e mui odiosa , naõ nos pareceo, que convinha , que a levassemos , principalmente quando imos fundar de novo , para o que nos he taõ necessaria a benevolencia dos povos ; e tambem porque sendo o nosso principal intento abrir novas conversoens pelo certoõ , e rio acima,naõ serviria este officio, mais que de embaraço , e impedimento a outros mayores serviços de Deos ; e assim replicámos ao Concelho , e a Sua Magestade, que a rogos nossos foy servido aliviarnos deste cuidado , como tambem do de sermos repartidores dos Indios , que por provisaõ antiga estava encarregado ao Padre Luiz Figueira , e seria hum seminario de odios, e contradicõens. Os do Concelho Ultramarino , e todos os mais Ministros , por cujas maõs passaraõ estes dous requerimentos , se edificaraõ muito delles, e esperamos que constan-

## VOZ DESENGANADA. 135

tandolhe , como ha de constar aos moradores do Maranhão, e Pará, destas nossas resistencias, e replicas , acabarão de entender a verdade do zelo , que lá nos leva , e desenganar-se quaõ errado he o conceito , que tem de nós , em cuidarem , que queremos mais os Indios, que suas almas: muito resolutos imos a procurar arrancar esta pedra de escandalo dos animos dos Portuguezes , e a não fallar em Indios , mais que no confessorario , quando o peça o remedio de suas consciencias, e a satisfação das nossas; e os Indios , que de novo convertermos, deixallos hemos ficar em suas terras, com que elles , e nós vivamos livres destes inconvenientes, e de todos os outros, que com a vizinhança dos Portuguezes se experimentaõ. A disposição , que fazemos conta de seguir nestes principios , he que o Padre Manoel de Lima fique no Maranhão, e eu com os companheiros, que parecer, passe logo ao Pará a tratar da fundação daquella casa , e depois de a deixar em ordem com os Padres , que a continuem , ir fazendo o mesmo ao Curupá, e estar alli mais de assento , como a principal fronteira da conversão , e onde se ha de assistir , e animar esta conquista espiritual. Bem conhecemos , que os

## 136 VOZ DESENCANADA.

principaes soldados della haõ de ser, os que V. Rev. nos ha de mandar dessa Provincia , como mais experimentados , e mais praticos na lingua , e mais exercitados nos costumes desta gente , e modos , por onde se haõ de reduzir. Muito estimara eu , que meu condiscipulo do Curso o Padre Francisco de Moraes quizera, ao menos por alguns annos , vir ser Apostolo deste novo mundo , onde naõ só com sua grande eloquencia , e espirito nos facilitasse, e vencesse as primeiras emprezas , e com seu exemplo nos fosse diante , e nos ensinasse , o que havemos de fazer. Verdadeiramente seria esta acção mui propria do seu zelo , e que com grande edificação de toda a Companhia coroarão os gloriosos trabalhos , que pela salvação das almas em tantas outras partes tem padecido. O mesmo desejo de outros sujeitos , grandes linguas , que conheci nessa Provincia , e o espero delles , e de outros muitos , que naõ conheço. Affaz pouco numero he o de seis para taõ grande seara. A Provincia do Brasil foy principalmente fundada para a redução , e conversão dos gentios, e naõ havendo nella hoje outra missãõ, senaõ esta, justo he, que naõ faltem sujeitos para ella , e que estes sejaõ taes , que a

Pro-

Provincia finta muito perdellos , como acontecia a S. Francisco de Borja , porque nunca melhor ganhados, nem mais bem empregados; que Deos , a quem se daõ , dará outros por elles , e quando a Provincia de Portugal, a quem toca menos , naõ repara em se privar dos sujeitos de mayores esperanças para os dar ao Maranhão , mayor obrigação corre á do Brasil em naõ faltar, com os que só nella se podem achar, que saõ os linguas.

Bem conhecemos todos o zelo de V. Rev. e eu o dos Padres Consultores da Provincia , e affim naõ encarecemos mais esta materia, tendo por certo , que já que na frota deste anno naõ pode ser , na do que vem nos mandará V. Rev. estes taõ desejados , e taõ importantes companheiros , por quem estaremos esperando com os braços, e coraçoes abertos.

Quando todos seis naõ possaõ ser linguas, venha embora algum Irmão Coadjutor, e se for official de carpinteiro, melhor.

Tambem se todos os linguas naõ forem Padres , e houver algum Irmão Estudante eminente nella , venha embora, que no Maranhão terá estudos, e Ordens como os demais, que lá vaõ ; que tudo ha de facilitar , e compor o tem-

## 138 VOZ DESENGANADA.

po, e com os primeiros Bispos, que tiver Portugal, o ha de ter tambem aquelle novo Estado, e se a conversão for por diante, não só hum, senão muitos; e quando totalmente o não haja, faremos o que fazem hoje os do Brasil, que todo o outro inconveniente he menor, que começar huma conversão sem homens muito praticos na lingua, principalmente entre gente, que mede por ella o respeito. O Padre Mattheos Delgado nos edificou muito com se passar da nao, em que chegou, á caravella do Maranhão, em que se embarca conosco, não querendo pela não perder nem chegar á sua terra, sendo tão perto, e tendo lá negocios de muita importancia; mas deolhe Deos a conhecer, que o que só importa, he salvar a alma propria, e a dos proximos, e por este seu dictame, e outros, que lhe tenho ouvido, me parece, que nos será mui bom companheiro na missão, e mui capaz de dar boa conta de tudo, o que se lhe encômdar. Dou a V. Rev. muitas graças por tal sujeito, mas com condição, que V. Rev. no lo não queira descontar no numero dos seis, o qual esperamos muito inteiro, e antes accrescentado, que diminuido. Os nove, que parti-

ti-

tiraõ no navio do Maranhão , já lá estarão ho-  
 je com o favor de Deos , e o mesmo Senhor  
 parece , que nos tem dado prendas , de que  
 sem duvida os quiz levar lá , porque ao segun-  
 do dia , que daqui sahiraõ , foraõ seguidos de  
 hum Turco , que os investio , e abalroou , e  
 quando já estavaõ ou rendidos, ou quasi rendi-  
 dos , vieraõ duas fragatas de guerra Francezas,  
 que os livraraõ , e tomaraõ o Turco , e vieraõ  
 vender os Mouros ao Algarve. Assim se conta  
 por certo , e dizem , que ha em Lisboa Mou-  
 ro , dos que estiveraõ dentro no navio do Ma-  
 ranhão , posto que eu o naõ vi. Bemdito seja o  
 Senhor , que por meyos taõ extraordinarios  
 acode aos que o buscaõ. Por fim desta , como  
 protestaçaõ da fé , quero dizer , e confessar a  
 V. Rev. que tudo , o que nos bons principios  
 desta missaõ se tem obrado , se deve mui par-  
 ticularmente ao zelo , diligencia , e industria  
 do Padre Procurador Geral Francisco Ribeiro,  
 e tudo sãõ effeitos de sua grande caridade , e  
 pontualidade , com a qual nos assistio , encami-  
 nhou , e superintendeo a tudo de maneira ,  
 que sem elle senaõ podéra fazer nada. Deos  
 lho pagará , e a V. Rev. pedimos todos lhe dê  
 V. Rev. por nós as graças. No particular dos  
 ne-

## 140 VOZ DESENGANADA.

negocios, e demandas da Provincia, e das baralhas, que teve com os Padres desta, e de quaõ prudente, e constante se houve nellas, não refiro nada a V. Rev. porque os effeitos o dizem: são tudo frutos do seu zelo, e juizo, e da sua muita religião, e trato familiar com Deos, com que tem edificado muito esta Provincia, e acreditado a nossa.

V. Rev. depois de o deixar trabalhar aqui o tempo, com que elle se conformar, lhe dê por premio o irnos ajudar na nossa seara, que he o que deseja, e a nós por alivio, e consolação o ir emendar, o que tivermos errado, que não pôde deixar de ser muito; e verdadeiramente a grandeza daquella missaõ pede o seu talento, e espirito. Entretanto V. Rev. nos mande encommendar muito a nosso Senhor, para que nos faça dignos instrumentos de seu mayor serviço, e gloria; e particularmente pedimos todos a benção, e santos sacrificios de V. Rev. Lisboa 14. de Novembro de 1652.

De V. Rev. filho em o Senhor.

*Antonio Vieira.*

VOZ



# VOZ DOCTRINAL.

**C** Lamou sempre o Padre Antonio Vieira pela liberdade dos Indios ; por ella declama nesta voz. Fez-se huma junta na Bahia , e nella se propuzeraõ algumas duvidas , de que pediaõ decisaõ os moradores de S. Paulo , sobre a administração dos Indios. Deo seu parecer por mandado de Sua Magestade o P. Antonio Vieira. Qual elle fosse , aqui o verá , e ouvirá o mundo ; que ainda que não levasse agora o seu nome , esta voz bem se daria a conhecer de quem he.





# VOTO

Do P. ANTONIO VIEIRA  
sobre as duvidas dos moradores de  
S. Paulo acerca da administra-  
ção dos Indios.



Ara fallar com o fundamento, e clareza, que convem em materia tão importante, como da consciencia, e tão delicada, como da liberdade, he necessario primeiro que tudo suppor, que Indios são estes, de que se trata, e que Indios não são.

São pois os ditos Indios aquelles, que vivendo livres, e senhores naturaes das suas terras, foraõ arrancados dellas por summa violencia, e tyrannia, e trazidos em ferros com a crueldade, que o mundo sabe, morrendo natural,

tural, e violentamente muitos nos caminhos de muitas legoas até chegarem ás terras de S. Paulo, onde os moradores dellas ( que daqui por diante chamaremos Paulistas ) ou os vendiaõ, ou se serviaõ, e servem delles como escravos. Esta he a injustiça, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os Indios de S. Paulo.

O que não são, sem embargo de tudo isto, he que não são escravos, nem ainda vassallos. Escravos não, porque não são tomados em guerra justa; e vassallos tambem não, porque assim como o Hespanhol, ou Genovez cativo em Argel he com tudo vassallo do seu Rey, e da sua Republica, assim o não deixa de ser o Indio, posto que forçado, e cativo, como membro, que he do corpo, e cabeça politica da sua nação, importando igualmente para a soberania da liberdade tanto a coroa de pennas, como a de ouro, e tanto o arco, como o scetro.

Daqui se segue; que os mesmos Indios de S. Paulo dentro desta sua miseria, ainda que trazidos ás terras sujeitas ao dominio de Portugal, de nenhum modo estaõ elles sujeitos ao mesmo dominio, de tal sorte que os Reys a  
seu

seu arbitrio os possaõ obrigar com leys, pensoens, ou tributos, nem limitar, diminuir, ou alterar a inteireza da sua liberdade, antes pela mesma oppressão, que tem padecido, e padecem, lhes saõ devidas aos ditos Indios duas satisfaçoens, huma da parte dos Reys, outra da parte dos Paulistas. Da parte dos Reys, que como Principes justos os devem pôr a todos em sua liberdade natural, não consentindo em seus Estados tal tyrannia, antes castigando severamente os delinquentes nella. E da parte dos Paulistas, que lhes satisfaçoõ os danos recebidos, e lhes restituaõ, e paguem o preço do seu serviço, a que por força os obrigarão.

E saõ taõ precisas estas duas obrigaçoens primeiro na falta da restituiçoõ dos ditos Indios á sua natural liberdade tantas vezes procurada pelos Reys Castelhanos, e Portuguezes, e sempre resistida pela rebeldia dos Paulistas, que só pôde escusar as consciencias Reaes a grande difficuldade de o conseguir. A qual impossibilidade porém só pôde fazer licita ás ditas Magestades a dissimulaçoõ de tolerar semelhantes injustiças, mas de nenhum modo he bastante a lhe dar direito, ou authoridade de as approvar em todo, nem em parte debaixo

de qualquer pretexto, conveniencia, ou accõmodamento, como o da presente administração, salvo sómente se for com expresso, voluntario, e livre consentimento dos ditos Indios, sem força, dolo, ou simulação alguma; como tambem só do mesmo modo podem ser perdoados por elles aos Paulistas os danos acima referidos, e a satisfação, e paga do seu serviço, onde muito se deve advertir, que não sendo o dito consentimento totalmente livre, sincero, e verdadeiro, e os Indios consentirem na administração, de que se trata, só por remir sua vexação, nem por isso os causadores della ficarão seguros em consciencia, nem poderão ser absoltos das violencias, que na dita administração, ou debaixo de qualquer outro especioso nome se continuarem.

E isto supposto, depois de venerar quanto devo as resoluções, que se tem dado ás duvidas dos moradores de S. Paulo, havendo de declarar o meu parecer, como Sua Magestade, que Deos guarde, foy servido de me mandar ordenar, farey neste papel duas cousas. Primeiro proporey as difficuldades, e escrupulos, que nas ditas duvidas, e sua resolução se me offerecem, e depois representarey segundo as

experiencias, que tenho, os meyoys, com que facilmente, e sem escrupulo se póde conseguir, o que se pertende.

O primeiro escrupulo, em que se não aquie-  
ta o entendimento sobre o modo, ou modos,  
com que se tem por licita a presente adminis-  
tração, he, que todo o oneroso della cahe sobre  
os Indios, e todo o util se concede aos Paulis-  
tas; todas as conveniencias a estes, e aos Indios  
sempre miseraveis todas as violencias. Não he  
violencia, que se o Indio senhor da sua liber-  
dade fugir, o possaõ licitamente ir buscar, e  
prender, e castigar por isso? Não he violen-  
cia, que sem fugir haja de estar prezo, e ata-  
do, não só a tal terra, senão a tal familia? Não  
he violencia, que morrendo o administrador,  
ou pay de familia, hajaõ de herdar os filhos a  
mesma administração, e repartiremse por el-  
les os Indios? Não he violencia, que se pos-  
saõ dar em dote nos casamentos das filhas?  
Não he violencia, que não tendo o defunto  
herdeiros, possa testar da sua administração, ou  
entre vivos fazer traspasso della a outro, e que  
experimentem, e padeção os Indios em ambos  
os casos, o que succede na differença dos se-  
nhores aos escravos? Não he violencia, que

## 148 VOZ DOUTRINAL.

vendendose a fazenda do administrador , se venda tambem a administração , e que os Indios com ella , posto que se não chamem vendidos , se avaliem a tal , e tal preço por cada cabeça ? Não he violencia em fim , que importando a hum Indio para bem de sua consciencia casarse com India de outro morador, o não possa fazer , sem este dar outro Indio por elle ?

Estas são as clausulas , que com nome de licitas , e sem nome de violencias leva a nova administração consigo , bastando só a primeira , para que os Indios fiquem em muito peyor estado , do que agora estão ; porque agora se fugir hum Indio , não se póde prender licitamente , nem castigar por isso , nem ser obrigado a que sirva , se não quizer , nem querendo , que seja mais a este , que áquelle ; e do mesmo modo , nem que testem delle , ou o traspassem a outrem , nem que seus filhos , se os tiver o Indio , fiquem com a mesma obrigação , &c. E sendo tanto peyor esta nova fortuna , a que os ata , e obriga a administração , como se póde crer , nem presumir , nem suppor , que a aceitem voluntariamente ?

O segundo escrupulo da administração  
nesta



nesta fórma he da parte dos administradores, os quaes só ficaõ obrigados a dar ao Indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades, e a doutrina, e só de mais, alguma cousa, ou mimo. Assim o dizem as palavras da resolução expressas, que são as seguintes: *Poderá qualquer outra cousa, ou mimo dado de tempo em tempo no discurso do anno, além do sustento, vestido, medicamento, e doutrina, reputarse por paga sufficiente.* Ponderese agora toda esta resolução por partes, e nenhuma se achará, que não seja escrupulosa. Primeiramente o vestido, o sustento, a cura, e a doutrina, esta obrigação tem todo o legitimo senhor ao escravo mais vil, e até aqui ficaõ iguaes os Indios aos escravos. O demais, que se reputa por sufficiente paga, he alguma cousa, ou mimo pelo discurso do anno. E que significa, ou que recebe o Indio nesta chamada paga sufficiente, a qual o mesmo Paulista ha de avaliar como quizer, e executar, se quizer? O que alli se chama *alguma cousa*, significa cousa pouca, e incerta, sendo que a paga deve ser certa, e determinada, ou taxada pela ley, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga segundo aquillo: *Nonne ex denario convenisti mecum?* O *mimo* significa fa-

## 150 VOZ DOCTRINAL.

vor, benevolencia, ou graça, e não justiça, e obrigação; e baltarão para mim de hum Indio huma faca, ou hũa fita vermelha. Isto se reputa por paga sufficiente dado de quando em quando, que em outra parte se explica por huma, ou duas vezes no anno. A paga deve proporcionar não só ao peso do trabalho, senão ao tempo; e sendo o trabalho do Indio de cada dia, como pôde a paga ser sufficiente, e justa, se não for tambem de cada dia? Por isso se chama jornal, e por isso ameaça Deos severamente não só aos que a não pagarem, senão aos que a deixarem de hum dia para o outro.

A razão, ou escusa, que se dá de ser esta chamada paga tão rara, e tão tenue, he serem os Indios naturalmente preguiçosos, e de pouco trabalho; mas as pessoas muito praticas daquella terra, e muito fidedignas affirmão, que os Paulistas geralmente se servem dos ditos Indios de pela manhã até noite, como o fazem os negros do Brasil, e que nas casilas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobrecarregados como azemolas, quasi todos nus, ou cingidos com hum trapo, e com huma espiga de milho por ração de cada dia. Para que se veja, se he materia de es-

crupulo deixar o sustento, o vestido, e o trabalho ( posto que muito recômmendada a moderação de tudo ) no arbitrio dos homens, que no mesmo sustento, que no mesmo vestido, e no mesmo trabalho assim costumaõ tratar os Indios.

O terceiro escrupulo he fundado na ley da liberdade; e o quarto no exemplo das licitas administraçoens conforme a ella. A definição da liberdade, segundo as leys, he esta: *Naturalis facultas ejus, quod de se, & rebus suis quisque facere velit.* E consistindo a liberdade no direito, e faculdade, que cada hum tem de fazer de si, isto he, de sua pessoa, e de suas cousas, o que quizer; combine-se agora tudo, o que na sobredita administração se permite, e concede aos administradores, e julgue-se, se com mais razão se devem chamar cativos, que livres: cativos nas pessoas, cativos nas acçoens, cativos nos bens, de que eraõ capazes, se trabalharão para si. De sorte, que de si, e de seu não lhe fica cousa alguma, que por toda a sua vida não esteja sujeita aos administradores não só em quanto estes viverem, senão ainda depois de mortos.

Estas, que nós chamamos administraçoens,

tiverão seu principio em todo o resto da America com nome de Encommendas , por serem encommendados os Indios aos administradores, e porque entre elles se foraõ introduzindo varios abusos contra a liberdade dos Indios, não bastando o caso quarto da Bulla da Cea para os refrear , como nota em proprios termos dos Indios o veneravel, e doutissimo Padre Joseph da Costa , que escreveu na mesma America ; depois do Concilio , que se fez em Lima , e se examinar a materia nos Tribunaes de Hespanha pelos Juristas , e Theologos de mayor nome , fizeraõ os Reys Catholicos para descargo de suas consciencias as leys , de que porey aqui algumas , referidas , e confirmadas com muitos textos , e Authores por D. Joã Solorzano Pereira , em hum appellido Castelhana, e em outro Portuguez , e por todos os titulos merecedor do elogio, que lhe deo Madrid na approvaçãõ do tomo de *Indiarum gubernatione* ; a saber : *Quem nostra Hispania generalem præceptorem agnoscit.*

No primeiro livro pois do dito tomo cap. 1. n. 12 prohibindo a ley o serviço pessoal dos Indios , ( que he na definiçãõ da liberdade a clausula *de se* ) diz assim : *Para cuyo remedio ordino,*

'deno , y mando , que daqui adelante no aya , ni se consienta en essas Provincias , ni en ninguna parte dellas los servicios personales , que se reparten por via de tributos a los Indios de las Encomiendas , y que los Juezes , o personas , que hisieren las tassas de los tributos , no los tassén por ningun caso en servicio personal , ni le aya en estas cosas , sin embargo de qualquiera introducion , costumbre , o cosa , que cerca de ello se aya permittido , sobpena , que el Encomendero , que usare de ellos , y contraviniere a esto , por el mismo caso aya perdido , y pierda su Encomienda : lo qual es mi voluntad , que assi se cumpla , y execute , y que el tributo de los dichos servicios personales se commute , y pague como se tassare en frutos de lo que los mismos Indios tuvieren , y cogieren en sus tierras , o en dinero , lo que desto fuere para los Indios mas commodo , y de menos vexacion. Até aqui a dita ley emendando como contrario á liberdade dos Indios, o uso de elles servirem pessoalmente aos Encomendeiros , que saõ os administradores , e mandando , que o cuidado , que tem da administraçõ , se lhes satisfaça dos tributos , que os mesmos Indios costumaõ pagar a El Rey dos frutos das suas lavouras , &c. e para que em nenhum caso se consintaõ os ditos serviços pessoaes, declara outra ley ibid. n. 14. *Que no puedan los Indios por sus*

## 154 VOZ DOCTRINAL:

*sus delictos ser condenados a ningun servicio personal de particulares. Debaixo do qual nome de particulares se entendem , além dos melmos Vice-Reys expressados em muitas provisoens , todos os demais , que nomeadamente se contém na mesma ley citada cap. 2. n. 8. a qual manda, ou prohibe: Que no se den Indios a nadie en particular ; sino que , si pareciere convenir , compelan a los Indios a que trabajen, y se salgan a alquilar a las plaças , y lugares publicos , para que los que huvieren menester , assi H. Españoles , como otros Indios , ora sean Ministros Reales , o Prelados , Religiones , Sacerdotes , Doctrineros , Hospitales , y otras qualquiera Congregaciones , y personas de qualquier estado que sean , los concierten , y cogan alli por dias , o por semanas , y ellos vayan con quien quisieren , y por el tiempo , que les pareciere de su voluntad , y sin que nadie los pueda tener contra ella , tassandole los jornales , &c.*

E fallando outra ley particularmente com os Ministros , cap. 2. n. 4. he notavel a miudeza dos serviços peffoaes , e domesticos dos Indios , que os Reys lhes prohibem, naõ com menos penas , que de perderem os officios , por estas palavras: *Ni os sirvaes de los Indios de agua , ni yerba , ni leña , ni otros aprovechamientos , ni servicios,*

*ciós directa, ni indirectamente sobpena de la nuestra merced, y de perdimientos de vuestros officios. E finalmente os mesmos Reys num. 9. daõ a razão deste, que parece demasiado aperto, dizendo: Porque aunque esto sea de alguna discomodidad para los Hespañoles, peza mas la libertad, y conservacion de los Indios.*

Isto he o que acerca da dita liberdade dispoem os Reys Catholicos, como senhores da America, para satisfaçã de suas consciencias, e dos Hespanhoes, que habitã aquellas terras, ou as vãõ governar, e isto o que como supremos administradores naõ concedem, mas prohibem nas administraçoens dos Indios, entendendo com todos seus Concelhos, que de outro modo naõ podem ser licitas.

E porque o mesmo he o meu parecer, tendo quando menos por escrupulosas as larguezas, com que se responde ás duvidas dos homens de S. Paulo, resta responder aos fundamentos dellas, como agora farey.

E começando por onde começã os mesmos Paulistas, dizendo, que Sua Magestade lhes concede a administraçã dos Indios, supposto naõ serem os ditos Indios capazes de se governarem por si, nem de se conservarem em huma

## 156 VOZ DOUTRINAL.

humana vida de algum modo humana , e politica , nem de se estabelecerem de outro modo na santa fé , se ficarem sem administradores sobre si ; esta supposição na generalidade , em que se toma , de nenhum modo se pôde verificar nos Indios de S. Paulo , por quanto os que os Paulistas traziaõ do certaõ , não eraõ Tapuyas barbaros , senão Indios aldeados , com casa , lavouras , e seus mayoraes , a quem obedeciaõ , e os governavaõ com vida deste modo humana , e a seu modo politica.

E quando menos se não devem esquecer das muitas mil almas , que trouxeraõ de duas reduçoens de Paraguay , onde todos eraõ Christaõs , e os vieraõ seguindo , como seus pastores , o Padre Simaõ Maceta , e o Padre Justo Manzilla , e procuraraõ no governo da Bahia a sua restituiçaõ , e liberdade , mas sem effeito. E do mesmo lote eraõ aquelles , que cercados em huma grande Igreja em dia de festa , os meteraõ em correntes , matando á espingarda o seu Paroco , porque os quiz defender , e outros muitos deste genero.

Mas posto que com mais piedade , que experiencia , haja quem os queira medir a todos pela sujeiçaõ de puramente menores , saibaõ  
os Pau-



os Paulistas, que por isso mesmo, ainda que voluntariamente se queiraõ os ditos Indios sujeitar a ter a uniaõ perpetua acima referida, que a tal sujeiçaõ, e a tal vontade he nulla, e invalida.

Assim o ensina com muitos textos, e Doutores o já allegado Solorzano de *Indiarum gubernatione lib. 1. cap. 3. n. 55. & 56.* onde diz: *Et voluntas Indorum, qui minorum jure, & privilegiis utuntur, in perniciem libertatis ipsorum trahi non debet, neque impediri, ut eam revocent, & à dielitis fundis, & dominis, quando voluerint, recedere possint, cum nemo, etiam maior, & volens, dominus sit membrorum suorum;* e no num. 57. dá a razaõ de ser a dita vontade invalida, e nulla: *Quia licet aliquando tolerari soleat pactum perpetuum de operis præstandis; pactum tamen inducens perpetuam libertatis privationem invalidum est.*

O segundo fundamento he, que se lhe dá aos Paulistas a administraçaõ dos Indios na fórma acima referida com condiçaõ, e promessa, que não tornem ao certo a ir trazer outros. Ao que se responde, que *Non sunt facienda mala, ut eveniant bona.* E não faltará quem diga, que mais seguro modo de não tornarem os Paulistas ao certo seria, o que com gloria im-

immortal executou ElRey de França neste mesmo seculo , quando para impedir os danos ; que os piratas Rochelezes faziaõ em todos os mares , arrazou totalmente a Arrochela , concorrendo tambem para isso a armada de Hespanha.

Mas tornando á dita condiçãõ, em bom romance vem a ser , como se ao ladraõ se disse-  
ra : Eu te concedo o uso licito de quanto tens roubado , com que promettas de não roubar mais ; no qual caso , se os roubos foraõ da fazenda Real , bem se podéra esperar da benignidade , e grandeza de Sua Magestade , que os perdoasse ; mas sendo o mesmo Rey , e senhor nosso , que Deos nos guarde muitos annos , entre todos os Principes do mundo o mayor favorecedor das gentilidades , e de seu bem as-  
sim espirital , como temporal , de nenhum modo se póde presumir , que queira sujeitar a tal modo de cativo perpetuo tantos milhares de innocentes.

O terceiro fundamento da dita sujeiçãõ , e de não se poderem apartar os Indios da casa dos administradores Paulistas , antes serem obrigados por força , e com castigo a tornar para ellas , he o exemplo , de que se usa nas

Aldeyas do Brasil, em que, se fogem, ou se ausentão os Indios, os obrigaõ que tornem, e refidaõ nellas; mas a razaõ da differença he muito clara; porque os Indios do Brasil são natu-raes dellas, onde tem seu domicilio, e vivem como em terra, e patria propria, e de sua na-ção, pays, avós, e como partes da mesma communidade, e membros do mesmo corpo politico, que devem conservar, e augmentar, e não diminuir, nem desfazer; e pelo contra-rio os Indios, chamados de S. Paulo, nenhuma obrigação tem áquella povoação, e Republi-ca, donde sahiraõ os que por summa violen-cia, e tyrannia os arrancaraõ das suas terras, e patrias; e obrigarallos a que conservem a dos Paulistas, e não se possaõ separar della, seria o mesmo, que se os cativos de Argel fossem obrigados a não fugir, nem procurar sua liber-dade por outra via, para conservarem o mes-mo Argel.

O quarto fundamento he, que o sobredito modo de tratar os Indios, e se servirem delles he usado dos Religiosos, ainda mais observan-tes, e timoratos, de S. Paulo, cuja religião po-rém, e cujo exemplo não basta para fazer lici-to o dito tratamento, salvo se fosse taõ beni-gno,

## 160 VOZ DOUTRINAL.

gno , e paternal , que os mesmos Indios , como filhos , muito por sua vontade o aceitassem , e de nenhum modo repugnassem , ou se queixassem delle ; porque nesta segunda supposição taõ injusto seria , e digno de ser emendado o dito abuso nos Ecclesiasticos , e Religiosos , como nos leigos.

Sobre tudo se deve advertir , que tal fórma de administração he totalmente nova , e inaudita ; por quanto todas as outras foraõ , e são fundadas em Indios aldeados , e juntos na mesma povoação , ou communidade , onde sejaõ administrados por hum administrador , e nesta tantos vem a ser os administradores , como as familias , os quaes só na Villa de S. Paulo , e seu districto passaõ de quatrocentas , e nas Capitaniás annexas , a que se estende a mesma administração , são mais de quatro mil ; e sendo cousa difficultosa achar hum administrador fiel , como se póde suppor , ou imaginar , que o sejaõ tantos centos , e tantos milhares de administradores ?

Pedindo muitas vezes os moradores do Maranhão ser administradores dos Indios na fórma , e á semelhança dos de Castella , não por familias , senão em Aldeyas , e communidades ,  
nem

nem o Senhor Rey D. Joaõ de gloriosa memória, nem Sua Magestade, que Deos guarde, o quizeraõ nunca conceder pela occasiaõ, e perigo moral de infinitas injustiças; e posto que nas repostas das presentes perguntas se poem tantas moderaçoens, e cautelas, que especulativamente possaõ fazer pelo mesmo modo licitas as ditas administraçoens, as mesmas moderaçoens, e cautelas em tanta multidaõ de administradores saõ manifestas occasioens, perigos, e demonstraçoens, de que na praxe se não poderaõ observar, antes debaixo do especioso nome de administração concedida por authoridade Real sejaõ licença, e liberdade publica para se cativar a dos Indios.

O que tudo supposto, depois de muito considerado, e encommendado a Deos o remedio de materia taõ importante não só ao alivio, e vida toleravel, e racional dos Indios, senão muito mais ás consciencias de tanto numero de Portuguezes até agora na vida, e na morte taõ arriscadas; o meyo, ou meynos, que se me offerecem, saõ os dous seguintes.

Primeiramente he certo, que as familias dos Portuguezes, e Indios em S. Paulo estaõ taõ ligadas hoje humas com as outras, que as

mulheres, e os filhos se criaõ mistica, e domesticamente, e a lingua, que nas ditas familias se falla, he a dos Indios, e a Portugueza a vaõ os mininos aprender á escola; e delunir esta taõ natural, ou taõ naturalizada uniaõ seria genero de crueldade entre os que assim se criaraõ, e ha muitos annos vivem. Digo pois, que todos os Indios, e Indias, que tiverem tal amor a seus chamados senhores, que queiraõ ficar com elles por sua livre vontade, o possaõ fazer sem outra alguma obrigaçaõ mais, que a do dito amor, que he o mais doce cativeiro, e a liberdade mais livre.

Fundase esta resoluçaõ no exemplo, e ley expressa do mesmo Deos em semelhante caso. O cativeiro dos Hebreos na ley antiga durava até seis annos, como consta do cap. 21. do Exodo, e diz assim a ley: *O servo Hebreo não servirá mais, que até o sexto anno, e no principio do setimo sabirá livre; mas se elle differ. Eu amo a meu senhor, e mulher, e filhos, e não me quero sahir de sua casa, nem usar de liberdade; em tal caso o dito servo fique servindo a seu senhor perpetuamente: Quod si dixerit servus: Diligo dominum meum, uxorem, & liberos, non egrediar liber . . . Erit ei servus in seculum.*

O mesmo digo eu , mas com certa limitação ( que tambem a tinha aquelle servo até o anno do Jubileo. ) A limitação no nosso caso he , que se o Indio se arrepender pelo tempo adiante de estar na mesma casa , o possa fazer , e passarse para alguma das Aldeyas de administração , de que logo se tratará , e desta limitação se seguirão dous grandes effeitos. O primeiro , que assim se conservará a inteireza da liberdade dos Indios. O segundo , que o senhor , ou amo com receyo de o perder , e que se lhe vá de casa , o tratará com tal benignidade , e satisfação sua , que conserve a mesma vontade , e amor , com que se quiz perpetuar em sua companhia , e por este meyo de tanta suavidade ficarão os homens , e familias de S. Paulo com grande numero de Indios , e os melhores , e mais uteis , dos quaes licitamente se possaõ ajudar , e servir sem outra paga , ou estipendio , que o bom , e amoravel trato , de que elles se contentem.

O segundo meyo he , que todos os outros Indios , que não tiverem este amor a seus chamados senhores , divididos pelos lugares mais accommodados , se ponhão em numerosas Aldeyas com seus Parocos , e administradores,

## 164 VOZ DOUTRINAL.

onde no espirital possaõ ser doutrinados , e viver á ley de Christaõs , e temporalmente ser governados de modo , que elles se conservem, e sirvaõ por seu estipendio aos Portuguezes pelo modo seguinte.

Quanto aos Parocos ; que estes sejaõ regulares , ou seculares , e que os Indios dos dizimos, que não pagaõ das suas lavouras, lhes fação a congrua conveniente , com que teraõ a doutrina necessaria, e quem lhes administre os Sacramentos a toda a hora , e lhes diga Missa nos dias de guarda , e não vivaõ , sendo baptizados , como muitos hoje , que apenas huma vez no anno vem á Igreja.

Quanto aos administradores ; que ponha Sua Magestade hum tributo aos Indios ( como vassallos , que já seraõ ) nas suas lavouras , o qual tributo sirva de sallario aos administradores, e que estes sejaõ alguns daquelles moradores de S. Paulo ; os quaes foraõ taõ timoratos , que no tempo das entradas ao certaõ nunca quizeraõ ter parte nellas , merecendo por isso esta confiança , e premio ; e digo, fallando destes Indios, *vassallos , que já seraõ*, porque o estylo dos pactos , que se fazem com os isentos , he jurarem elles juntamente vassallagem a Sua Magestade.

Quan-



Quanto ao serviço dos Portuguezes ; que os Indios das ditas administraçoens fiquem obrigados a elle alternativamente quatro até seis mezes no anno , como no Maranhão o aceitaraõ com applauso de todos ; e que o esripendio , ou jornal de cada dia seja , o que for mais justo , e accommodado a contentamento das partes , sendo a especie da paga em pano de algodão , como he costume aos Indios , e de mais commodidade em S. Paulo , no qual pano teraõ sufficientemente , com que se vestir a si , a suas mulheres , e filhos.

E quanto ao exercicio dos Indios nos mezes livres ; que os administradores os não deixem estar ociosos , obrigando-os com a moderação de livres a que trabalhem , e fação suas lavouras , de que abundantemente se sustentem , estando a presente repartição , para que licita , e suavemente se consigaõ os quatro intentos santos , e verdadeiramente Reaes de Sua Magestade , a saber , a liberdade dos Indios , a consciencia dos Paulistas , a conservação de suas povoaçoens , e serviço , e remedio de suas familias.

E porque não ha leys taõ justas , e leves , que não necessitem de quem as faça executar,

## 166 VOZ DOUTRINAL.

guardar; para este fim parece conveniente, que assim como em Pernambuco, e no Rio de Janeiro houve antigamente administradores Ecclesiasticos, assim haja em S Paulo hum de conhecido zelo, e justiça, que todos os annos visite aquellas Capitanias, e tenha cuidado, de que tudo o dito se observe, e nos casos, que se offerecerem, os possa, e saiba decidir.

Este he o meu parecer, salvo meliori judicio. Bahia 12. de Julho de 1694.

# VOZ AGRADECIDA.

**E** *Sta voz he já dos ultimos annos do immortal Vieira , taõ végeta ainda, e taõ clara, como a dos annos mais robustos : não caducou aquella graõ cabeça , e em toda a idade foy sempre firme , e igual o seu juizo. Aqui com respeitoso obsequio dá graças ao Serenissimo Rey D. Pedro de continuarlhe a honra de servirse delle , e da Companhia de Jesus naquella America ; e com aquella inimitavel suavidade de estilo, e rara comprehensã de tudo, informa a Sua Magestade sobre o que foy servido mandallo consultar.*





CARTA  
 PARA O SERENISSIMO REY  
**D. PEDRO II.**  
 DO PADRE  
 ANTONIO VIEIRA  
 agradecido, e obsequioso.

SENHOR.

**P**Rostrado aos Reaes pés de V. Magestade, depois de dar infinitas graças a Deos pelos extremos de piedade, e zelo sem duvida inspirado do Ceo, com que V. Magestade nesta Conquista, e em todas não só manda, mas por sua Real pessoa com o primeiro, e principal cuidado se digna de attender á propagação da fé, e fal-

## 170 VOZ AGRADECIDA.

e salvaçãõ das almas, naõ igualando sómente, mas excedendo o exemplo dos Senhores Reys predecessores de V. Magestade, que sobre estes fundamentos mais procuraraõ augmentar o Reyno de Christo, que a propria Monarquia promettida pelo mesmo Senhor, de que elle os fez senhores: com o mesmo reconhecimento em nome de toda a Companhia bejo as maõs a V. Magestade pela merce incomparavel de se haver dignado servir della em obra de tanto agrado, e gloria de ambas as Magestades.

Dando conta das missoens, alêm da relaçaõ particular, das que se fizeraõ discorrendo por varias partes, principalmente do Sul, mais necessitadas de doutrina naõ menos nos Portuguezes, que nos Indios; só desejo se tenha entendido, que naõ saõ de menos necessidade, e fruto as das Cidades, e Aldeyas permanentes, e fixas; porque nas do certãõ falto de Parocos, e Curas todos os Portuguezes affim na vida, como na morte recorrem aos que nellas assistem, ou vindo elles ás nossas Igrejas, quando podem, ou quando naõ, indo os mesmos Missionarios com muitas legoas, e dias de caminho a assistillos, e sendo muito

ma-

mayor sem comparação o numero dos negros, que o dos Indios, assim como os Indios são catequizados, e doutrinados nas suas proprias linguas, assim os negros o são na sua, de que neste Collegio da Bahia temos quatro operarios muito praticos, como tambem outros no Rio de Janeiro, e Pernambuco; e porque sem a ciencia das linguas tudo o mais, que em outras missões se ensina, não passa dos Portuguezes, tantas são as escolas das mesmas linguas, que temos instituido nesta Provincia, quanta a variedade dellas, das quaes não podem passar a outros estudos os nossos Religiosos moços, sem primeiro serem examinados, e approvados. E entenderão tanto isto pela experiencia os Missionarios de S. Filippe Neri, que a mayor parte delles trataraõ de se passar á Companhia, apadrinhados com carta do Bispo de Pernambuco, com as informaçoes necessarias a serem admittidos, de que nesta primeira via remetto os originaes, e na segunda as copias.

Sobre a junta, que se fez acerca da mudança da Aldeya do Sacco dos Morcegos, fuy de singular parecer, porque cada hum he obrigado a dizer, o que entende. Os pontos, que se

## 172 VOZ AGRADECIDA.

se haviaõ de resolver , eraõ dous. Primeiro , se convinha , e era necessaria a mudança ? Segundo , se em virem prezos tres , ou quatro , dos que a repugnavaõ , como tinha reloluto o Governador antecedente , havia perigo ? A necessidade da mudança se fundava , em que os Tapuyas do Sacco por falta de agua , e mantimentos só affistiaõ naquelle sitio seis mezes do anno , e nos outros seis se metiaõ pelos bosques a sustentar-se da caça , e frutos agrestes , morrendo lá as crianças , e catecumenos sem bautifimo , e os bautizados tornando taõ gentios , como de antes eraõ ; e a este ponto nada se deferio. Ao segundo todos responderaõ com o exemplo dos Tapuyas do Rio Grande , e medo de outra rebeliaõ semelhante , sendo as causas o numero da gente , e a mesma gente nunca sujeita , nem doutrinada , antes provocada com muitas injustiças , e de mui differente naçaõ , e por todas as outras razoens , naõ havendo nesta , que recear.

O Presidente , e os Conciliarios . , que se acharaõ na dita junta , posto que muito doutos em outras materias , nunca viraõ , nem trataraõ Indios. Os que aconselhavaõ , e pediaõ aquella pequena demonstraçaõ de violencia  
em



## VOZ AGRADECIDA. 173

em tres, ou quatro barbaros, conformandose todos os outros com a mudança, eraõ dez Missionarios, que assistiaõ com elles na mesma, e nas outras Aldeyas da mesma nação, que estavaõ expostos ao perigo, e mais perto d'elle, quando houvesse; e eu, como quem se tem embarcado trinta e seis vezes a França, Inglaterra, Holanda, Italia, Maranhão, Brasil, (todas em serviço de V. Magestade) julguey, que em duvida antes devia seguir o parecer dos pilotos, que o dos passageiros, não fallando na minha experiencia de cinco annos nas Aldeyas do Brasil, e nove nas do Maranhão, Graõ Pará, e Rio das Amazonas, de diversissimas linguas, e naçoens, em que fiz muitas mudanças com grande socego, e felicidade, ajudandome, quando era necessario, do nome, e authoridade dos Governadores, e nas mayores occasioens de seis soldados sómente, como póde testemunhar Manoel Guedes, que ainda he vivo, Sagento Mór do Pará.

A este proposito não deixarey de representar a V. Magestade, por ser exemplo proximo, o que os dias passados succedeo nas Cabeceiras do rio de S. Francisco em distancia mais de cento e cincoenta legoas desta Cidade, onde

## 174 VOZ AGRADECIDA.

de dous Missionarios doutrinao varias naçoens de Tapuyas novos , e muito menos domesticos , que estes. Houve huma notavel enchente naquelle rio , que alagava , e levou casas ; e como os Padres offerecessem Missas , e oraçoens , para que cessasse a inundação , sem effeito , entenderao os barbaros , que o Deos dos Christaos não era tao poderoso , como os Padres lhes pregavao , e se resolverao alguns a fazer outro Deos , que os livrasse , escolhendo para isso o que entre elles tinha melhor presenca , e mais avultada estatura. Para o constituirem na divindade o incensarao com fumo de tabaco , que elle recebia com a boca aberta , e logo lhe fizerao sua Igreja ao modo das nossas , fabricada com ramos de palmas. Sabendo isto hum dos Portuguezes , Sargento Mór dos Curraleiros daquelles campos , acompanhado de hum só mulato seu se foy aonde estavao os novos idolatras , e mandando amarrear com as maos atraz ao Deos , obrigou aos demais , que queimassem a Igreja , que lhe tinhao levantado , ameaçando-os com mayor castigo , se cahissem em outra semelhante ignorancia , que mais merecia este nome , que o de maldade. E porque os Padres se tinhao re-

tira-

tirado, dizendo, que não queriaõ estar com tal gente, nem elles o mereciaõ, todos se lhe vieraõ lançar de joelhos a seus pés promettendo obediencia, e mostrandose muito sentidos, de que os mesmos Padres se tivessem queixado ao Branco, que assim chamaõ aos Portuguezes, bastando o medo de hum só, para lhe guardarem tal respeito.

Eu com tudo o tive taõ grande á sobredita junta, por ser feita em nome de V. Magestade, que não só ordeney logo aos Missionarios, que de nenhum modo fallassem mais em tal mudança, senaõ que para remedio da fome da Aldeya lhe mandey hum bom soccorro de dinheiro, não do Collegio, que não póde acudir a tanto, mas do trabalho dos tres dedos, com que escrevo esta, e do lucro das impressoens, que applico quasi todo a este commercio, lembrado, que S. Paulo aos companheiros, que o ajudavaõ, sustentava com o trabalho de suas maõs, e que a nós nos he necessario estendello á miseria dos mesmos, que doutrinamos.

Naõ sey com que fundamento se affirmou, que em acudir aos Sovos se houveraõ os Padres da Companhia friamente: estes poucos  
bar-

## 176 VOZ AGRADECIDA.

barbaros assistem nos matos dos Ilheos, ultimos confins desta Diecesi, donde o Arcebispo começou a sua visita, que acabou gloriosamente em huma residencia nossa nas entradas do certão, onde hia tomar os exercicios de Santo Ignacio; e deixou encarregado a todos os Parocos, que nas duvidas, que tivessem, recorressem aos Padres, que assistem nas Aldeyas. Nas dos Sovos residiaõ dous homens chamados os Chertes, pay, e filho, este havido em huma India da mesma nação, mui praticos ambos na sua lingua, com que não era possível reduzi-los, senão ao que elles quizessem: era costume ser, não o serviço de Deos, senão outros muito contrarios. Este impedimento se propoz da nossa parte ao Arcebispo, que então era Governador, e que tirado elle, tomariamos logo á nossa conta aquella doutrina; que de outra maneira não só era inutil, mas occasionada a outros inconvenientes, que a podiaõ desesperar para sempre. E como a separação do dito homem não tivesse effeito, foy força esperar pela vinda do Governador de Pernambuco, cujo zelo he mais efficaz, e suas ordens mais temidas, com as quaes partiraõ já dous Missionarios para os Sovos, e hum delles

## VOZ AGRADECIDA. 177

les dedicado sómente a aprender a sua lingua, difficuldade , que só conhecem , os que a experimentaõ.

Estes sujeitos fazemse muito de vagar , e só na menor idade saõ aptos; para o que mais ensina a natureza , que a arte , principalmente onde a não ha. Por esta causa foraõ para o Maranhão muitos moços , e porque sendo novas as naçoens , e novas as linguas , não podiaõ os velhos tellas aprendido antes; quanto mais , que os velhos em tempos taõ trabalhosos mais depressa se achaõ nas sepulturas , que entre os vivos. Em dous mezes morrerãõ agora neste Collegio da Bahia oito de todas as idades , e principalmente hum , que tinha vinte annos das missoens com ciencia de muitas linguas barbaras , e outro já bastantemente pratico nellas , com perda irreparavel. Só Deos comprehende os seus juizos , e nós os devemos admirar , e venerar , e não desmayar , como fazemos , considerando , que dos Apostolos escolhidos para converter o mundo só hum chegou a ser velho.

Isto he , Senhor , o que posso responder á carta de V. Magestade , que torno a pôr sobre a cabeça , ficando todos os desta pequena , e

178 .VOZ AGRADECIDA.

dilatadissima Provincia rogando ao Author da  
vida nos conserve a de V. Magestade por lar-  
gos, e felicissimos annos, como a Christanda-  
de, e os vassallos de V. Magestade havemos  
mister. Bahia 1. de Junho de 1691.

*Antonio Vieira.*

# V O Z

## G E N E R O S A .

**E** *M pouca escritura dá grandissimo brado esta voz. O P. Antonio Vieira, que em toda a Europa foy o credito de Portugal, merecia á patria em cada terra huma estatua; mas vio o mundo muito contrarios effeitos, e parecer barbara contra elle huma nação culta. Queime embora Herostrato o templo de Diana, ( que era huma das maravilhas do mundo ) que o incendiario ficará infame, e o templo sempre celebrado, e illustre: Illa, ( dizia o mayor juiz da antiguidade Seneca ) quæ sapientem tuentur, à flâma, & incurfû tuta sunt: nullum introitum præbent excelsa, inexpugnabilia, Diis æqua. Quem nem com os primeiros movimentos se altera nos aggruos, está sobre a esfera ordinaria dos coraçoes humanos.*







CARTA  
Do P. ANTONIO VIEIRA  
PARA  
O MARQUEZ DE GOUVEA.

SENHOR MARQUEZ.



Partandose Antonio Vieira dos pés do senhor Marquez Mordomo Mór, cahido de sua graça , como se havia , ou devia tratar dahi por diante , senão como morto? Assim o fiz em hum caso tão sem remedio , depois de approvado, e confirmado por quem só o podia impedir , não me deixando a sua ausencia lugar para o recurso , nem a sua resolução liberdade para a emenda. Alongarme tanto da presença, e favor de V. Excellencia he certo foy para

M iij

com

## 182 VOZ GENEROSA.

com Deos o mayor sacrificio, não tendo eu na vida outra cousa, que lhe sacrificar; mas não me persuadi, que para com V. Excellencia fosse tão grande culpa. Com tudo a confessei na ultima hora a quem podia manifestar a V. Excellencia a minha tão grande, como justa dor, não sem bastantes sinaes de arrependimento. Duvidoso do perdaõ, pelo que tinha experimentado, nem a pedillo a V. Excellencia me atrevi. Esta foy a causa do meu silencio, tomando por castigo a perpetua sepultura.

Negou-se o Marquez, quando P. Antonio Vieira o buscou, para se despedir na audiencia, que fazia para o Brasil.

Agora me referem taes demonstraçoens da clemencia de V. Excellencia, e da antiga merce, e affecto, com que V. Excellencia se dignava honrar-me, que não posso duvidar, me tem V. Excellencia restituído, ou resuscitado á sua graça. E como poderey eu declarar o excessõ de alegria, e estimação, com que recebi esta nova, senaõ com dizer prostrado aos pés de V. Excellencia, que já vivo, e que já Deos me tem pagado o mesmo sacrificio, com que desejey deixar tudo, e a mim mesmo por feu amor? Pague o mesmo Senhor, que só pôde, a V. Excellencia esta tão mal merecida caridade, que não tem outro nome, e seja em conservar, e augmentar a V. Excellencia por mui-

Foy summa a amizade, que com o Padre Vieira teve o Marquez, e igual a pena de que deixasse Portugal.

# VOZ GENEROSA. 183

muitos annos a inteira saude , e vida , como eu nunca cesso de rogar a sua divina Magestade em todos os meus sacrificios , e oraçoens , que neste deserto , a que estou retirado , se não são mais fervorosas , são mais continuas ; e sempre com tanta suspenção , e cuidado , que não mandando nenhuma novidade do mundo , só as de V. Excellencia procuro , e sollicito em todos os navios , que vem desse Reyno.

Outras chegaram cá , (para que dê conta de mim a V. Excellencia como dantes ) as quaes se me quizerão encubrir ao principio ; mas deirão tamanho echo , que foy força chegarem-me aos ouvidos. Não merecia Antonio Vieira aos Portuguezes, depois de ter padecido tanto por amor da sua patria , e arriscado tantas vezes a vida por ella , que lhe anticipassem as cinzas , e lhe fizessem tão honradas exequias. Fez-me porém Deos tanta merce, q̃ nem com os primeiros movimentos senti hum tão exorbitante aggravo, o qual se me não havia de fazer, se os executores, ou motores não estivessem persuadidos , que antes lisongeavao, que offendiaõ, a quem não fez a demonstração, que devera. Quizerão muitos, que a fizesse eu , e que no primeiro navio mandasse impedir a impres-

Allude ao insolente arrojõ, com que certos homens vis do povo por odio, e influxo alheyo, queimarão em Coimbra huma ignominiosa estatua do Padre Antonio Vieira.

saõ do livro, que lá tinha chegado, e que não escrevesse mais na lingua de huma nação, que assim me tratava, antes o fizesse na Castellhana, Italiana, ou outra estrangeira, em cuja piedade tinha mais seguro o credito, que na furia dos meus naturaes. Eu com tudo tive por mais confôrme á vida, ou morte, que professo, não alterar nada do exercicio, em que me tomou este caso; e assim continuarey em quanto me não constar, que V. Excellencia approva o contrario.

Aqui não ha outra novidade, que a mudança do governo, em que a inteireza, desinteresse, e exemplo de vida, e constancia até o fim de Roque da Costa deixara canonizada para sempre sua memoria; e pôde V. Excellencia dar credito a este meu testemunho; porque fazendome as poucas vezes, que nos encontrámos, todo o favor, os que de mais perto me tocavaõ, lho não deviaõ. Elle se embarcou na mesma hora, em que entregou o bastaõ, e assim não tenho lugar de estender mais estas regras, esperando não seraõ hoje menos aceitas a V. Excellencia, que no tempo, e fortuna, de que nunca perderey as saudades. Excellentissimo senhor. Deos guarde a Excellentissima

ma

**VOZ GENEROSA. 185**

ma pessoa de Vossa Excellencia muitos annos, como esse Reyno, e os criados de Vossa Excellencia havemos mister. Bahia 23. de Mayo de 1682.

*Antonio Vieira.*



# VOZ PARENETICA, OU EXHORTATORIA.

**H** *Esta voz hum alto pregaõ do valeroso animo , e forte espirito do grande Vieira. Estava na embarcaçaõ , expulsado da terra , e das missoens do Maranhãõ pela furia de revoltosos amotinadores , que violentamente o arrancarãõ do Collegio, e o remettiaõ para o Reyno por se oppor , e clamar contra os cativeiros injustos. Dalli lhes deo o ultimo brado, e entre prizoens sempre livre, do navio , em que o tinhaõ recluso , despedio mais rayos de luz sobre os que estavaõ em terra , do que o celebrado Archimedes das torres de Siracussa vibrou com seus espelhos fogo sobre a armada dos Romanos no mar.*

PRO-







**PROTESTO,**  
 QUE O PADRE  
**ANTONIO VIEIRA**  
 FEZ A' CAMERA, E MAIS NOBREZA  
**DA CIDADE DE BETHLEM**  
 DO PARA',

*Para não serem expulsos daquella Con-  
 quista os Padres Missionarios da Com-  
 panhia de Jesus.*



Esta hora , que são as seis da ma-  
 nhã , tive noticia , que V. Merces  
 se ajuntavaõ ás nove ; e posto que  
 atégora ( a exemplo de Christo nos-  
 so Senhor em sua paixão ) tomey por repos-  
 ta de tudo , o que comigo se tem obrado , o si-  
 lencio ; por ultimo descargo de minha consci-  
 encia , e pela obrigação , que me corre de pro-  
 curar

curar também o das consciências de V. Merces me resolvi a representar, e lembrar a V. Merces o que permite a estreiteza do tempo.

Primeiro que tudo peço a V. Merces queira ler, o que differ neste papel, com os olhos postos em Deos, e em suas consciências, e na conta, que lhe haõ de dar, e com os coraçõs limpos de toda a paixãõ, e affecto, e desejos sómente de acertar, como V. Merces saõ obrigados.

Com este presuppõsto lembro primeiramente a V. Merces, que saõ Christãõs, e que naõ ha exemplo nas historias de que homens Christãõs, e Catholicos fizessẽm, o que neste Estado do Maranhãõ se tem começado a fazer, e vay continuando. Os Padres da Companhia de Jesus, que residimos neste Estado, naõ só somos Religiosos por profissãõ, como os demais, mas por officio somos Parocos das Igrejas dos Indios, donde fomos expulsados; e tirar os Parocos ás Igrejas he excessõ, que temem commetter ainda aquelles, q̃ negaõ a obediencia á Sé Apostolica, como se vê em muitas Cidades, e Paroquias de Alemanha, que havendo mais de cento e cincoenta annos, q̃ negaõ a obediencia ao Summo Pontifice, conser-

## OU EXHORTATORIA. 191

vão com tudo os Parocos, e Pastores nas suas Igrejas, contra o que se tem feito neste Estado.

Lembro a V. Merces, que a residencia dos ditos Parocos em suas Igrejas, e muito mais o terem as Igrejas Parocos he de direito divino indispensavel, e que nem o Papa os póde tirar dellas. Póde o Papa tirar hum Paroco, e pôr outro; mas tirar os Parocos ás Igrejas, como neste Estado se tem feito, não póde o mesmo Papa. E ainda, que V. Merces digaõ, que em lugar dos Padres da Companhia poderãõ supprir outros Parocos, he cousa, que não podem V. Merces fazer, nem ha neste Estado quem tenha poder para isso; porque o Summo Pontifice tem commettido esse poder só a Sua Magestade, e Sua Magestade tem posto por Parocos das Christandades dos Indios aos Padres da Companhia, como consta de suas leys; e quaesquer outros, que se não puzerem pelo dito Senhor, seraõ illegitimos, e não seraõ Parocos, de que se seguem gravissimos absurdos, e ainda nullidades nos Sacramentos.

Lembro a V. Merces, que não ha nação no mundo, que mais necessite da assistencia dos Parocos, que os Indios naturaes desta terra por sua natural inconstancia, e rudeza; e que  
da

## 192 VOZ PARENÉTICA,

da falta, e ausencia dos ditos Parocos se segue, e se vay já experimentando a ruina de muitas almas, de todas as quaes V. Merces haõ de dar conta a Deos.

Lembro a V. Merces, que além dos Chriftãos antigos tem os Padres Missionarios de presente á sua conta as naçoens dos Topinambás, Poquiguarás, Cátingas, Bócas, Mapuás, Anajás, Mamayanás, Aroans, Paricis, Tapajós, Ururucús, Mariás, Juruúnas, Nonhúnas, e os Pocujús, Aroaquís, e outros, em que se começa a introduzir a pratica da nossa santa fé; das quaes naçoens muitos estão já bautizados, e outros se vão catequizando, e bautizando; e com estas novidades tão alheyas de tudo, o que se prometteo ás ditas naçoens, não ha duvida, que se tornarão os mais delles para o malo, e para suas gentilidades, em que só o inferno fica de ganho, e o Estado assim no temporal, como no espiritual com grandissima perda, além de tanta infinidade de almas, de que tambem Deos ha de pedir conta a V. Merces.

Lembro a V. Merces, que todas estas naçoens estão não só reduzidas á Igreja, mas tambem á obediencia, e vassallagem de Sua Ma-

## OU EXHORTATORIA. 193

Magestade, a qual obediencia, e vassallagem aceitarão por se lhe prometter, e jurar em nome do dito Senhor, que viviriaõ debaixo do patrocínio dos Padres, e que em tudo o mais se lhe guardariaõ as leys, e regimentos de Sua Magestade, que lhe foraõ declaradas, e se fize-raõ disto papeis authenticos, que foraõ remet-tidos á Corte, para se lançarem na Torre do Tombo confórme as ordens de Sua Magesta-de; e quebrandose, como se quebraõ, as ditas condiçoens aos ditos Indios, ficaõ elles livres das obrigaçoens da dita vassallagem, e nós sem direito de lhe fazer guerra, antes elles no la poderão fazer, e ainda matar aos Padres ( como se teme ) por lhe haverem promettido, o que se lhe não cumprio.

Lembro a V. Merces, que no modo, com que se procede, e tem procedido contra os Pa-dres, se tem quebrado, e quebraõ todas as immunidades Ecclesiasticas, e que notoria-mente estaõ excommungados por esta causa muitos moradores deste Estado, os quaes não podem ouvir Missa, nem confessarse, nem receber o santissimo Sacramento, e se o fazem, he com novo peccado. E se acaso ha algum Confessor, que lhes não advirta esta verdade,

N

será

será por temor de a dizer , ou porque não terá lido com attenção , o que dispõe os sagrados Canones nestes casos , os quaes sagrados Canones , e os Doutores , que uniformemente os declaraõ , sendo V. Merces servidos , se mostrarão logo , para que V. Merces conheçaõ o estado , em que estão suas almas.

Lembro a V. Merces , que os Padres da Companhia neste Estado , além das suas immunidades commuas á todos os Religiosos , são pessoas mandadas ao dito Estado por Sua Magestade , e postas nos lugares , em que estavaõ , por Sua Magestade , e que sem ordem , e authoridade do dito Senhor , ainda que foraõ huns quadrilheiros , não podiaõ ser tirados dos ditos lugares ; no qual ponto se deve outrossi considerar ( e considerar muito ) que V. Merces tem mandado ao Reyno Procurador a dar conta a Sua Magestade , e antes de ser ouvido o dito Procurador , e haver resposta de Sua Magestade , será muito mal contado a V. Merces executarem , e innovarem cousa alguma.

Lembro a V. Merces , que o fim , por que Sua Magestade mandou os ditos Padres da Companhia a este Estado , foy para descarregar nelles , e com elles sua consciencia , porque

## OU EXHORTATORIA. 195

que Sua Magestade está obrigado a mandar prégar a fé aos gentios, e doutrinar os Christãos do dito Estado, por ser este o titulo, com que os Senhores Reys de Portugal possuem estas, e as demais Conquistas, e por descargo da dita obrigação de sua consciencia mandou Sua Magestade aos Padres da Companhia a este Estado, como consta das mesmas leys, e da carta de provisão passada aos ditos Padres. Julguem V. Mercês agora, como poderá ser aceito a Sua Magestade tirarem V. Mercês das Christandades os ministros da dita doutrina, e se lhes está bem a V. Mercês tomarem sobre si, e impedirem por taes meyoos os descargos da consciencia del Rey.

Lembro a V. Mercês, que somos Missionarios do Summo Pontifice, e Prégadores da fé, e ministros da propagação della, e quaõ grande macula, e afronta será do nome Portuguez dizerse no mundo, que os que tem dilatado a fé por todo elle, saõ agora, os que prendem, e desterraõ os Prégadores da mesma fé, e os que os tem ido buscar, e tirar por força de suas missoens, e de entre os gentios, e novos Christãos, que estaõ convertendo; e que exemplo he este para as gentilidades, e que

respeito teraõ os Indios aos Sacerdotes , quando assim os vem tratar pelos Portuguezes ?

Lembro a V. Merces, que os Padres , que estaõ neste Estado, vieraõ a elle com grandes despezas da fazenda de Sua Magestade , e da Companhia ; porque nenhum Padre ha estrangeiro , que até chegar ao Maranhãõ não faça de gasto mais de quinhentos cruzados ; e a primeira missaõ , em que eu vim , fez de gasto dez mil cruzados , e a segunda cinco mil cruzados ; e a do Padre Manoel Nunes dous mil cruzados , e a do Padre Francisco Gonçaves mil e quinhentos cruzados. E sendo os ditos Padres ora embarcados para o Reyno , he força , que se façãõ outros muitos gastos ; e se forem tomados pelos Turcos, (como he possível) ainda seraõ excessivamente muito mayores. E V. Merces devem considerar, a quem pertence a restituizaõ de tudo isto, e por cuja fazenda se ha de haver , tendo elles Padres sempre requerido, e protestado , que vaõ violentamente, como he notorio.

Lembro mais a V. Merces , que eu vim a esta Cidade , tendo capitulado com os moradores do Pará , que viesse a ella ajustar com V. Merces , o que fosse para quietaçaõ , e mayor bem



## OU EXHORTATORIA. 197

bem de todo o Estado , a que me offereci em chegando , e me torno a offerecer de novo ; e que V. Merces me tem metido em huma caravella com guardas mui apertadas , sendo isto não só contra todo o outro direito divino , e humano , mas ainda contra o direito das Gentes , segundo o qual V. Merces tinhaõ obrigação ou de me ouvir , ou de me deixar em minha liberdade.

Lembro mais a V. Merces, que quando V. Merces não queiraõ vir em o ajustamento sobredito, ficarão V. Merces não só com o encargo , do que se fizer no Maranhão , senão tambem de tudo o que se fizer nas Capitanias do Pará , onde está o pezo da gentilidade , e christandades ; por quanto aquellas Capitanias se tem compromettido a seguir o que V. Merces fizerem ; e entre os inconvenientes , que se podem seguir proxivamente nas ditas Capitanias , advirto a V. Merces , que desde vinte e dous de Abril deste anno estava ordenada no Pará huma entrada ao certoõ , para se fazerem peças para o serviço do Estado , e que as ditas peças , se se fizerem sem o Missionario , e Cabo , que requerem as leys de Sua Magestade , não ficarão legitimamente cativas , o que será

## 198 VOZ PARENÉTICA,

em grande dano de todos.

Lembro outrossi a V. Merces , que sendo eu o Prelado da Companhia de Jesus neste Estado , e sendo todos os outros Religiosos da Companhia subditos meus , e os Prelados feitos por mim , e estando em mim só os poderes , e a jurisdicção , V. Merces fizeraõ tudo , o que se tem feito , e o vaõ continuando , sem me fallarem , nem ouvirem huma só palavra , que he contra toda a razaõ , e direito.

Lembro a V. Merces , que se acaço ha alguma queixa contra mim , ou contra os outros Religiosos da Companhia , que considerem V. Merces , que os homens , ainda que sejaõ Religiosos , não são Anjos , e que com razaõ , ou sem ella he força , que sempre haja queixas , e que dos mesmos Apostolos de Christo as houve ; e que quando houvesse as ditas queixas , tinhaõ V. Merces obrigação de mo advertir , ou requerer , o que nunca fizeraõ , tendo-o eu pedido a V. Merces , tanto que a este Estado vierã as ditas leys , como fiz em presença do Governador André Vidal de Negreiros aos senhores Officiaes da Camera daquelle anno , pedindolhe , que se houvesse alguma queixa , ma fizessem , porque eu daria satisfação a todas , como

## OU EXHORTATORIA. 199

mo no mesmo dia dey, e havendo, que emendar, o emendaria.

Lembro a V. Merces, que eu não tenho outro Juiz, mais que o Summo Pontifice, e o Padre Geral da Companhia, e (no tocante ás leys) a Sua Magestade; com tudo pelo bem da paz, e quietação deste Estado estou prompto, e me offereço não só ao ajustamento, que tenho dito, mas a dar satisfação a V. Merces de todas, e quaesquer queixas, que contra mim, ou contra os Religiosos da Companhia haja acerca dos Indios, e obrigaçoens delles á Republica, de que se trata; e neste ponto me offereço a mostrar com evidencia a V. Merces as leis cousas seguintes.

Primeira; que em nenhuma cousa tomey, nem tomou a Companhia mais jurisdicção, que aquella, que lhe daó as leys, e regimentos de Sua Magestade.

Segunda; que sempre interpretey as ditas leys a beneficio do povo, e que se se quebração por nossa parte em alguma cousa, foy sempre a favor do povo, e contra os Indios.

Terceira; que muitas vezes disse aos Officiaes das Cameras deste Estado, e a outras pessoas mayores, que se nas leys, e regimento de

Sua Magestade, ou na intelligenza dellas havia alguma cousa, que mostrasse a experiencia ser menos util ao bem do Estado, que as conferissemos entre nós, e que em tudo, o que não houvesse peccado, eu me assignaria, e faria, que Sua Magestade o mandasse confirmado; e que se em alguma cousa nos não ajustássemos, se remettem as razoes de ambas as partes ao dito Senhor, para as mandar resolver.

Quarta; que em todo este Estado não houve nunca morador, nem Ministro algum Ecclesiastico, ou secular, que procurasse o bem ainda temporal do dito Estado, nem com mayor zelo, nem com mayores effeitos, que eu; e que todo o bem temporal, que ha no Estado, foy procurado, e conseguido, e conservado por minha diligencia; e que houvera no dito Estado outros muitos bens temporaes, que eu quiz accrescentar nelle, se houvera quem quizesse concorrer para isso, e que os não ha, porque não quizerão.

Quinta; que na materia de interesse não adquiri, nem adquirio a Companhia neste Estado, depois que eu vim a elle, cousa alguma; antes cedeo sempre a Companhia de muitos

## OU EXHORTATORIA. 201

interesses, que licitamente lhe competião, e deo sempre muito do seu, e tudo quanto tinha com grande excessso.

Sexta; que nunca escrevi a Sua Magestade, nem a Ministro, nem a pessoa alguma, cousa, que fosse contra o bem temporal, nem espiri- tual deste Estado, e que assim o mostrarey nas mesmas cartas, de que se cuida o contrario, as quaes estaõ entendidas avessamente; e se isto, e o demais senaõ crê, experimentese, e ouçaõme.

Finalmente, senhores, lembro a V. Mer- ces, que vim para este Estado, deixando em Portugal a quietaçaõ da minha cella, e o mais, que lá tinha, ou podia ter, só com zelo da sal- vaçaõ das almas, e que procurey a de V. Mer- ces nas doutrinas, nas praticas, nos sermoens com a vontade, que V. Merces poderiaõ en- tender da efficacia, com que o trabalhava pelo persuadir; e no ministerio da salvaçaõ dos In- dios, e propagaçaõ da fé naõ perdoey a ne- nhum trabalho, nem risco da vida por mar, e por terra, e como a todos he notorio; posto que tudo isto misturado com grandes imper- feiçoens, como taõ indigno Religioso, que sou. E posto que naõ posso lembrar a V. Mer- ces

ces a confiança , que Sua Magestade fez sempre da minha fidelidade , e por ser a mayor parte desta confiança em negocios occultos, basta a dos publicos , com que Sua Magestade me enviou a Holanda , França , Italia , pondô em minhas mãos as mayores dependencias da sua Coroa , para que V. Merces devaõ presumir , que não póde caber no Padre Antonio Vieira cousa , que seja contra esta fidelidade, e zelo , como he dizerem , que me quero unir com os Holandezes contra este Estado , e outras cousas taõ ridiculas , como esta.

Nem obsta , que se diga , que as cousas alheyas desta verdade vem provadas , porque papeis feitos por inimigos , e por Ministros incompetentes , e com tantas outras nullidades não fazem prova alguma , e muito menos em terra , onde todos V. Merces se queixaõ de falsos testemunhos , e em tempo , onde os Padres da Companhia , e eu particularmente estamos tanto no odio de todos , como V. Merces , e os effeitos o dizem.

E se isto se não deve presumir de mim, tambem se não deve presumir dos Religiosos, que estaõ nas Christandades do Gurupá , Nhe-engaíbas , e Rio das Amazonas , em que ha  
tan-

## OU EXHORTATORIA. 203

rantas pessoas de tanta authoridade , letras , e virtude , e que deixaraõ suas patrias , e se vieraõ meter naquellas brenhas , padecendo tantos trabalhos, e perigos pela salvaçõ das almas!

Por remate lembro a V. Mercês , que tudo o que V. Mercês pertendem , ou podem pertender com estas inquietaçoens da Republica , encargos de consciencia , e incommodidades dos moradores , e tantas outras molestias , e escandalos do Estado , tudo isto digo se pôde conseguir com paz , e quietaçõ , e em grande serviço de Deos , e de Sua Magestade , e utilidade de todos; e destes dous meynos parece , que dicta o mesmo Deos , e a boa razaõ , se deve escolher o segundo.

Isto digo , senhores , a V. Mercês por descargo de minha consciencia , ficando prompto , e offerecido para responder , e satisfazer a qualquer objecçõ , ou duvida , que haja contra o dito neste papel , ou contra qualquer cousa , das que correraõ neste Estado por minha conta ; e para me accommodar na melhora dellas a tudo , o que for justo , e conveniente , como sempre quiz , procurey , e pedi , V. Mercês resolveraõ , o que forem servidos , sobre o  
que

## 204 VOZ PARENÉTICA,

que não peço , nem exhorto , nem persuado  
couza alguma , e só fico rogando a Deos inspi-  
re a V. Merces , o que for mais serviço seu , e  
gloria sua. Se Deos quizer, o que eu pertendia,  
elle o disporá , e se elle o não quizer , tambem  
eu o não quero. O mesmo Senhor , que ha de  
pedir [conta a V. Merces , os alumee , e lhes  
dê muita de sua graça , como V. Merces haõ  
mister. Desta caravella em 18. de Agosto de  
1661.

*Antonio Vieira.*

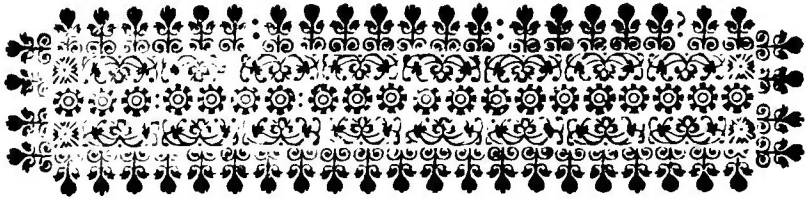
VOZ



# VOZ METRICA.

**F**oy assumpto desta voz huma Custodia de cortiça, que com summa miudeza, arte, e perfeição fez o engenhosissimo P. Sebastião de Novaes da Companhia de Jesus, obra, que foy naquelle tempo, e o seria neste de assombro pela subtiliza do ferro, que a lavrou, e muito mayor pela penna do grande Vieira, que miuda, discreta, e elegantissimamente a descreveo em idade já, em que, esquecidas as Musas, levão todas as attensões mais graves, e elevados estudos.





# PYXIS,

S E U

CORTEX EUCHARISTICUS.

Pyxidem Eucharisticam è suberis cortice miro artificio fabrefactam, & sculpturæ artis legibus ingeniosissime inventam, conditamque à Patre Sebastiano de Novaes Societatis Jesu, canebat modulatissime, merum fundens ab ore melos, P. Antonius Vieira, ut in divinis, sic in humanioribus litteris apprime excultus.

**Q**uo me Musa rapit? Longumq̄ relictus Apollo  
 Extinctos iterum, juvenes, quos lusimus, ignes,  
 Frigent<sup>que</sup> ætate, jubet recalescere flammam?  
 Corticis est quæ forma senem pulcherrima vatem  
 Concipere Aonios effæta mente furores,  
 Suspensamque lyram, fractumque resumere plectrum  
 Cogit,

Cogit , & oblitos reminisci carmine fontes.  
 Corticis est , non ficta cano ; vos lumina testes ,  
 Vosque manus , tentastis enim , nec lusit imago.  
 Corticis est. Ob quanta sacer miracula cortex  
 Et tegit , & prodit , certantque patentia teclis !  
 Mysteri jam clara fides : si talia cerno  
 Mortalem fecisse artem , quid credere dignum est  
 Divinas potuisse manus ? De cortice pyxis ,  
 ( Nomine maius opus , solique æquabile tanti  
 Ingenio Artificis ) de cortice fabrica surgit ,  
 Quam non Vulcanus ferro , non Dædalus auro ,  
 Marmore Praxiteles , nec pluma auderet Apelles.

Fundamenta locat cortex , de cortice membra  
 Assurgunt , cortex calycem , cortexque columnas  
 Erigit , excelsos cortex sinuatur in arcus ;  
 Cortice pyramides crescunt , fastigia cortex  
 Culminat , Angelici spirant in cortice vultus :  
 Cortice poma tument , nascuntur cortice flores ,  
 Pallentes flores omnes , sed forma colorem  
 Distinguit , variatque , ac puro cortice pingit.  
 Quid mirum ? Et molles radiant è cortice gemmæ ,  
 Corticæque inter volucres vivuntque , volantque ,  
 Fusaque non liquido crepitacula corticè pendent ;  
 Muta silent , at muta tamen tinnire videntur :  
 Adderet ars sonitum , jussum est ex arte silere ,  
 Presentem confessa Deum. Stat cortice firmo

*Ara sacro subjecta oneri , quam textilis extra  
 Circumdat bombix , & divite cortice vestit  
 Arte laboratus Phrygiæ. De cortice supra  
 Candelabra putes duro tornata metallo,  
 Hinc , atque hinc longis funalibus alta coruscant,  
 Sustentatque faces , ardet sine lumine cortex.  
 Cera fluit , guttæque hærent , & flammea sursum  
 Lingua tremit , cineresque cadunt , fumique vaporant  
 Indemni flamma : ignis erat , si flamma noceret.  
 Intertexta novo discurrens fascia ludo  
 Totum serpit opus , seu vivi corticis anguis :  
 Hic latet , hic exit , certoque errore meantes  
 Implicat , ac solvit nodos , quos pluxima cudit  
 Littera , & arcanos aperit ductissima sensus,  
 Corticeamque animat molem , redditque loquentem.  
 Ipsa caput tollens camerato cortice sistit,  
 Dimidiumque cavo cælum de cortice pandit ,  
 Convexoque tholo claudit. Supereminet alto  
 Vertice Crux triplici clavo , tituloque trilingui,  
 Et terno pendentis adhuc torrente cruoris ,  
 Stypiteque intonso , nodisque simillima veræ,  
 Ac sola levitate minor. Stat plena doloris  
 Hinc Mater , Matrisque novus stat filius inde ,  
 Et cortex in utroque gemit. Quo tenderet ultra  
 Non habuit suspensa manus. Stetit hic opus , hic ars :  
 Ars operi finem imponens , finemque opus arti.*

*Mirantur totam, mirantur lumina partes,  
 Et molem sine mole stupent; nam machina tanta  
 Se minor, & maior (dictu mirabile) tota  
 Cogitur in cubitum: dubitet ne cæca fateri  
 Relligio Immensum, parvo qui clauditur orbe,  
 Non visumque Deum visa de pyxide credat.*

*Sic tennes olim telas ducebat Arachne,  
 Discernens digito (si vera est fama) sagaci,  
 Quæ fugerant oculos, formas, visæque negarent  
 Possè videri. Illic ingentes stamine parvo  
 Cernere erat muros, urbes, montesque gigantesque,  
 Et maria, & terras vastissima corpora mundi,  
 Ac mundum late totum, non mole minorem,  
 Sed magnum, equalemque sui, nubesque volantes  
 Desuper, atque altas claudentia sydera nubes.  
 Nec premitur natura loco, se tota, suasque  
 Agnoscit partes, spatiisque extenditur equis.*

*Hoc opus, hos ausus, quos est mentita vetustas,  
 Hic novitas manifesta probat: fit fabula verax,  
 Non tenui filo verax, sed cortice crasso,  
 Materiaque rudi: tanta est in cuspide virtus,  
 Subtilique manu ludentis gratia cæli;  
 Materiam non vincit opus, sed crescit ab illa.  
 Sic manus omnipotens, quæ cæli ex fragmine solem  
 Condiderat, de limo hominem formavit, ut ipse  
 Ultima fama suæ foret, & labor ultimus artis.*

*Ergo*

*Ergo age magne Deus, qui parvo magnus in orbe es,  
 Teque fores maior, si posses crescere; sedem  
 Gaude implere datam, soliumque ascende verendum.  
 Non ferit hæc oculos radiantibus aula columnis,  
 Clara micante auro, flammæve imitante pyropo,  
 Sed stupor, & pallor veneranda palatia vestit;  
 Nimirum decet hæc obscurum regia solem.  
 Corticeam ne sperne domum, concede renatum  
 Excipiant, quales natum excepere Penates.  
 Est panis domus ista tui. Præsepe tegebat,  
 Arcebatque nives cortex, sub cortice prima  
 Ubera suxisti, & fletu maduere recenti  
 Corticæ tabulæ, tanti cunabula Regis.  
 Vellere sub niveo pastorem te esse memento,  
 Cerne tuas, qui pascis, oves, & sanguine signas.  
 Gaude habitare humilem (& fastus damnabis ubique)  
 Pastoris de more casam: sub cortice pastor  
 Defendit, toleratque hyemes, de cortice fontem,  
 Lacque bibit, cortex pastorum est tota supellex.  
 Vosque animæ generosa cohors, quas lampade cæca  
 Alma fides præcit, & mentem, sensusque sequentes  
 Voce catenatos obscuras sistit ad aras,  
 Dulcis ubi sine fraude dolus, sine corpore candor  
 Attonitos idem gustatus ludit, & idem  
 Non gustatus alit, vos certe numine plenum,  
 Corticem adorete, atque novis accumbite mensis:*

*Grandia in exiguo convivium cortice claudit ,  
 Sacramentum ingens : panisque, caroque, Deusque  
 ( Quæ tria divinæ sunt omnia fercula mensæ )  
 Omnia sub triplici velantur tegmine , nam sub  
 Pane caro , sub carne Deus , sub cortice panis  
 Tecta, obtecta latent : vocat ad convivium cortex :  
 Cortex nutrit apes , & apes ad dulcia castas  
 Mella vocat cortex. Huc crebro examine mentes  
 Instigate pias , circumque volate frequentes.  
 Cessate exsuccos rores de flore caduco  
 Sugere , clausa liquant alium hæc alvearia florem,  
 Et fragrant meliore thymo. Vos fugite mella,  
 Vos haurite favos , vobis hæc claustra redundant :  
 Non raræ hic sterili sudant de cortice guttæ,  
 Melle fluit cortex , currunt de cortice fontes,  
 Æterni fontes, & mellea flumina manant.  
 Huc avida properate siti , sitit ipse sitim fons,  
 Hauriri que ardet , ceu turgeat ubere mater.  
 Nocte , dieque patet , nec janua clauditur ulli;  
 Quod si , quas posuit sola hic reverentia, valvas  
 Cardine contingat revoluta cernere clausas ,  
 Horresce , o quisquis , pallensque , atque ore trementi  
 Incisum ( sic mandat amor ) lege cortice carmen.  
 Siste gradum infelix , latet hic mors : non ego  
 mensam,  
 Mens tua mutavit; factum est ex melle venenû.  
 Esta*



Esta engenhosissima, e divina Poesia anda pelas maõs dos curiosos, escrita com grande variedade: tres exemplares vimos da maõ, e letra de seu incomparavel Author, todos tambem com mudança varia, naõ se contentando este engenho summo, e elevadissimo, do que primeiro tinha escrito, para que naõ o mudasse, ou emendasse no outro. Daqui nasceo, que conforme o exemplar, que cada curioso vio, assim tirou a sua copia. Assim succedeo ao Autor das Ephemeridas Eucharisticas o P. Antonio Maria Bonucci da Companhia de Jesus, o qual no seu terceiro Trimestre deo a luz esta Poesia com alguma diversidade, do que aqui a pomos, para a qual nos valemos de todos tres originaes. Houve quem elogiando o sobredito Poema fez o seguinte Epigramma.

## TIMIDA MUSA

Talem Apollinem reverita , veniam postulat.

## EPIGRAMMA.

**D**Um canis, attollis simul, & rem deprimis; ipsa  
 Crescit ab ingenio, vilet & ipsa tuo.  
*Artis opus lectum longe supereminet artem;*  
*Dumque artem ostendis, quæque alia ars fit iners.*  
*Sed quia mens hæret dubitans, videatne, legatne,*  
*Sitne tuâ, incertum est, ars aliena minor.*  
*Crede fas unum: si talia scribere talis*  
*Ars potuit, nihil est, quod facere ars nequeat.*

Auctore Anonymo.

# VOZ ZELOSA.

**O** Intento desta voz foy expor ao Serenissimo Rey D. Affonso VI. que de novo tinha impunbado o sceptro de Portugal, a obrigação, que a Coroa tem de propagar a fé nas Conquistas. Aqui move com as Escrituras sagradas: aqui allega o accerto das leys Reaes, já postas para este fim: aqui ardentemente pede, que se não mudem: aqui se oppoem á cubiça dos que pertendem se revoguem. Falla em fim com os olhos na salvação das almas, no augmento dos bons costumes, e quanto he decente á Magestade nas suas maduras resoluçoens a constancia.





**C A R T A,**  
 QUE AO SER ENISSIMO REY DE PORTUGAL  
**D. AFFONSO VI.**  
 E S C R E V E O  
 sobre as cousas do Maranhão  
 O P A D R E  
**ANTONIO VIEIRA.**

S E N H O R.



Providencia divina, que por seus altissimos juizos poz nas mãos de V. Magestade o sceptro de Portugal em tão tenros annos, se servirá de affutir, e alumear a alma de V. Magestade  
 com

com taõ particulares auxilios de seu espirito , e graça , como o pezo de taõ dilatada Monarquia em taes circumstancias de tempo ha mister ; e nós os Religiosos desta missãõ de V. Magestade não cessaremos de assim o pedir continuamente a Deos , offerecendo por esta tençaõ , e pela vida , e felicidade de V. Magestade todos os nossos sacrificios, oraçoens , e trabalhos.

Sua Magestade , que está no Ceo , me tinha ordenado pelo Real zelo , e piedade, com que desejava ver adiantada a fé nestas Conquistas do Maranhãõ , enviasse sempre avisar a Sua Magestade do que os Missionarios da Companhia fossem obrando , e do que fosse necessario para bem , e conservaçaõ das missõens , e augmento da Christandade , como fiz largamente nos navios do anno passado , esperando as resoluçoens de algumas propostas de muita importancia , as quaes se deviaõ perder no naufragio desta ultima embarcaçaõ , de que escapando as pessoas , e outras cousas de menor importancia, só os despachos de V. Magestade não appareceraõ.

As missõens , Senhor , continuaõ , como tenho avisado , com mui conhecido proveito espiritual , e salvaçaõ de muitas almas assim  
de

de gentios novamente convertidos , como dos que já tinhaõ nome de Christaõs. Só a missaõ dos Pacajás , vulgarmente chamada a *Entrada do Ouro* , teve o fim , que taõ mau nome lhe pronosticava. Gastaraõ nella dez mezes quarenta Portuguezes , que a ella foraõ com duzentos Indios. Destes morrerãõ a mayor parte pela fome , e excessivo trabalho ; e tambem morreo o Padre Joaõ de Sotomayor , tendo já reduzido á fé , e á obediencia de V. Magestade quinhentos Indios , que eraõ , os que naquella paragem havia da naçaõ Pacajá , e muitos outros da naçaõ dos Pirapes , que tambem estavaõ abalados para se descerem com elle. Estas , Senhor , saõ as minas certas deste Estado , que a fama das de ouro , e prata sempre foy pretexto , com que daqui se hiaõ buscar as outras minas , que se achaõ nas veas dos Indios , e nunca as houve nas da terra.

O mau successo , e tardança desta missaõ suspendeo outra , que eu havia de fazer pelo rio das Amazonas , onde estive tres mezes , esperando pela escolta dos Portuguezes , e se reservou para a Primavera deste anno ; fica-se aprestando para partir.

Aos Indios livres das Aldeyas , e aos escravos

com taõ particulares auxilios de seu espirito, e graça, como o pezo de taõ dilatada Monarquia em taes circumstancias de tempo ha mister; e nós os Religiosos desta missãõ de V. Magestade não cessaremos de affim o pedir continuamente a Deos, offerecendo por esta tençaõ, e pela vida, e felicidade de V. Magestade todos os nossos sacrificios, oraçoens, e trabalhos.

Sua Magestade, que está no Ceo, me tinha ordenado pelo Real zelo, e piedade, com que desejava ver adiantada a fé nestas Conquistas do Maranhão, enviasse sempre avisar a Sua Magestade do que os Missionarios da Companhia fossem obrando, e do que fosse necessario para bem, e conservação das missõens, e augmento da Christandade, como fiz largamente nos navios do anno passado, esperando as resoluçoens de algumas propostas de muita importancia, as quaes se deviaõ perder no naufragio desta ultima embarcaçaõ, de que escapando as pessoas, e outras cousas de menor importancia, só os despachos de V. Magestade não appareceraõ.

As missõens, Senhor, continuaõ, como tenho avisado, com mui conhecido proveito espiritual, e salvaçaõ de muitas almas affim  
de



que não tiverão os pobres Indios lugar de lograrem os seis mezes, que V. Magestade lhes manda dar para acudirerem a suas lavouras, e casas, e para conhecerem, que não são cativos. Raro he o Indio das Aldeyas, que em cada hum destes dous annos não tenha servido mais de dez mezes, e com tudo ainda os Portuguezes se queixaõ, como se poderaõ os Indios no mesmo tempo servir aos particulares, e mais ao commum. O anno passado mandey as listas, para que por ellas constasse, e tambem irãõ as deste anno, sendo necessario.

Os resgates dos escravos ( que he outro ponto do interesse dos moradores deste Estado ) se fizeraõ nestes dous annos com pouca fortuna, porque se quizeraõ fazer com mayor cubiça. Logo que cheguey do Reyno, disse ao Governador André Vidal, que seria bem se fizesse a missaõ a lugar, onde houvesse muitos escravos, que resgatar, para que a Republica experimentasse as utilidades, que tinha na nova ley de V. Magestade; mas todos os moradores assim do Maranhão, como do Pará quizeraõ, que a entrada se fizesse a dar guerra á nação dos Aroans, e Nheengáibas, de que se deo conta a V. Magestade, querendo antes escravos

toma-

tomados , que comprados ; mas fahiolhes tanto pelo contrario , que indo a esta empreza cento e dez Portuguezes , e todos os Indios do Maranhão , e Pará , voltaraõ de lá com perda de gente , e reputação , e sem escravos , porque os não quizeraõ comprar por taõ caro preço. Apoz esta jornada se fizeraõ duas , huma ao Pacajá pela cubiça do ouro , e outra ao Camucí pela do ambar , e ambas sem effeito.

Para que a do rio das Amazonas fosse com mayor utilidade dos moradores, propuz ao Capitão Mór do Pará Feliciano Correa , e ao Sargento Mór Manoel Gomes , e ao Cabo da tropa Vital Maciel , que elles escolheffem o tempo , e o lugar , por onde lhes estiveffe melhor fazer a entrada , e por onde entendeffem , que haveria mais escravos , e assim estava affentado ; mas suspendeose a jornada pelas causas, que tenho referido , mandando o Governador, que a tropa não partisse em quanto a do Pacajá não chegava , e que com a mesma gente , e canoas fosse soccorrida, como foy; e por se ter passado naquelle tempo a monção de entrar pelo rio , se dilatou até esta Primavera.

Assim que, Senhor, a causa de não se haver feito resgate consideravel nestes annos foy

foy , porque o Governador , e os do governo do Maranhão , e Pará quizerão , que as entradas se fizessem a outras partes , donde esperavaõ mayores intereffes ; e para que seja presente a V. Magestade quanto os Religiosos da Companhia zelamos não só o bem espirital das Christandades , senão ainda o temporal do Estado , e dos moradores , pelo papel incluso poderá V. Magestade mandar ver as primeiras instrucçoens , que dey aos Padres , que foraõ ao certaõ , e as que levaõ , os que agora vaõ ; (que são as mesmas) seguindo nellas em tudo , o que póde haver duvida , as opinioens mais largas , e favoraveis aos Portuguezes , como tambem procurey , que se seguissem na junta , que se fez em Lisboa.

Com as almas dos Portuguezes se não trabalha menos , que com as dos Indios , e dá Deos tal força de espirito aos Missionarios nesta parte , que affirmo a V. Magestade , que com ter corrido tanto mundo , e ouvido tantos homens grandes delle , nunca ouvi sermoens , que me parecsem verdadeiramente Apostolicos , senão no Maranhão.

Como os coraçõens são taõ obstinados , e envelhecidos nos vicios , parece que concorre

Deos

Deos com mayor efficacia ou para sua emenda, ou para sua condemnação. Houve homem destes, que disse, que o diabo trouxera estes Padres da Companhia ao Maranhão, para os divertir de outras partes; porque se semelhantes sermoens se fizeraõ em Inglaterra, haviaõ de converter aquelles hereges. Elles com serem Catholicos, não se convertem todos, mas são muitos, os que se emendaõ, e trataõ da reformação de suas vidas, e nenhum houvera, que não acabara de se defenganar, se ouviraõ só estas prêgaçoens; mas, Senhor, ha pessoas Ecclesiasticas, que prêgaõ, e apregoaõ o contrario, e que de publico, e de secreto fazem cruel guerra a Jesu Christo, e como huns desfazem, o que outros edificaõ, não póde a obra ir muito por diante. Procurey neste Estado, que todos os Religiosos nos conformassemos na doutrina; e porque o não pude conseguir, passey ao Reyno: pedi a junta, que V. Magestade mandou fazer dos mayores letrados de todas as profissoens: procurey, que na mesma junta se achassem os Provinciaes das Religioes deste Estado, para que sendo testemunhas de tudo, e dando também seu voto, ordenassem a seus subditos, o que deviaõ guardar, e tam-  
bem

bem esta diligencia não aproveitou.

Este he o mayor, ou o unico impedimento destas missões, servindo esta deluniação de pareceres de grande confusão, e perturbação das consciencias, não sabendo os homens a quem seguir, e seguindo na vida, e na morte, a quem lhe falla mais conforme a seus interesses. Com tudo, Senhor, he tanta a força da verdade, e da razão, que o partido de Christo se tem já muito melhorado, e todos os moradores estão quietos, e pacificos, e quasi todos desenganados, que não podem prevalecer neste Estado contra a evidencia da verdade, que nelle he tão manifesta, e conhecida, e só appellação alguns para o recurso do Reyno, onde esperão, que poderá haver alguma mudança, no que V. Magestade tem ordenado, por se não conhecer lá tão claramente a verdade, e por estar longe, e por cuidarem, que se póde escurecer, e embaraçar com os papeis, que os mesmos Ecclesiasticos tem levado, e sollicitado, e cada dia mandaó, e sollicitaó.

O remedio de tudo he hum só, e muito facil, e que muitas vezes tenho representado a V. Magestade, e he, que V. Magestade resolutamente mande fechar a porta a todo o requere-

to em contrario , do que V. Magestade com tanta consideraçõ mandou resolver ; e que quem o encontrar , ou impedir , seja castigado com a demonstraçõ , que a materia merece. Tudo o que se assentou acerca dos Indios do Maranhão, foy com consulta da junta de Theologos , Canonistas, e Legistas , em que se acharão os tres Lentes de Prima , e não houve discrepancia de votos : foy com noticias de todas as leys antigas , e modernas , e de todos os documentos , que sobre esta materia havia : foy ajustado com os dous Procuradores do Maranhão , e Pará , e com o Governador de todo o Estado , que estava nessa Corte , e com o Superior dos Missionarios , que tambem era Procurador Geral de todos os Indios, e ultimamente com parecer de todo o Concelho Ultramarino , que tudo vio , examinou , e approvou. Donde parece , que não fica lugar a innovar cousa alguma sem grande prejuizo , e menos authoridade das leys Reaes , e perturbaçõ de tudo. Sobre este ponto enviey o anno passado papel particular, q V. Magestade póde mandar ver , sendo servido , em que se apontaõ muitas outras razoens de grande pezo , e gravissimos inconvenientes , que do contrario se seguem;

ain-

ainda ao credito da mesma fé , que debaixo dos termos da dita ley se tem publicadõ por todas estas gentilidades.

E digo , Senhor , que além da firmeza da ley , he necessaria demonstraçãõ de castigo nos violadores della , não só pelo que importa ao estabelecimento da missãõ , e augmento da fé , senãõ ainda ao de toda a Monarquia. E dáme atrevimento para fazer esta lembrança a V. Magestade o pezo de taõ grandes obrigaçoens, e o nome , q̃ ainda tenho de Prégador de V. Mag.

Senhor , os Reys saõ vassallos de Deos, e se os Reys não castigaõ os seus vassallos , castiga Deos os seus. A causa principal de se não perpetuarem as Coroas nas mesmas naçoens , e familias he a injustiça, ou saõ as injustiças, como diz a Escritura sagrada; e entre todas as injustiças nenhuma chamaõ tanto ao Ceo , como as que tiraõ a liberdade aos que nasceraõ livres, e as que não pagaõ o suor aos que trabalhaõ; e estes saõ , e foraõ sempre os dous peccados deste Estado, que ainda tem tantos defensores. A perda do Senhor Rey D. Sebastiaõ em Africa , e o cativeiro de sessenta annos , que se seguiu a todo o Reyno , notaraõ os Authores daquelle tempo , que foy castigo dos cativeiros,

que na costa da mesma Africa começaram a fazer os nossos primeiros Conquistadores com tão pouca justiça, como a que se lê nas mesmas historias. As injustiças, e tyrannias, que se tem executado nos naturaes destas terras, excedem muito as que se fizeram na Africa: em espaço de quarenta annos se matarão, e se destruirão por esta costa, e certoens mais de dous milhões de Indios, e mais de quinhentas povoaçoens, como grandes Cidades, e disto nunca se vio castigo. Proximamente no anno de 1655. se cativaraõ no rio das Amazonas dous mil Indios, entre os quaes muitos eraõ amigos, e aliados dos Portuguezes, e vassallos de V. Magestade, tudo contra a disposiçaõ da ley, que veyo naquelle anno a este Estado; e tudo mandado obrar pelos mesmos, que tinhaõ mayor obrigaçaõ de fazer observar a mesma ley; e tambem não houve castigo; e não só se requiere diante de V. Magestade a impunidade destes delictos, senão licença para os continuar.

Com grande dor, e com grande receyo de a renovar no animo de V. Magestade, digo, o que agora direy, mas quer Deos, que eu o diga. A ElRey Faraó, porque consentio no seu Reyno o injusto cativeiro do povo Hebreo, deo-



deolhe Deos grandes castigos , e hum delles foy tirarlhe os primogenitos. No anno de 1654. por informaçã dos Procuradores deste Estado se passou huma ley com tantas larguezas na materia do cativeiro dos Indios, que depois sendo Sua Magestade melhor informado, houve por bem mandalla revogar ; e advertio-se, que neste mesmo anno tirou Deos a Sua Magestade o primogenito dos filhos , e a primogenita das filhas. Senhor , se alguem pedir, ou aconselhar a V. Magestade mayores larguezas , que as que hoje ha nesta materia, tenha-o V. Magestade por inimigo da vida , e da conservaço , e da Coroa de V. Magestade.

Diraõ por ventura ( como dizem ) que destes cativeiros na fórma, em que se faziaõ, depende a conservaço , e augmento do Estado do Maranhão ; e isto , Senhor , he heregia : se por não fazer hum peccado venial se houver de perder Portugal , perca-o V. Magestade , e dê por bem empregada taõ christã , e taõ gloriosa perda ; mas digo , que he heregia , ainda politicamente fallando , porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa he segura , nem permanente ; e a experiencia o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão,

em que muitos Governadores adquiriraõ grandes riquezas, e nenhum delles as logrou, nem elles se lograraõ, nem ha cousa adquirida nesta terra, q̃ permaneça, como os mesmos moradores della confessaõ, nem ainda, que vá por diante, nem negocio, que aproveite, nem navio, que aqui se faça, que tenha bom fim; porque tudo vay misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao Ceo.

Se o sangue de hum innocente deo taes vozes a Deos, que será o de tantos? E mais Abel, Senhor, salvouse, e está no Ceo. E se huma alma, que se salva, pede vingança, tantos milhares, e milhoens de almas, que pelas injustiças deste Estado, e mais ardendo no inferno, tendo Portugal obrigação de justiça de as encaminhar para o Ceo, que vingança pedirão a Deos? E sendo isto assim, Senhor, só os que defendem esta justiça são perseguidos; só os que salvão estas almas são afrontados, só os que tomaraõ á sua conta este taõ grande serviço de Deos, tem contra si todos os homens. Sirvase V. Magestade de mandar considerar, que em quanto as sobreditas tyrannias se executavaõ no Maranhãõ, nenhuma pessoa houve Ecclesiastica, nem secular, que zelasse o

remedio dellas , nem da salvação destas almas; e depois que houve , quem tomou por sua conta hum , e outro serviço de Deos , logo houve tantos zelosos, que se armaraõ contra esta obra, final manifesto de ser tudo traça , e instigação do demonio para impedir o bem espiritual tanto dos Portuguezes , como dos Indios , que huns com os outros se hiaõ ao inferno; e seria desgraça muito para sentir , q̃ os ministros do demonio prevalecessẽem contra os de Christo em hum Reyno taõ christaõ , como Portugal. Os outros Reynos da Christandade, Senhor, tem por fim a conservação dos vassallos em ordem á felicidade temporal nesta vida , e a felicidade eterna na outra. O Reyno de Portugal , de mais deste fim universal a todos , tem por fim particular , e proprio a propagação , e a extensão da fé Catholica nas terras dos gentios , para que Deos o levantou , e instituiu; e quanto Portugal mais se ajustar com este fim , tanto mais certa , e segura terá sua conservação , e quanto mais se desviar d'elle , tanto mais duvidosa , e arriscada.

Nas segundas vias dos despachos de Vossa Magestade espero , que V. Magestade haverá mandado deferir a tudo , o que representey

nos navios do anno passado ; e porque não sey, o que poderá ter succedido , relumo outra vez aqui tudo , o que de presente he necessario para a conservação , augmento , e quietação desta Christandade , que são principalmente as quatro cousas seguintes.

Primeira ; que na ley , e regimento de V. Magestade sobre os Indios , e missoens se não altere cousa alguma , e que a esse fim se não admitta , nem defira a requerimento em contrario.

Segunda ; que os Governadores , e Capitães Móres , que vierem a este Estado ; sejaõ pessoas de consciencia ; e porque estas não costumão vir cá , que ao menos tragaõ entendido , que mui de veras haõ de ser castigados , se em qualquer cousa quebrarem a dita ley , e regimento.

Terceira ; que os Prelados das Religioens sejaõ taes , que as façaõ guardar a seus Religiosos , nem consintaõ , que de publico , ou secreto as contradigaõ , e se houver algum Religioso desobediente nesta parte , seja mandado para fóra do Maranhão.

Quarta ; que V. Magestade mande vir mayor numero de Religiosos da Companhia , pa-

ra que ajudem a levar adiante, o que tem começado, os que cá estamos; porque he o meyo unico, (posto que mui trabalhoso para os ditos Religiosos) com que só se podem reduzir estas gentilidades.

E porque á nossa noticia tem chegado, que contra os Missionarios, que neste Estado servimos a Deos, e a V. Magestade, e contra o governo da dita missãõ se tem presentado a V. Magestade algumas queixas, pedimos humildemente a V. Magestade, seja V. Magestade servido mandarnos dar vista de todas, (ainda que sejaõ das que tocarem ao Estado) porque a a todas esperamos satisfazer de maneira, que fique conhecido com grande clareza, quaõ uteis saõ os Missionarios da Companhia naõ só ao melhoramento espirital dos Portuguezes, e Indios, senaõ ainda ao temporal de todos.

A muito alta, e muito poderosa pessoa de V. Magestade guarde Deos, como a Christandade, e os vassallos de V. Magestade havemos mister. Maranhãõ 20. de Abril de 1657.

*Antonio Vieira.*

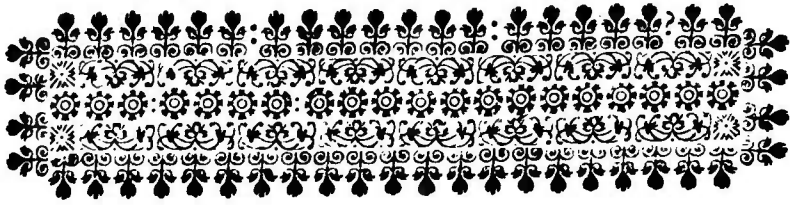


# VOZ ELEVADISSIMA.

**A** *Mais alta voz do P. Antonio Vieira, quanto á sabedoria, foy a portentosa obra do seu taõ desejado, como exquisito Clavis Prophetarum : nella subio a taõ alto ponto, que só a sua fama suspendeo aos mais doutos homens de Europa. Desejavamos dar mais individual noticia do que percebemos desta voz ; mas podêmos ouvir, e não podêmos fallar, como succedeo a S. Paulo com os segredos, que vio, e ouviu : Audivit* 2. ad Cor. iint. 12. 4. *arcana verba, quæ non licet homini loqui. Daremos porém o echo desta elevadissima voz, que soará com tanta admiração pelo mundo, que excitará em todo elle eternas saudades de huma obra, que podia fatigar todas as linguas da mais clamorosa fama.*







# ECHO SONORO,

O U

CORRESPONDENTE JUIZO,

*Que formou da obra Clavis Prophetarum  
do P. Antonio Vieira o doutissimo P.*

*Carlos Antonio Casnedi da Compa-  
nhia de Jesus depois de repetida  
ponderaçãõ, e exquisito exa-  
me della.*



Peris Auctor est incomparabilis P.  
Antonius Vieira, vir heroica illimi-  
tatae mentis comprehensione huma-  
ni intellectus metas longe transcen-  
dens: nam praeter hoc, quod admirandi inge-  
nii sui acumine singula quaequae anatomicet;  
quod

## 238 VOZ ELEVADISSIMA.

quod non visas hactenus luces ubique disseminat; quod sit in omni minori, & maiori facultate versatissimus; quod tenacissimæ adeo memoriæ, ut quidquid in sanctis Patribus, in Theologis, in Historicis sacris, & profanis, in Græcis, & Latinis Interpretibus, & in quocumque scriptore naturalia, politica, aut moralia tractante, vel semel duntaxat legit, semper præ oculis, mente, & manibus habeat; quod in persuadendo efficacissimus; quod in textuum allegatione selectissimus; quod florentissimus in elocutione; quod res rebus, non inani amplificet verbositate; præter has, inquam, & alias supremæ mentis excelsas dotes, quarum quælibet satis foret formare Heroem omni humano plausu superiorem; quod ego in hoc viro nunquam satis miratus sum, est perennis illa ingeniosarum, & novarum reflexionum affluentia, necnon anatomica sacrorum textuum concisio, qua verba omnia, & tempora; historiam omnem, & figuram; prophetiam omnem, & symbolum; vocem omnem, apicem, & atomos ita eviscerat, & exenterat, ut quod cæteri primæ magnitudinis viri, tamquam exsuccum, & aridum despexerunt, vel ut obscuritatis tenebris involutum non intellexe-

xerunt , à Patre Vieira mysteriis undequaque fœtum ostendatur , puteturque nova semper opinari , & quasi non inclusa in sacra Pagina, cum tamen nonnisi vetera in ipso sacro textu latentia ab aliis vel neglecta, vel non intellecta opinetur.

Hoc vero mirabili adeo Prophetarum , & Prophetiarum consonantia præstat , ut dum auditur , & legitur , necesse sit præ stupore obmutescere. Inde est quod incomparabilis Auctor , sicut infra omnes Interpretes locandus foret , si nova ediceret in sacro textu non contenta , ita supra cæteros evehendus , quod quæ in Scripturæ thesauro latentia erant , lyncea sua mente effoderit , & publicæ lucis fecerit. Aurum , & gemmas , quas educit , nova non sunt , sed sacro textui cœva ; effossio est nova , quia mentis acumen novum.

Ponderans igitur stupendus vir, ut de se testatur in tractatu de Pace Missiæ , quaternione tertio , per pertinax triginta annorum studium: ( en ejus verba ) *Sic ego trigesimo abhinc anno cogitare cœpi post longam scripturarum perscrutationem, certe magno , & pertinaci studio veritatis indaganda &c.*

Ponderans , inquam , stupendus Auctor  
per-

## 240 VOZ ELEVADISSIMA.

pertinaci triginta annorum studio quidquid Prophetæ sive verbis, sive symbolis, sive figuris de Christi Domini regno prophetarunt, & advertens plures ob sui obscuritatem aut omis-  
 sas, aut nonnisi moraliter, & mystice interpretatas, nempe de Ecclesia Triumphante, in hoc totus incubuit eas omnes literaliter exponere, easque consummando Christi Domini in terris regno suo Militanti Ecclesiæ applicare.

Hac de causa Auctor mirabili suo operi præfixit titulum: *De regno Christi in terris consummato*, qui coincidit cum hoc: *Clavis Prophetarum*, ut ab aliis vocatur, quatenus plura in Prophetis adhuc occulta, & nondum completa ingenii sui luce literaliter exponendo detegit, & ingeniosis ad stuporem rationibus in sacra Pagina fundatis ostendit, quod Prophetiæ nondum completæ, sint in Militanti Ecclesia, quæ est Christi Domini in terris regnum, ante ejusdem Christi Domini, ut Judicis, adventum, seu ante finem mundi, complendæ; decet enim, ut Christi Domini in terris regnum sit, ante ejusdem, ut Judicis, adventum, unde quaque consummatum, seu perfectum. Hoc ut consequatur nixus Prophetiis nondum completis,  
 eaf-

## VOZ ELEVADISSIMA. 241

easdem literaliter exponens , pronosticat plurima , quæ in Militantem Ecclesiam eventura sunt , & tale Christo Domino regnum in terris format , quale Christo Domino venturo, non ut Redemptori, sed ut Judici, convenire potest.

Æquum non est præterire verba à me ex Auctore allegata , nempe, se indefesso triginta annorum spatio huic operi texendo incubuisse. Porro si Auctor ( testes oculares appello ) in quolibet suo soluto sermone foeta stupenda luce semina ubique serit , suosque auditores per tentatas à nullo Concionatore admirationis vias deducit, quæ lux, quæ eruditio, quæ rationum emphatica energia , quæ armonica consonantia , quæ illimitata mentis latitudo , hoc in opere triginta annorum spatio concinnato, & digesto , in quo res est non de completis, sed de complendis Prophetiis , & quidem literaliter , non vero mystice expositis, in futuro Ecclesiæ Militantis statu , quæ est Christi Domini regnum omni perfectione consummandum, quæ , inquam , lux hoc in opere , in quo Auctor futuram Militantis Ecclesiæ perfectionem prophetizare conatur , non effulgebit ? Quod tam prospero assequitur eventu , ut vel necesse sit ab hoc opere legendo abstinere , vel legendo

Q

do

## 242 VOZ ELEVADÍSSIMA.

do in ejus sententiam demisso capite , pedibus, manibusque ire.

Dividitur hoc stupendum de regno Christi in terris consummato volumen in tres libros, ut Auctor ipse initio sui operis indicat. In primo agit de natura , & qualitatibus regni Christi Domini. In secundo de ejusdem regni in terris consummatione , seu ultima perfectione. In tertio de tempore , quo consummandum est , & post consummationem durare debet.

*Este foy o parecer de hum Varão verdadeiramente sabio , e claríssimo Escritor ao ver , e ponderar a sublimidade do Clavis Prophetarum. Sendo porém esta obra hum palacio verdadeiramente Real de toda a sabedoria , na consideração , do que lhe falta , faz perder o gosto de ter visto , o que nos ficou. Dizia nos ultimos annos , que se tivesse seis mezes de vida, puderia concluir a obra ; porque pelas suas contas faltarlhehião quarenta questões por explanar ; e replicandofelhe , se poderia outro Author acaballa , quando Deos lhe não dêsse aquelle espaço de vida , respondo , que o que até alli tinha composto , outro qualquer o poderia fazer ; mas que acaballa , confôrme a tinha ideado , seria necessario adivinharlhe o pensamento; porque todo o fecho daquella Chave estava ainda na*  
*lua*

## VOZ ELEVADISSIMA. 243

*sua forja. Agora ( dizia ) se seguem as minhas tontices , estas só eu as posso conceber. E quando, o que nos deixou he tão superior a tudo , aonde se remontaria , o que elle tinha por mayor ? Sem duvida, que tudo isto faz formar hum tão elevado conceito da intelligencia , de que Deos dotou ao Padre Antonio Vieira , que não parece exaggeração aquelle afférto, de que forz hum Heroe humani intellectus metas longe transcendens.*







# REFLEXÃO.



Estas são as vozes , que nos excitão as saudades de hum Varaõ taõ eminentemente sobre a commum esfera dos sabios. A *Voz Historica* iguala a gravidade de Cursio , e a pureza do Principe da Historia Romana Crispo. A *Politica* a das cartas do facundo Cassiodoro. A *Desenganada* he a mesma , que deo no mundo o desenganado Arsenio , que sendo por seus altos talentos estimadissimo do grande Theodosio , e Mestre de seus filhos Arcadio , e Honorio , sem dar parte ao Imperador , fugio para o ermo ; e he tambem a mesma , com que respondeo aos de Cesarea S. Basilio Magno , quando se retirou da patria , na carta 141. *De secessu , & fide*. A *Doutrinal* não delidiz da de S. Bernardo *Ad Eustachium occupatorem Valentinae sedis*.

S. Bernad.  
epist. 185.

Q iij

A

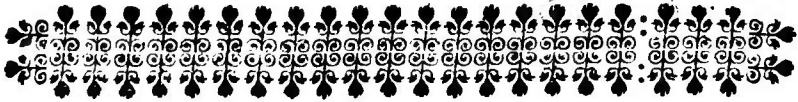
A *Agradecida* he no obsequioso, e suave da elocução huma viva semelhança das Epistolas Gratulatorias da Aguia dos Doutores Agostinho, como se póde ver ou na epist. 127. a Antonino, ou na 134. ao Varaõ Consular Pamachio. A *Generosa* breve, mas de exemplo, e moderação rara, não cede, e ainda vence á do grande Nazianzeno, escrevendo a hum Soffista chamado Eustachio, de quem recebeo mal por bem. A *Parenetica*, ou *Exhortatoria* tem não só a viveza de Chrysoftomo na Homilia *Cum de expulsiõne sua ageretur*; mas a intimativa invencivel do livro *Ad Theodorum lapsum*.

A *Metrica* he huma jucundissima expressão do engenho, com que Ovidio, mais que nenhum outro Poeta, soube descrever, e explicar-se com a mais miuda anatomia, sendo tão admiravel em descrever huma sombra, como ao magnifico palacio do Sol. A *Zelosa* exprime a famosissima carta de Santo Ambrosio a Valentiniano. A *Elevadissima* excede a tudo, e como por grande não tem cabido nos prélos, esta falta faz mais sensivel a de Varaõ tão raro, e mais saudosa sempre sua memoria.

S U S P I R O S  
E N C O M I A S T I C O S ,

**E**M que elegante , e saudosa-  
mente romperaõ as Musas na  
morte do V. P. Antonio Vi-  
eira , que no Collegio da Companhia  
de Jesus da Bahia acabou religiosissi-  
mamente a vida de quasi noventa an-  
nos de idade , declarando o Ceo a fe-  
licidade daquella ditosa alma com  
hum grande corpo luminoso , que na  
mesma noite , e hora , em que espira-  
va , appareceo sobre o seu cubiculo  
aos 18. de Julho de 1697.





EPÆNOTAPHION  
 ENCOMIASTICUM  
 R. ADMODUM PATRIS P.  
**ANTONII VIEIRÆ**  
 Societatis Jesus.



*E*ge, viator, & luge,  
 Morare paululum, & mirare;  
 Quis, quantusq̄ vir jaceat in hoc tumulo?  
 Si nescis, accipe:

*Hoc moræ tuæ pretium satis amplum.*

*Hic tandem jacet*

*Reverendus admodum Pater P. Antonius Vieira.*

*Octavo supra millesimum, & sexcentessimum anno*

*In lucem prodiit auspicato,*

*Quam & plurimam vidit, & sparsit.*

*Ulyssiponem natalem sortitus,*

*Orbem in urbe.*

*Eam patriæ conflavit orbis invidiam,*

*Ut diu, an esset patria? quæreretur:*

*In hoc tantum Homero suppar Antonius.*

*Cetera maior.*

Grates Deo quotidie Plato retulerit,  
 Quod natus esset Athenis;  
 Plures Ulyssipo referre debet,  
 Quod unum Viciram ediderit.  
 Puer adhuc in Brasiliam profectus  
 Novum orbem diu lustravit.  
 Utrique sane, & pluribus illustrandis par.  
 Humanissimus in puero genius,  
 Ingenium pene divinum.  
 Quid puer egerit, plane nescimus,  
 Quem vel hominem fuisse vix credimus;  
 Omnia in illo semper maiora,  
 Quam ut hominem redolerent.  
 Cum multa ab hominibus sperare posset,  
 Quæ tantas animi dotes decerent,  
 Maluit tyro fieri sub Ignatii vexillis,  
 Ubi agendo fortia militaret,  
 Et fortia quæque perpetiundo mereret,  
 Nec, cum latius mereret, quidquam acciperet.  
 Quam emeritus è tyrocinio dux prodierit,  
 Satis postea, sæpeque probavit,  
 Nullius unquam sceleris reus,  
 Nisi quod omnibus antecelleret.  
 Næ vento simile ingenium est,  
 Quod, si vehemens sit, tempestates excitat.  
 Humanioribus disciplinis ita eminuit,

Ut

*Ut veteres Latialis elegantiae Principes  
In unum Vieiram immigrasse credideris.*

*Tot laureis utique coronandus,  
Quot omni conscriptionis genere  
Nitidissima carmina elaboravit.*

*Philosophiae, ac Theologiae deditus  
Aristotelem, & Suarium ad vivum expressit,  
Ex parte etiam superavit.*

*Sacratioris sapientiae Protomystas  
Emedullavit penitus, & exhaustit.*

*Locupletior nusquam terrarum bibliotheca,  
Quam Antonii caput.*

*Bonarum artium encyclopediam  
Immensa mente continuit.*

*Summa votorum esset velle consequi in senio,  
Quantum iste scivit à puero.*

*Abyssus sapientiae Vieira fuit*

*Exhaurienda nunquam, haurienda semper.*

*Maiores Ecclesiae thesauri*

*Sub una illis Clave continentur.*

*Erit quando Clavis aperiat,*

*Et in lucem promat thesauros.*

*Hieronymos, Augustinos, Ambrosios, Gregorios,*

*Et maius aliquid in uno miraberis,*

*A quo vel ipsi praestantissimi Doctores*

*Sapientiam haurire possent,*

*Ni haberent cumulatissimam:*

*Evolve illius paginas,*

*Quot in eas jecit literulas;*

*Librorum semina credito,*

*Quot verba scripsit, oracula.*

*In Lusitaniam reversus*

*Latere non potuit vir clarissimus,*

*Quamquam per sui demissionem*

*Obscurus esse satageret.*

*Regium à Joanne IV. Concionatorem creatum  
Christianum Demosthenem, aut Tullium dixerim,  
Ni irrogarem injuriam.*

*Postea ab Alphonso, & Petro in id muneris electus  
Summam, ac regiam facundi im habere probavit,  
Qui tot summis Regibus placuisset.*

*Auditores suos dicendo bearet,*

*Si forte orationi adderetur aeternitas.*

*Concionatoribus tamen charus esse non potuit,*

*Qui, si dicentem audirent,*

*Inviderent plane, ac desperarent.*

*Ut Oratorum esset Magister Achetypus,*

*Hoc unum defuit: esse imitabilem.*

*Nemo unquam Vieira imitando erit,*

*Cui vel admirando*

*Ipsa impar aeternitas.*

*Sed quamvis in dicendo disertissimus,*



*In agendo tamen extitit multo desertior.  
Serenissimum Joannem IV. enixe rogavit,  
Ut in Brasiliam redeundi copiam faceret;  
Tandem votorum reus, & voti compos,  
Juvandos sibi Maragnoniæ populos conquistavit.  
Ibi vero proximorum saluti sese impendentibus sociis  
Novennio præfuit.*

*Tanta animæ amplitudo  
Una non claudebatur Europa.  
Novum orbem quærere necesse erat.  
In hoc vero ex amplissima laborum segete  
Plurimam meritorum messem collegit.  
Assiduam plane famem, & sitim perpeffus  
Interire sane non potuit,  
Qui ex sola charitate vivebat.  
Nudis pedibus coactus incedere,  
Quas sibi spinas, & tribulos germinavit tellus,  
Expertus est lenocinia patientiæ.  
Hostis igitur à barbaris habitus, quia dissimilis  
Tota Provincia pulsus repetit patriam,  
Novercam potius dixerim.  
Usque adeo ipsis fortasse barbaris inhumanior  
Alumnum excepit.*

*Nunc primum Vieira dilexit patriam,  
Quod meritorum materiam suppeditaret.  
Hactenus eloquentia aureus, nunc & ferreus patientia,  
Pre-*

*Pretiosior certe , quod ferreus , quam quod aureus.*

*Animum gessit orbe maiorem,*

*Cujus virtuti nihil arduum, magnitudini nihil amplum,*

*Animo nil magnum, nil operosum constantiæ;*

*Unum scire non potuit vir scientissimus*

*Extolli secundis , adversis opprimi.*

*Vindex nobilis*

*Illatas cæcutientis patriæ injurias*

*Beneficiis rependit.*

*Illius bono tranavit maria , lustravit orbem.*

*Tot defunctus laboribus , tot periculis circumventus.*

*Apud Bataviam Legatus , & Romam,*

*Non utrobique solum,*

*Sed ubique patriæ desudavit.*

*Felicior fortasse futurus Vieira,*

*Si Athenis lucem videret,*

*Passim illi ex ære statuæ erigerentur.*

*Pro æneis tamen , quas Lusitania negavit,*

*Auream Lusitaniæ Vieira posuit*

*Semet ipsum.*

*Romæ totius orbis in capite*

*Assuetam triumphis urbem triumphavit Antonius.*

*Maiorem triumphi pompam orbis non vidit,*

*Sed nec parem excogitavit.*

*Videli, & devincti Pontifices Opt. Maximi,*

*Capti etiam , & captati Purpurati Patres,*

*Ligata, & obligata serenissima Cristina,  
Captivi quot erāt Italiae, & Europæ Duces, & Principes  
Ducebantur ad pompam.*

*Magnum illud Societatis caput Oliva,  
Præda cum primis nobilis portabatur.*

*Hinc, inde tanta contentione, quanta urbs erat,  
Evax perennis sonabat.*

*Ipse venerationis solio Vieira sedens  
Mirabilius dabat spectaculum.*

*Tot vero, ac tantis Italiae beneficiis,  
Non, nisi veneficiis respondit.*

*Insanire fecerat orbis caput  
Venefica hominis sapientia,*

*Qui omnem plane adeptus  
Nullam aliis relinquere visus est.*

*Ulyssiponem inde regressus,  
Cui sui desiderium tandiu fecerat,  
Exhilaravit penitus, ac beavit,*

*Sed quem facere in gentem magnam Deus statuerat,  
In patria diu commorari non poterat.*

*Brasiliam jam tertio meditatur,  
Virtuti, & eloquentiæ suæ iratus,  
Quod latebras impediret.*

*Sed hic superis labor est,  
Ne quos ascendunt in sydera,  
Latere sinant.*

*Universæ Societatis Brasiliæ Præsul adlectus  
Demissionem docuit , rexit se ipsum.*

*Alumnos suos optabat cœlestes reddere ,  
Et obtineret ,*

*Si efficeret similes sui.*

*Et efficeret procul dubio ,*

*Si tam facile aliis moderaretur , quam sibi.*

*Sed jam canis , & annis obsitus ,*

*Oneris , & honoris impatiens*

*Abdicare se Magistratu contendit.*

*Illud nemo unquam avidius iniiit ,*

*Ac Vicira deposuit.*

*Sibi igitur relictus vacare Deo ,*

*Sese explorare , pietatem colere.*

*Qui tamen docendis hominibus natus fuerat ,*

*A condendis libris nunquam abstinuit.*

*Ejus utique eloquentia*

*Matura semper ætate nequaquam consenuit.*

*Quidquid vero scribebat in chartis ,*

*Transcribebat in corde.*

*Fallor.*

*Ex abundantia cordis semper locutus ,*

*Nil unquam jecit in paginas ,*

*Quod prius in pectore non excuderit.*

*Antoniani cordis transumpta sunt ,*

*Quot cordatissima illius extant volumina.*

*Verum, proh dolor!*

*Corruptis fletu oculis legi nequeunt.*

*Ad Cælum tandem Vieira,*

*Non tam maturus annis, quam meritis,*

*Omnium mærore mortalium,*

*Cælitum gaudio evolavit.*

*Et quam bonam à Deo sortitus fuerat animam,*

*Reddidit optimam nonagenarius:*

*Hac ætate mori solent Platones.*

*Platonem Antonium appellaverim,*

*Si divinum auderem,*

*Divinum nequeo, quod obierit.*

*Illud tamen compertum habeo,*

*Quod in se uno*

*Complexus ornamenta hominis omnia,*

*Implevit*

*Quidquid poterat mortalitas capere.*

*Heu!*

*Quid nunc ex tanto reliquum est viro?*

*Magnæ animæ cadaver exiguum.*

*Magni Solis parva umbra,*

*Magni ignis merus cinis.*

*Hinc nobis maxime est dolendum,*

*Quod talem amisimus:*

*Inde tamen potius gratulandum,*

*Quod talem habuimus.*

## SUSPIROS

*Societatis extitit Salomon,  
Et prioris sapientiam affecutus,  
Eo utique sapientius vixit,  
Sapientius obiit.*

*Factæ erant tum temporis tenebræ  
Super universam terram,  
Ut tenebris atrata natura  
Tanto capiti parentaret.*

*Supra Collegium dicitur visum sydus,  
Nec mirum*

*In veri Solis occasu.*

*Affluentem populum trahere assuetus  
Vel in funere ad se movit,  
Eloquentius fortasse cadaver in feretro,  
Quam olim in suggestu Orator.*

*Excellentissimus Dominus D. Joannes Lancastrius*

*Brasiliæ Prætura magnus, se ipso maior,*

*Rodericus filius præclarissimus,*

*Illustrissimus Insulæ à S. Thoma Episcopus,*

*Alii insuper nobilissimi Præsules*

*Corpus extulerunt ad tumulum.*

*Honor illis profecto fuit, non onus.*

*Integrum Canoniorum Collegium*

*Ad exequiale carmen confluxit.*

*Credo etiam Protoparentem Ignatium*

*Ignes suos allaturum ad funus,*

*Ni hospitam in Cælo animam*

*Exciperet inter plausus.*

*Desiderio tam chari capitis*

*Nemo altius doluit, quam Lusitania;*

*Quod dolore penitus non fatisceret,*

*Beneficium fuit orbis:*

*Totus ille Vieiræ jactura condolens*

*Lusitaniæ dolorem emolliit,*

*Quæ tamen*

*Experta tot annos alumnum indulgentissimum*

*Æternum lacrymis parentabit.*

*Illud doloris acerbiter cum primis acuet,*

*Quod licet nonagenarius,*

*Non perinde matura morte decesserit.*

*Nemo mortem mature obiit,*

*Cujus possit vita desiderari.*

*Summum autem Lusitaniæ desiderium*

*Non atas illa quantacumque explevit.*

*Vixit quidem diu Antonius,*

*At non satis.*

*Satis vero naturæ vixerit, atque gloriæ;*

*Sed quod maximum est,*

*Lusitaniæ suæ parum vixit.*

*Parum vixit Antonius?*

*Diæli jam pœnitet, o viator.*

*Jacet utique vivus, & vivit mortuus*

*Omnium in corde mortalium.  
 Mortalitem exuit , non vitam amisit ,  
 Abiit utique , sed non obiit :  
 Sola enim Vieiræ vita dicenda est ,  
 Quam beatissime fruitur apud superos ,  
 Qua olim semper alet posteritas ,  
 Quam ipsa æternitas intuebitur.*

*Vale , Viator ,  
 Et , cujus inauditam præstantiam oblivisci non potes ,  
 Memineris tumulum.*

Hæc , currente calamo , dedit R. P. Hieronymus de Castilho , olim Primarius Rhetoricæ Professor Ulyssipone ; deinde Conimbricæ : ibidem Philosophiæ Magister : tandem in Ebo-  
 rensi Academia sacrarum literarum Interpres :  
 postremo Regalis Academiæ Historiæ Lusitanae Alumnus insigniter eruditus , ac desideratissimus.



*En promissum damus Argumentum totius operis , seu potius Indicem materiarum , quibus liquidiores , suavioresque Musarum cultores in Collegio Conimbricensi Societatis Jesu desudantes , V. P. Antonium Vieira intimo doloris sensu elegantissime parentarunt. Argumenti Auctorem si quæras , is fuit R. P. Mathias Correa per id temporis sacrarum literarum Interpres , vir ad omnes scientias addiscendas , docendasque cum primis confereendus , quem immatura morte ereptum doluit nostra Jesu Societas peracerbe.*



CONCIONATORUM  
FACILE PRINCIPI  
VENERABILI PATRI P.  
ANTONIO VIEIRA

Societatis Jesu,  
*Hospiti quondam suo aeternum desideratissimo  
Justa persolvit,*



*Urnas erigit sepulchralem*  
COLLEGIUM CONIMBRICENSE

*In monumentum doloris, & amoris argumentum  
Invitatore literatorum Mæcenate literatissimo*

EXCELLENTISSIMO DOMINO

D. FRANCISCO XAVERIO  
DE MENEZES,

Comite da Ericeira,

*Hortatore Principe Poetarum*

*Eclog. 5.*

*Et tumulum facite, & tumulo superaddite carmen.*





I

## Pompæ funebris indictio.

2

*Morientis P. Antonii Viciæ ultimum spiritum osculo  
excipere, & haurire exoptat Collegium  
Conimbricense.*

3

*Corpus exanime de more conclamat.*

4

*In pollinctores cadaveris invitat quatuor fluvios.*

5

*Pollinctor primus  
Tybris.*

7

*Pollinctor tertius  
Durius.*

6

*Pollinctor secundus  
Tagus.*

8

*Pollinctor quartus  
Monda.*

9

*In pollinctorem ungentem adhibet Americam.*



10

## Cenotaphium ex crystallo.

11

*In cenotaphii gradus  
Disponit virtutes Theologales.*

12

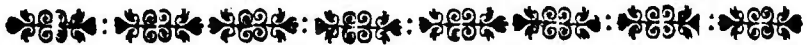
*Gradus primus*  
*Fides.*

13

*Gradus secundus*  
*Spes.*

14

*Gradus tertius*  
*Charitas.*



15

*Pro facibus funereis accendit*  
*virtutes morales.*

16

*Fax prima*  
*Pietas in Deum.*

17

*Fax secunda*  
*Zelus animarum*

18

*Fax tertia*  
*Patientia*

19

*Fax quarta*  
*Constantia.*

20

*Fax quinta*  
*Studiositas.*

21

*Fax sexta*  
*Honorum contemptus.*



22

Sandapilam aptat ex conchis.

<sup>23</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*primum*  
*Prudentia.*

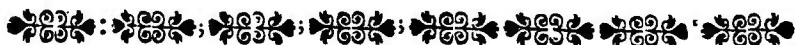
<sup>26</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*quartum*  
*Iustitia.*

<sup>24</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*secundum*  
*Temperantiæ.*

<sup>27</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*quintum*  
*Paupertas.*

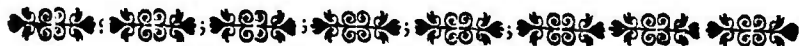
<sup>25</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*tertium*  
*Fortitudo.*

<sup>28</sup>  
*Sandapilæ brachium*  
*sextum*  
*Obedientia.*



29

Pulvinar capiti supponit  
 Biblia sacra.



30

Pro sandapilariis succollantibus  
 Artes submittit liberales.

31  
*Ars prima succollans*  
*Theologia speculatrix.*

32  
*Ars secunda succollans*  
*Theologia moralis.*

33  
*Ars tertia succollans*  
*Philosophia.*

34  
*Ars quarta succollans*  
*Mathesis.*

35  
*Ars quinta succollans*  
*Rhetorica.*

36  
*Ars sexta succollans*  
*Poesis.*

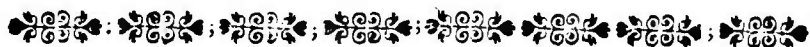


37  
*Epicedia præmittit.*

38  
*Epicedium primum canit*  
*Roma.*

39  
*Epicediũ secundum pangit*  
*Ulyssipo.*

40  
*Epicedium tertium decantat*  
*Babia.*



41  
*Nænia adjungit.*

42  
*Nænia prima*  
*Lacrymæ Societatis*

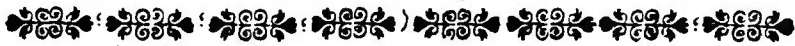
44  
*Nænia tertia*  
*Lacrymæ Maranonii.*

43  
*Nænia secunda*

45  
*Nænia quarta*



*Lacrymæ Aulæ Lusitanæ. Lacrymæ Officinæ Typographicæ.*



46

Urnâ erigit sepulchrâlem  
Ex auro, & argento cælatam.

47

*Antica urnæ faciès*

*Objicit artis concionariæ primatum.*

48

*Emblema primum*

*Vieiræ volatus supra omnes sacros Oratores.*

49

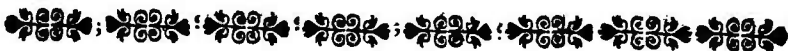
*Emblema secundum*

*Vieira sacrorum Oratorum Cynosura.*

50

*Emblema tertium*

*Ardua Vieiræ imitatio.*



51

*Postica urnæ faciès*

Offert cōcionariæ artis prototypa.

52

*Emblema, & prototypum primum*

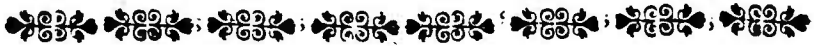
*Libellus è lapidibus Davidicis concinnatus.*

53

*Emblema, & prototypum secundum*

*Pretiosa variarum concionum volumina.*

*Emblema, & prototypum tertium  
Clavis Prophetarum.*



### Dēxtra urnæ facies

Exprimit promovendarum missionum studiū.

56

*Emblema primum  
Vieiræ studium in colli-  
gendis sociis ad missio-  
nem Maranonensem.*

58

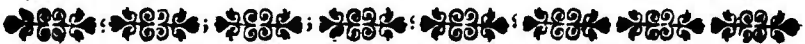
*Emblema tertium  
Vieiræ ardoris, & zeli in-  
crementum ex contra-  
dictionibus.*

57

*Emblema secundum  
Vieiræ cura assidua in ju-  
vandis Brasiliæ bar-  
baris.*

59

*Emblema quartum  
Vieiræ scopus in sacris  
missionum expeditio-  
nibus Deus.*



60

### Sinistra urnæ facies

Ostendit laborum inter missiones tolerantiam.

61

*Emblema primum  
Vieiræ naufragium dum  
collecturus socios  
Lusitaniam petit.*

63

*Emblema tertium  
Vieiræ fames patiendi au-  
cta laborum  
patientia.*

62

*Emblema secundum*  
*Vieira virtus inter labo-*  
*res pulchrior, & fortior.*

64

*Emblema quartum*  
*Vieira extremus in scri-*  
*bendo labor.*



65

*Gadaver infert urnæ sepulchrali.*

66

*Claudit sepulchralem urnam elogio*  
*sepulchrali.*



67

*Urnæ sepulchralem floribus exornat.*

*Flos primus Liliū.*

*Flos secundus Hyacinthus.*

*Flos tertius Amaranthus.*

*Iustis rite persolutis Venerabili P. Antonio Vieira,*

*Extremum vale dicit,*

*&*

*Levem terram precatur.*

FUNE BRIS  
POMPÆ INDICTIO.

**P**arentale munus.

Denato Concionatoriæ Parenti,  
Et communi orbis Magistro  
Minerval doloris solvimus.

Debetur lacrymarum clepsydra Oratorium Principi,  
Qui extrema sua in periodo  
Universi orbis sensum commovet, & affectus excitat.  
Cælum ipsum

Vieiræ exequiis præluceat exemplo :

\* Facem accendit in nova stella

Bahiensi Collegio imminere visa.

Nobile funale appendit ad sepulchrum :

Illustre cereum præit ad funus :

Ignem perpetuum frigidis suscitatur ex cineribus :

Et æternam lampadem

Melioris Tullii fabricatur ad urnam.

Sint Astra oculi, & linguæ Cælorum :

Oculos Cælum multiplicat, ut uberius fleat;

Et linguas,

Ut vocalius repetitas solvatur in laudes,

Quas

Qua nocte  
obiit Patet  
Vieira, visa  
est stella su-  
pra Colleg.  
Bahienfe.

*Quas ab illo accepit, repensurum.*

*Ad funebrem Vieiræ panegyrim*

*Opus fuit nova lingua cælorum.*

*Nos dari de eo possumus, vix loqui,*

*Neutiquam dicere.*

*Totum orbem convocaturum ad exequias*

*Insigne Cælites edunt signum in novo signo.*

*Accurre igitur quantus es orbis,*

*Reges, Optimates, Pontifices, purpurei Patres.*

*Digna, & solita Vieiræ concio,*

*Et panegyris,*

*Apud quos tam optime audiit,*

*Quam optime dixit:*

*Cui toties ab ore dicentis penduli*

*Plausum dedistis, & palmam,*

*Silenti, & muto lacrymas date,*

*Et cupressos.*

*Convolute Musarum Aves Poetæ divini,*

*Et extinctæ ingeniorum Aquilæ*

*Collatis pennis litate, & pœnis.*

*Involute frequentes Lusitani Orphei*

*Ad sepulchrum,*

*Illius ex cineribus liquidiorum spiritum,*

*Et cantus suaviores accepturi.*

*\* Assuetas olim volucres Orphei sepulchro*

*Modulatus, & liquidius cæteris*

Ex Theo-  
crito.

Ex P. Cauf.  
in Eloq.

## SUSPIROS

*Canere fama est.*

*Unice desiderabitis in Vieira*

*Fingendi materiam, & licentiam:*

*Omni hyperbole, & fabula maior est de eò veritas.*

*Jungite nenas, & lessos,*

*Omnes arculas expromite, omne myrothecium,*

*Et mortuis licet coloribus*

*Vivaces palmas, immortales titulos tumulo inscribite,*

*Non tam Vieiræ epicedia, quam epinicia.*

*Confluite undequaque Oratores,*

*Et fractis periodis, abruptis singultibus,*

*Illà vestra flumina convertite in imbres*

*Lacrymarum.*

*Flores omnes illius sepulchro inspergite,*

*De quo dubium est,*

*An ipse totus ex eloquentia,*

*An tota ex ipso eloquentia*

*Compacta fuerit.*

*Silet fato mutum eloquentiæ Oraculum,*

*Ut vestra in ejulatus vox erumpat.*

*Coram eo si loqui vos pudeat, flere libeat.*

*Tu vero tota modo in Comitiiis collecta Lusitania,*

*Universos Regni Ordines infer ad comitivam funeris:*

*Votis omnibus una cum Regni Principe*

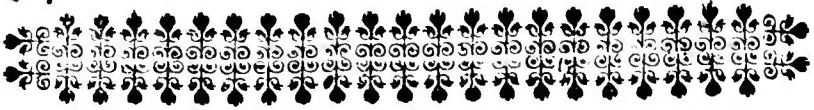
*In Concionatorum Regem Vieiram jura,*

*Et spontaneum lacrymarum tributum*

*Non*

*Non extorquebis ab omnibus, sed elicies.  
Claudit heu! brevis urna Vieiram illum,  
Quem nec admirando totum capimus.*

Elogium hoc, alterumque, quod infra sub-  
jicimus, multa cruciatum lima scripsit, toti-  
que operi inferendum dedit R. Pater Emma-  
nuel de Oliveira, vir Humanioribus, Græcis,  
Latinis, Theologicis literis doctissime erudi-  
tus, cum paucisque componendus.



CLAUDIT SEPULCHRALEM URNAM  
ELOGIO SEPULCHRALI.

**F** *Elix Ulyssippo in Antoniis, seu Paduano,  
Seu Brasiliensi.*

*Uterque clarus in Arte inveniendi,  
Uterque patriam fugiendo celebravit;  
Ille Testamenti Arca, hic Arca Clavis,  
Utriusque Testamenti arcana reserat:  
Ille Hereticorum Malleus, hic Indorum Faber:  
Illius lingua, hujus calamus immortalis.*

*Nimirum*

*Hunc habent secula morem,  
Ut singula prodigium ferant singulare.  
Portentum, & monstrum,  
Quia præter naturam excedit, & excellit,  
Præsens sæculum tulit in Vieira,  
De quo fas est dicere,  
Quod Augustinus de ingenio Adeodati sui,  
Horrori mihi erat ingenium illud.  
Quas maxime allicit, & attrahit,  
Herere, & horrere maxime mentes facit,  
Amabile, sed invisum monstrum ingenii.*

*Vel*



*Vel ex hoc extraordinarium credas, & anomalum,  
Quod nimis mature magnum ingenium,  
Et tamen vitale fuit.*

*Diu quæsitum est de Viiræ patria:*

*Socrates hic, Civis Mundanus,*

*Non urbem, sed orbem habere patriam debuit,  
Peregrinus ubique, nullibi advena, sed ubique incola.  
Cessit tamen hæc felicitas magnarum mensium officinæ  
Ulyssiponi orbi in urbe.*

*Impubes puer è patria solvens*

*Intulit in Brasiliam peregrinum ingenium:*

*Quasi non posset unico orbi coerceri gygas in puero.*

*Societati Jesu adscriptus Miles,*

*His castris tam strenue meruit,*

*Ut continuo, emeritis stipendiis, missionem efflagitaverit.*

*Profectus igitur in missionem Maragnensem,*

*Sævius bellum sustinuit à popularibus, quàm ab hostibus,  
A mancipibus, quam à mancipiis, à Lusitanis,  
quam ab Indis.*

*Horum libertatem ut assereret,*

*Et carceres, & vincula subiit, alter Paulus.*

*In regione feracissima ferarum*

*Saltus illos indagans, & sylvas,*

*Prædas opimas sylvestrium belluarum,*

*Quas cicures redderet, & securas,*

*Convectavit ad fidei retia venator animarum.*

*Indorum libertatem à redemptoribus vindicaturus  
 Liberatorem Regem Joannem IV. petivit,  
 Apprime cultum, & civile ingenium  
 Amplius versari non debuit in caulis, sed in aulis.  
 Regi summe acceptus, & intimus,  
 Eum non auditorem tantum, sed fautorem,  
 Et dicto audientem habuit.  
 Assidue cum illo Rex convivebat  
 Nactus in Vieira omnium horarum hominem.  
 Ingenium in eo tam vivax, & promptum,  
 Quasi nihil ab studio,  
 Studium tam pertinax, & improbum,  
 Quasi nihil ab ingenio pendere videretur.  
 Solent Aristoteles, ut ingenio, sic studio antecire  
 cæteros homines.  
 Ejus memoria, raro exemplo, cohærebat cum ingenio,  
 Omnium disciplinarum capax, & tenax,  
 Biblia tota redderet, si perirent.  
 Stylus omni illecebra novitatis, omni sesama,  
 & pipere inspersus,  
 Elegantiarum Ver, fructuum Autumnus:  
 Tantam ab omnibus existimationem collegit,  
 Ut plures invidere, nullus præripere possit  
 Principatum concionandi.  
 Ubi legitur Vieira nomen præjudicium est victoriæ.  
 Vicit post omnes Oratores invidiam ultimam,  
 A qua*

*A' qua plurima habuit, quæ perferret.*

*Dubium unde gloriosior,*

*An quia ingenio aureus, an quia patientia ferreus?  
Hac celebritate famæ, cum esset jam absentibus notus,*

*Romam vocatus facile persuasit,  
Possè Tullios, & Hortensios nasci extra Itatiam,  
Et exteras nationes à Lusitanis vinci posse,  
Non minus arte, quam Marte.*

*Audiit illum, & auditis annuit, orbis Caput,  
Cum lapides illos suos  
Non minus gygantis capiti, quam orbis memoriæ  
Infigeret.*

*Assurrexere dicenti incredibili gratulatione  
Cardinales,*

*Et lapides approbaverunt dignos,  
Qui in Ecclesia fierent in caput anguli.*

*In illis ita philosophatur argute,  
Ut merito dicas lapides Philosophales,  
Unde elicias aurum purum.*

*Ita probat ad veritatem apposite, ut lapides Lydios;  
Ita acute, ut cotes ingeniorum putes.*

*Illud unice in dicendo Vieira peccasti,  
Quod nunquam orabas sine crimine,  
Quin auditor in te, aut invidendo, aut desperando,  
Peccaverit.*

*Nactus igitur in arce fidei solidæ doctrinæ testimoniū*

*Lusitaniam repetit , & inde Brasiliam,  
 Ut repetitis carceribus , unde primo solverat,  
 Emensi gloriose curriculi  
 Bravium acciperet, & palmam, periodo victor.  
 Ibi postquam Visitatoris Provinciam triennem  
 suscipiens,  
 Provinciae magis profuit , quam praefuit suae,  
 In rustico praedio, quod incolendo fecit urbanum,  
 Ubicrem fundi censum quotannis retulit,  
 Singulos concionum tomos,  
 Ruris redolentes nihil , nisi flores.  
 Elucubravit in suo Tusculano novus Cicero ;  
 Non Scipionis, sed Xaverii somnia plane divina.  
 Eadem sic exponit divinus Interpres,  
 Ut vel Josephum, vel Danielem credas,  
 Quasi somnum haberet excubitorem sui,  
 Nihil in somnis pandiculans oscitat, aut dormitat.  
 Aliorum vigilias , vel cum occupatur in somniis  
 facile vincit.  
 Ex eadem villa  
 Geminos emisit fasciculos rosarum ;  
 Quas legere aveant omnes , carpere nemo;  
 In triginta de Rosario magnae Matris concionibus  
 Plane rosas loquitur, sed plenas aculei , & acuminis,  
 Et ita materiam exhaurit,  
 Ut nihil dicendum maneat sub rosa.*

Clavis

*Clavis Prophetarum,  
Quam sæpe malleo redditam, & incudi  
mordatius limabat;*

*Ultimam limam fatum interclusit:  
Fortasse ne per illam Scripturæ paterent adeo aperta,  
Ut evidentia non sineret locum fidei.*

*Magni Artificis est operum aliquod imperfectum  
omittere,*

*Ut Zeuxidis picturam,  
Quam nullus deinceps ausus perficere, quantum distet  
ab Auctore, noverit.*

*Obiit octogenario maior, qua ætate moriuntur  
Platonēs :*

*Gloriosam tamen fœcundæ mentis posteritatem reliquit  
In duodecim libris, seu liberis suis,  
In quibus spirat immortalis.*

*Seu eos dicas duodecim fontes Elim  
Irriguos inter palmas,  
Seu duodecim Rationalis gemmas,  
Aut totidem Herculis labores.*

*Lacrymas funeris damnat æternitas nominis :  
Ne putes hoc sepulchro contineri Vieiram;  
Cenotaphium est inane :*

*Illustrium virorum tumulus orbis est.  
Salve.*



L A C R Y M Æ  
 T Y P O G R A P H I C Æ O F F I C I N Æ  
 I N O B I T U V E N E R A B I L I S P A T R I S  
 A N T O N I I V I E I R A .

**E***N* me , quæ fueram sine voce loquatior una,  
 Tristia in æternum fata silere jubent.  
 Fata loqui prohibent , sepelit dolor ipse loquellam;  
 In lacrymis sepelit naufraga verba dolor.

His tribus  
 metallis cõ-  
 flantur typi  
 typographi-  
 ci.

*F*usilis ex triplici fuerat mihi lingua metallo,  
 Ærea quæ fuerat , plumbea lingua mihi est.  
 Æra domat plumbum , jungitque ligamine stannum,  
 Partibus his constat formula , quæque tribus :  
 Nunc livet plumbum , pallet stannum , æraque sudant;  
 Omnia sunt lacrymis lurida facta meis.  
 Nulla mihi requies ; religo quadrata rotundis,  
 Transmuto , subigo , multiplicoque notas.  
 Nulla mihi facies , mille induo mœsta figuras;  
 Omnibus assimilis , dissimilisque mihi.  
 Construo , & evertō , conjungo , separo , formas  
 Extraho de oculis , restituoque suis :  
 Fallere sic meditor stagnantia lumina guttis;

At

*At non falluntur lumina , fallor ego.*  
*Fallor , & immersas fuligine plango tabellas :*  
*Quod solamen erit ? Nil nisi flere juvat.*  
*Occidis ab præli decus immortale , Vieira !*  
*Occidis : ab præli flenda ruina mei est !*  
*Occidis , ipse tibi meliori parte superstes ;*  
*In scriptis gaude te superesse tibi.*  
*Occidis exemplar ; qui te non aspicit , errat :*  
*Errata ut caveam , tu paradigma mihi es.*  
*Solus hebes , nimiumque rudis te corrigit ; errat ,*  
*Emendaturus , qui tua scripta legit.*  
*Sermo fluit purus , splendet doctrina , severus*  
*Dogmata mirari nil nisi censor aget.*  
*Te penes arbitrium est , & vis , & regula fandi ,*  
*Norma typographicis Orthographia tua est.*  
*Heu ! Quoties limata dabam tua verba papyro ,*  
*Est atramento lactea picta meo.*  
*Ipsa tuam toties expressi in imagine mentem ,*  
*Verba typis quoties sunt tua missa meis.*  
*Depictæ rubeant facies , pictique tabellis*  
*Vultus ; quod legitur , maior imago tui est.*  
*Quid pictura refert , lutei nisi corporis umbram ?*  
*Missâ typis offert pagina mentis opes.*  
*Pictor ar at faciem , mentem scriptura ; quis ergo*  
*Gratius effigiat ? Pictor , an authographum ?*  
*Ipsa tuum similem simili sine cudo parentem*

Loyolam,

*Loyolam , ingenium cudere visa tuum.*

*Dum quoque Xaverii referebam somnia chartis,  
Excubias retuli , magne Vieira , tuas.*

*Si vigiles superat , dormit dum Xavier ; esse  
Vel dormitanti par tibi nemo potest.*

*Teque vel invidium , scribis dum cætera , laudas :  
Esque argumenti conditor ipse tui.*

*Pars operis quæcumque tui , quæcumque legatur,  
Te probat eloquii pagina prototypum.*

*Hec ego dum retuli prælis , lætabar , & omnis  
Forma fit ad nutus officiosa meos.*

*Capsula quæque suam tabulæ dabat impigra formam,  
Quin componentis falleret ulla manum.*

*Sponte sua sandix saturavit murice prælum,  
Cæpit & à nigris sæpe rubere notis.*

*Signa ferant alii loligine tincta libelli;*

*Encaustum est scriptis apta rubrica tuis.*

*Cochlea grata sibi sinuosa volumina torquet,  
Arte laborantes comprimat axe typos.*

*Pressa gemit , gaudetque premi membrana , resurgat*

*Pagina sermonis fida ministra tui.*

*Utque meum exprimerem , cognomina chara , Vieiram ,*

*Vocales inter litera quæque fuit.*

*Nomine prima tuo , cognomine & ultima clamant,*

*Esse salutatum nomen ubique tuum.*

*Nulla fuit Mutas inter numeranda ; liquescit,*

Encausto  
pro atra-  
mento ute-  
bantur Im-  
peratores.

Theatrum  
verb. Script.  
A litera sa-  
lutaris ex  
Cicer.

Nomen An-  
tonii ab A  
incipit : co-  
gnomen Vi-  
eira in A  
desinit.



*Et viget ad nomen litera muta tuum.*  
*Dissona nulla fuit, laudi sed consona: gestit*  
*Aptari verbis litera quæque tuis.*  
*Nunc mutata tuo, totoque errantia prælo*  
*Squalent interitu, litera, forma, typus.*  
*Forma characteres solum exprimit uda dolentis:*  
*Heu lugubre sonans tota papyrus habet.*  
*Chartaque funereis quæque est infecta lituris,*  
*De lacrymis facta est ipsa litura meis:*  
*Præfica, vel potius dicar tua funera, quando*  
*Flebilia typis sunt tua fata meis.*  
*Quæ modo vocalis, fit litera muta; liquefcit*  
*Ad nomen lacrymis formula quæque tuam.*  
*Et quæ vocali gemina coeunte resultat*  
*Heu! gemit; heu! geminans: heu! grave ubiq̄ sonat.*  
*Consona quæ fuerat, fit litera dissona planctu;*  
*Aspera fit subito, quæ modo lenis erat.*  
*Lapsa gemit trochleæ confusis fabrica spiris,*  
*Nec premit ærato lamina vecte notas.*  
*Capsula cum oculis, rapta compage, fatiscunt,*  
*Et jacet in media litera sparsa domo.*  
*Nullaque recta dehinc procedit linea, cum te*  
*Deficiente, typis regula deficiat.*  
*Jam mea componi nequeunt elementa, magistrum*  
*Sublatum ex oculis flent elementa suum.*  
*Planula, tesserula, ferrata manubria, caræ,*

Ovid. Fast.  
5.

Tim-

Timpana , malleolus , spongia , grammā , stylūs ;  
 Mensa , globus madida fuligine fartus , & umbo ,  
 Pleraque , quæ fabricæ sunt monumenta meæ ,  
 Purpura , cinnabaris , minium , rubrica , sinopis ,  
 Ebria queis prælo nostra sigilla rubent ,  
 Charta ; liber , folium , biblus , membrana , papyrus ,  
 Quæ commissa typis reddere verba solent ,  
 Omnia rupta jacent fædis conspersa lituris ,  
 Omnia lamento dillacerata meo .  
 Cuncta simul periere mei instrumenta decoris ,  
 Et tumulto , quo tu , contumulanda jacent .  
 Hic præli status , hæc rerum fortuna mearum :  
 Talia quis fando temperet à lacrymis ?  
 Quid mihi jam superest ? Lacrymæ , suspiria , planctus ,  
 Pro deploratis non valitura typis .  
 Hinc ego non ultra formis cubitalibus utar ,  
 Lucubris , heu ! discors iste charectèr erit .  
 Nec mea purpureo satiabo toreumata fucco ;  
 Obruat , heu ! philyras sepia tetra meas .  
 Nulla typographicis mandabo volumina prælis ,  
 Mœsta decet schedulas nenia sola meas .  
 Litera , quæ fuerat nostris moda picta figuris ,  
 Triste parentalis carminis omen erit .  
 Chartaque ferali velabitur atra cupressso ,  
 Et mea funereâ tempora fronde tegam .  
 Adde , quod ista meum augent improvisa dolorem ,

*Si prævifa minus tela ferire solent.*  
*Lenta meis quando prægnavant carbasa votis,*  
*(Carbasa prob votis infidiosa meis!)*  
*Appulit heu! ratis, & nigris subit ostia velis,*  
*Qualia in Ægeo vela fuere mari.*  
*Heu! ratis infelix, simul & mihi fausta: Vieiræ*  
*Funeris, & vitæ nuntia certa dedit.*  
*Dat vivum in scriptis, simul & dat nuntia mortis,*  
*Sic ratis una simul vulnus, opemque tulit.*  
*Cum tamen hoc terebret vulnus præcordia, crede*  
*Altius admotâ nunc fore vulnus ope.*  
*Hoc solamen adhuc superest, tua posthuma proles,*  
*Quæ poterit prælum restabilire meum:*  
*Sit reliquis ætate minor, sit origine, & annis*  
*Posthuma, primævis anteferenda venit:*  
*Hoc ego vaticinor: veniens post fata, libellus,*  
*Historicum, & vatem te simul esse probat.*  
*Præteriti vates tua mens divina, Futuri*  
*Tu quoque præluces conditor historiæ.*  
*Præterita ut ventura doces, transacta futuris*  
*Implicita ingenium non latuere tuum.*  
*Quæ sint, quæ fuerint, quæ post ventura tuenti*  
*Venturum nihil est, præteritumque nihil.*  
*Tempora Grammatici discernant, cuncta videnti*  
*Cuncta adsunt, præsens tempus & omne tibi est*  
*Unicus hic mea spes est, hic mea cura libellus,*

Eadem na-  
 vis, quæ P.  
 Vieiræ obi-  
 tum nunti-  
 abat, duo-  
 decimum è  
 Brasilia cõ-  
 cionû ejus  
 volumen  
 afferebat.

*Prælum iterum hic poterit consolidare meum.*

*Hic ex parte meum potis est lenire dolorem,*

*Hic poterit lacrymas hic cohibere meas.*

*Mainus adhuc restabat opus, quod clauderet annos*

*Clave Prophetarum, magne Vicira, tuos.*

*Sed cur præla fugit! Pars si imperfecta manebat,*

*Sat mihi perfectum est, quod probat esse tuum.*

Ovid. de  
Ponto 1. *Quod metuas non est, Antonii scripta leguntur*

*Semper inoffenso qualiacumque pede.*

*Cur mihi non dabitur? Cur non mea præla latebris*

*Eripiunt, totus quod petit orbis, opus?*

*Vos, quibus utilitas communis, dicite cunctis*

*Debita, quid prodest, si unus, & alter habet.*

*Clausula quid efficiet Clavis? Quisnam usus in illa est?*

*Esto magistra foret, Clavis inermis erit.*

*Heu! celata parum virtus, & inertia distant;*

*Utraque torpenti nocte sepulta jacet.*

*Quid prosunt radii, fulgor, quid flamma, quid ignes?*

*Splendida si modio tecta lucerna latet.*

*Clausula lætes peritura, etiam latuisse perire est;*

*Sic mage digna cedro scripta perire solent.*

*Quod latet ignotum, ignoti quæ gloria? Nulla est;*

*Nemo, quod ignorat, qui veneretur, erit.*

*Quæ foret Illiadis, semper si clausula fuisset,*

*Gloria? Nemo tuus cultor, Homere, foret.*

*Quis tua scripta, Plato, tua quis syntagmata Tulli?*

*Quis*

*Quis documenta modo nosset Aristotelis ?*  
*Ni festina darem rediviva volumina prælo,*  
*Omnia Lethæis scripta darentur aquis.*  
*Quot monumenta Patrū, quot nocte premuntur avarâ*  
*Dogmata, digna probâ posteritate legi ?*  
*Pleraque, quæ nunc sunt in honore, volumina nostra*  
*Firmavit prælis ars operosa suis.*  
*Si lateas, clavem quid proderit esse magistram ?*  
*Claudere quid poteris, quidve aperire vales ?*  
*Eia age, pande fores, quid scrinia clausa retardant ?*  
*Sis memor officii, sis memor ipsa tui.*  
*Obvia te expectant mea præla, notæque gementes,*  
*Et quot sunt fabricæ pignora chara meæ.*  
*Sunt mihi matrices, graphiaria, mappa, tabellæ,*  
*Sunt, quibus æternem scripta legenda, typi,*  
*Quæ licet insano jaceant confusa dolore*  
*Artificis feretro semisepulta tui;*  
*Cuncta reviviscent animata cadavera, egoque*  
*Exurgam, quæ jam pene cadaver eram.*  
*Exurgam rursus, si tu mea præla recludas,*  
*Et vitæ, & mortis tu mihi clavis eris.*  
*Quam mihi reddideris, vitam officiosa rependam;*  
*Sint tua scripta mihi, sint mea præla tibi.*  
*Quam mihi scripta ferent, quis deneget esse caducam?*  
*Quam tibi præla dabunt, vita perennis erit.*  
*Mutua res agitur, tua sed cum sænore; vitam*

*Præla tibi longam, dant mihi scripta brevem.*  
*Ipsa mihi assiduum parient tua scripta laborem;*  
*Gloria proveniet per mea præla tibi.*  
*Sit labor immensus, non me labor iste gravabit;*  
*Quod gravat, est nostris te caruisse typis.*  
*Hoc gravat assiduis turgentia lumina rivis,*  
*Anxietas hæc nos, nostraque corda premit.*  
*Expectata diu solatia ferre recusas,*  
*Quæ potui lacrymis demeruisse meis.*  
*Hoc mihi solamen magni post fata Vieira,*  
*Quod dicant clavem te mea præla suam:*  
*Qua reclusa patent tot vatum ænigmata, grypho;*  
*Oedipe, dexterior claviger iste tuo est.*  
*Læta parare typos tituli tangebar amore,*  
*Mens mihi thesaurum clave aperire fuit.*  
*Heu! fugit ista meas, clavis fugit aurea formas;*  
*Clauditur ipse tuâ morte, Vieira, typus. (men,*  
*Clauditur, heu? tamen hoc signabit limina car-*  
*Occidit Archetypus, quid mea cura typus?*  
*Occidit Archetypus, periere autographa, avarus*  
*Colligat exuvias bibliopola meas.*  
*Orba parente suo, quæcumq̃ volumina servat,*  
*Indoleat lacrymis bibliotheca meis.*

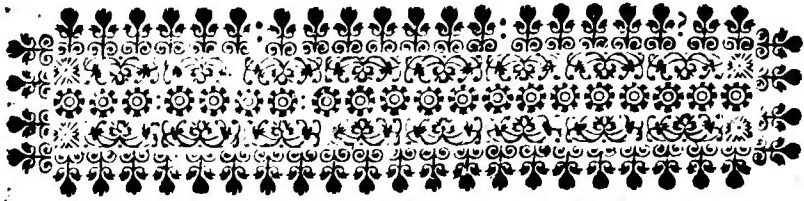
*Ita modulatissime cecinit typographicam Officinam*  
*vehementer dolentem exprimens R. Pater Henricus*  
*de*

# ENCOMIASTICOS. 291

*de Carvalho , olim Humaniorum literarum Ulyssipone , deinde Rhetoricæ Primarius Conimbricæ , postea ibidem Philosophiæ , postremo in Eborensi Academia, Ulyssiponeque Moralis Theologiæ Præceptor : nunc Serenissimi Lusitaniæ Principis à confessionibus.*







NOVA,  
E ENCOMIASTICA  
EXPRESSAM,

*Com que huma eloquencia peregrina, por  
singular, suspira saudosa, e arden-  
temente venera as religiosas me-  
morias*

DO PADRE  
ANTONIO VIEIRA.



Ultimo suspiro ( que he o que leva  
toda a alma ) serve a esta obra de  
coroa , e he o em que rompeo hum  
novo Orador Hespanhol , cujo co-  
ração prezo à grande alma de Vieira assim nos  
intima a sua veneração , que mete em duvida  
aos Portuguezes , se nesta parte quer vencer

Castella a Portugal. Será no amar mais enterrecida ella ; mas elle mais forte.

Falla pois com este ultimo , e encomiaftico suspiro , e por elle se explica o Reverendissimo P. M. Nicolao de Segura da Companhia de Jesus ; e em tal fugeito falla a eloquencia toda , falla a discriçaõ , falla hum vivo engenho , falla hum sublime juizo ; e vestida , e ornada de todas estas prendas falla a veneraçãõ , e o amor. Já se naõ póde pintar este mais nobre affecto da vontade , nem cego , nem despido : tanto amor com tanta gala , e com tanta luz desempenhou as cegueiras taõ naturaes à vontade.

Sahio este cultissimo engenho com os seus sermoes à luz publica, e no segundo tomo (sendo todos primos) poz na primeira folha o retrato do Padre Vieira. Escusada diligencia para venerarmos o livro , quando em cada pagina delle se vê com tintas taõ vivas , como da alma , aquelle Sol dos Oradores Euangelicos delineado. Salvo quiz este Demosthenes de Hespanha mostrarnos no seu livro a Vieira todo : o corpo , e figura externa na pintura , e a alma nos discursos , com que voa ; na viveza de espirito , com que falla ; na fogaosidade do zelo,  
com

## ENCOMIASTICOS. 295

com que intíma ; na sublimidade de pensamentos , com que se remonta. Assim expri-  
mio este grande Orador aquelle illustre Varaõ ;  
naõ contente porém nem com o primeiro ,  
nem com o segundo modo de debuxo , fez  
com a penna ( entregue toda aos mais finos , e  
delicados affectos do coração ) huma minia-  
tura rara no elogio do grande Vieira , que  
aqui pomos, para que os que naõ tiveraõ a for-  
tuna de o alcançar no seu livro , o vejaõ, o lo-  
grem , e o admirem neste.

*Affim suspirãõ os estranhos.*





A LA ILUSTRE,  
VENERABLE, Y IMMORTAL MEMORIA  
DEL SAPIENTISSIMO PADRE

ANTONIO DE VIEIRA

De la Compañía de Jesus,

*Visitador de la Provincia del Brasil , Predicador de  
los Señores Reyes de Portugal , y de la Señora  
Reyna de Suecia.*



O será cosa estraña , que aya quien dedique sus humildes pensamientos áquel incomparable Varon , a quien los mayores hombres del mundo han dedicado siempre sus más nobles, y verdaderos affectos. Muchos son los titulos, por los quales esta obrilla debió llevar , como lleva , gravado en su frontispicio el immortal, y siempre ilustre nombre del Padre Antonio de Vieira; pero sobre los motivos, que me executan , y las razones , que me obligan , me inclina

clina tambien a ello el hazer este obsequio a los estimadores, y veneradores de su gloriosa memoria, que son todos los que debieron a la naturaleza un sano, y incorrupto juicio, que no dexandose burlar de brillantes apariencias, solo estiman los luminosos fondos de los diamantes.

Los heroicos meritos del Padre Antonio de Vieira en la sabiduria, y doctrina singulares, y incomparables, y en la religion, virtud, piedad, y zelo Apostolico del bien de las almas sobreminentes, bastarian, y serian un mui justo titulo, para que no solo en esta pagina, sino en todo el libro resonasse el illustre nombre de Vieira. Allá dezia otro:

*Te canerem solum meriti memor: inque libellis*

*Crevisset sine te pagina nulla meis.*

Ovid. lib. 5.  
Trist. Eleg.

9.

Con quanta mayor razon lo podré yo dezir al atender los meritos de su prodigiosa sabiduria, que es, y será la eterna admiracion de los siglos? Porque quien fue aquel hombre, a quien aun por una general conspiracion, y por un consentimiento comun quisiesesen todos aclamar, y laurear por el *Fenix de los Ingenios*, sino al Padre Vieira? Y aun con este tan celebre, y plausible renombre toda via nó queda bastan-

re-

temente enfalçado, ni justamente explicado lo inimitable de su milagroso ingenio, y lo singular de su incomparable agudeza, erudicion, y doctrina; porque este no es tan singular, que no aya en cada siglo un nuevo Fenix; pero qual será el siglo tan dichoso, a quien le nasca otro Vieira?

Sê, y advierto, que si la immortalidad pudiera labrarse, y conseguirse con meritos, estos sin duda le sobran a Vieira para immortal; pero es tan al contrario, que la misma singularidad de sus prodigiosas prendas es la lapida de diamante, que en su mismo movimiento sepultó la esperanza, de que pudiesse volver a revivir entre los mortales, porque si (como dixo el Sabio) solo aquel verdaderamente nó muere, que dexa despues de si su semejante en el mundo, llore el mismo mundo en el Padre Vieira un hombre todo muerto: llore eternamente aquella muerte mortal, y sin semejanzas de vida, que se llevó al sepulchro el hombre sin semejante. Dos especies de muertes leemos en las divinas letras, muerte de hombre, y muerte de Fenix: al Padre Vieira el haver vivido, como Fenix, le hizo el que muriera como hombre. Nó obstante llamelo el mundo

Mortuus est . . . . at quasi nõ est mortuus; similé enim reliquit post se. Eccles. 30. Vos autem sicut homines moriemini. Psal. 81.

In nidulo meo moriar, & sicut palma (juxta 70. sicut Phænix) multiplicabo dies meos. Job 29. 18.

el

el Fenix de los ingenios, que así mostrará, que a las alabanzas deste incomparable Heroe no solo no ay ajustadas verdades, pero aun le vienen cortos los hyperboles. Ni yo puedo dexar de venerar este plausible renombre, con que todos appellidan Fenix a nuestro Vieira, pues ó le nació en la sublime, y eternamente recomendable pluma de nuestro Reverendissimo Padre General Juan Pablo Oliva, ó recibió de ella mucho de authoridad, y estimacion el elogio. Este prudentissimo Prelado, y eloquentissimo Predicador (supongo, que ninguno ignora la eminencia del sugeto) ó fue el primero, que dió el renombre de Fenix al Padre Vieira, ó se lo confirmó, y authorizó conveniendo con el sentimiento comun. Refiero las palabras de su carta escrita en Roma al Padre Vi-

*De Roma*  
*17. de Set.*  
*de 1680.*  
*Hallase en*  
*el tom. 14.*  
*de las obras*  
*de Vieira en*  
*lenguas por-*  
*ingueza.*

eira, residente entonces en el Brasil: *Dios (dize) dotó a V. Reverencia de un entendimiento tan fecundo en las reflexiones prodigiosas, como esteril de imitadores, y sequazes; con que siendo V. Reverencia reputado por Fenix en los conceptos, que predica, y en las agudezas, que escribe, en las mismas llamas, en que V. Reverencia immortaliza sus libros, reduce a cenizas los mios, que a los de V. Reverencia son tan desemejantes.*



Y si es forçoso creer a este Oraculo del pulpito Vaticano , quando dize , que es Fenix el Padre Vieira , sealo en hora buena ; pero será una nueva especie de Fenix , que *no solo immortaliza su memoria con las luzes, y con las llamas proprias, sino tambien con las cenizas ajenas* ; y desta suerte confessaré , que Vieira es el Fenix verdadero del mundo lucidissimo , ó por mejor dezir , del Firmamento de los Sabios ; porque si el verdadero Fenix es el Sol , como sienten los más prudentes , Vieira es aquel Sol , y aquel Fenix , que siendo unico , alumbra , y juntamente apaga con sus copiosissimas luzes a las mayores lumbreras del Firmamento de la sabiduria , como lo haze el Sol con las del Cielo.

Apud Pelli-  
cer de Phæ-  
nice.

Pero aun tomado el Fenix desta suerte le pareció al prudentissimo juicio del grande Oliva , que era corto elogio a los meritos de la sabiduria de nuestro admirable Vieira ; y assi en la misma carta le dá los renombres de *Archangel* , y *Serafin*. Todos aqui ( prosigue en la carta arriba citada ) *me arguyen , porque nó obligo a V. Reverencia a que alimente con sus escritos las almas , y a que eleve los espiritos con aquel manná, en que se ballan los sabores más del gusto de los Angeles, que de los hombres , y los quales es impossible fermentarse*

tarse por quien no fuere *Archangel* en la inteligencia, y *Serafin* en el amor: libreme V. Reverencia de tan ruidosas queexas con dar al mundo no solo volumenes, sinó librerías, de aquellas sutilezas, que nó nacen, ni se hallan en otra parte, sinó en V. Reverencia. Se horrorizaria qualquiera de dar a un hombre mortal los epithetos de *Archangel*, y *Serafin*; y lo que es más, ponerlos a los ojos, y entonarlos a los oídos; pero con que serenidad se los dexa caer en una carta la siempre ilustre pluma de Oliva? Sabia, que era Vieira con quien hablaba. Dize, que era *Archangel*, y *Serafin*, y lo prueba, porque menor inteligencia no podia sazonar el dulce manná de los espiritos (assi llama a sus escritos) y con quanta razon? Porque son su admirable sabedoria, y sus prodigiosos escritos maravillosamente proporcionados al gusto, y paladar de todos sin diferencia alguna de personas. A la verdad yo no sê de que me deba admirar más, si de ver un hombre rudo, y sin letras con un libro del Padre Vieira en las manos, arqueando a cada discurso las cejas, palmando, y atonito a cada lugar de la Escritura; ó si de ver a los hombres más sabios, y más versados en la divinas letras, los más acostumbrados a manejar, y revolver  
los

los volumenes de los Santos Padres , y Doctores , los más llenos de las mejores noticias , y más selecta erudicion , dexarse arrebatat de esta misma admiracion.

Oyo el mismo Reverendissimo Padre General Oliva al Padre Vieira predicar el sermon de San Stanislao , leyolo despues de oido : que juizio hizo , lo dice el mismo en carta , que escribió al Padre Vieira a este intento : *Yo admiré a V. Reverencia quando le oí . . . Ahora que con todo espacio leí , y bolvi a leer su oracion , casi quedé extatico por el assombro , que qualquiera de sus parrafos ha causado en mi alma , los que tambien se dexaron conocer en mi rostro.* Y descendiendo despues al particular de cada discurso , aumenta de esta suerte : *En suma aquellas consideraciones , que quando las oí , me parecieron relampagos , quando las vi escritas , se transformaron en Planetas , pero Planetas todos semejantes a el Sol , que no se podian veer por la vehemencia de la luz , y con dificultad se podian medir por el exceso de la altura.*

Este es el assombro , de que los hombres mayores del mundo se llenan al leer las obras del Padre Vieira. Decida pues , quien pudiere , en quien es mas milagrosa esta admiracion , si en los hombres doctísimos , ó en los hombres sin le-

*En 13. de Marzo de 1675. Hallase en el tom. 14. de las obras de Vicir. en lengua Portuguesa.*

letras , que yó nó puedo discernir quales son más improporcionadas para este genero de fruto , si las piedras toscas , ó las agudas espinas. Todos admiran las portentosas obras de Vieira, porque nó ay paladar ó delicado , ó gressero, a quien nó le guste este suavissimo manná. Pero donde hallaremos palabras para alabar su variedad , y dulçura , sinó las mendigamos del mismo Vieira? Hagamoslo servir ( aunque nunca lo consentiera su modestia ) a sus propias alabanzas. Alabó Homero a Achilles, Plocio a Mario, Thephanes a Pompeyo, Accio a Bruto, pero a Vieira nunca le podrá alabar quien nó

*Alude al sermón de Sexagesima del mismo Padre.*

*Esta Aprobacion está en el tomo 14. del dicho Padre en Portuguez.*

tuviere su ingenio. Sea el mismo el Homero, y el Achilles, y seame licito dezir de los escritos de Vieira , lo que el mismo Vieira dize del libro del Padre Diego Lopes , cuyo titulo es *Harmonia de la sagrada Escritura* , al aprobarlo : *En este libro , dize , ( y yo digo en los de Vieira ) ó en esta libreria ay varia materia de dezir , y de aprender , y assi cada uno segun la diversidad de su genio , y de su ingenio ( que es cosa , que apenas se puede lograr en muchos libros ) podrá escoger el estylo , y el Author : si buscas la profundidad de un entendimiento elevado , tienes aqui a Tertuliano , a Philon , a Clemente Alexandrino , y a Zenon el de Verona :*

na :

*na*: si un juicio maduro con sutileza, tienes a *Augustino*, a *Ambrosio*, a *Cyrilo*, a *Gregorio el de Nicea*: si buscas el rio de la eloquencia, encontrarás aqui un *Nilo*: si el *Oceano*, a *Chrysoſtomo*: si deseas la magestad de las sentencias, a *Leon*: si la agudeza, a *Chryſologo*, y *Ruperto*: si la piedad, a *Bernardo*, *Guerrico*, *Arnoldo*: si la moralidad, a *Gregorio*: si la alegoria, a *Athanaſio*: si la letra, y un perpetuo comentario, a *Geronymo*, *Hugo*, al *Carthusiano*, al *Abulense*, a *Cayetano*, y a *Lyra*. Hasta aqui el Padre *Vieira* al aprobar el tomo del Padre *Lopes*. Mereſca en hora buena el Padre *Lopes* el deposito de esta alabança, que para mi basta, que se la diera el Padre *Vieira*; pero luego que vió el mundo el manná suavissimo de las almas fermentado por el Archangel, y *Serafin* de los hombres, perdió ya el libro de la Harmonia el deposito de este elogio; pues en quien se halla con verdade esse admirable conjuncto, que está repartido en todos los Doctores sagrados, es el fecundissimo entendimiento de el Padre *Vieira*, y en todas sus obras; en las quales, como en un suavissimo manná, no solamente se gusta la sabiduria, que está repartida en todos los santos Padres, sinó que tambien se percibe el sabor de todas las facultades, y ciencias; por-

que quien le atendiere valerse sagradamente de la profundidad de las fabulas , de los versos de los Poetas , de los dictámenes de los Politicos , de los successos de las historias , le juzgará sin duda por un sagrado Archivo de toda profana erudicion. Quien le viere formando irrefragables argumentos , desentrañando las más ocultas propiedades de la naturaleza , penetrando las más escondidas essencias de las cosas , nó podrá negarle la noticia más solida de la Logica , Fyfica , y Metafyfica. Quien le considerare desentrañando las más ocultas questiones de la Theologia Escolastica , usando de las más oportunas sentencias de la Moral , explicando los más delicados apices de la Mystica , declarando los más solidos puntos de nuestra Catholica Religion , alegando los más solidos Canones de los Concilios , le calificará por Theologo eximio , Moralista consumado , diestrissimo Ascetico , y Controversista irrefragable. Y lo que causa más admiracion , por parecer facultad totalmente agena de su continuo estudio , y ministerio Apostolico , quien leyere la Poesia Latina , que compuso este universal ingenio , y la trae el Padre Antonio Bonucii en sus Ephemerides Eucharisticas en el  
mes

mes de Junio, con razon le juzgará por Ovidio en la dulçura, y naturalidad del verso; por Claudiano en la limpieza, y frases; por Virgilio en el alma, y pureza de la sentencia; y por fin exemplar en la copia de agudezas, y conceptos, con que ánima todo el Poema; y por abreviar, nó ay facultad, ciencia, ni arte alguna, en que nó se muestre sapientissimo este maravilloso ingenio; de suerte, que con toda realidad se debe dezir de el Padre Vieira aquel repetido Hemistichio de Claudiano, que tantas vezes ha usurpado ó la passion, ó la adulacion, ó la lisonja:

*Que sparguntur in omnes,  
In te mixta fluunt, & que divisa beatos  
Efficiunt, collecta tenes.*

Esso es ser manná, contener en si los gustos, y los sabores de todo: esta es la variedad, esta la eminencia, este el prodigio de aquel Manhu, cuyas delicias obligan a los hombres palmados de admiracion a perguntar: Que es esto? Que inteligencia de las sagradas Escrituras tan inaudita, tan nueva, y juntamente tan literal, y genuina? Como nó havia dado en esto hasta ahora alguno de los mortales? Que es esto? De donde vino este lugar, este passo de la Biblia, a

la primera vista tan distante , tan extraño, y en la aplicacion tan nacido? Manhu , que es esto? De donde salió esta erudicion , esta noticia tan escondida a todos , y que solo se hizo para esto? Que es esto? Que reflexion es esta tan viva , tan ponderada , y tan nueva , que tropezando todos con este texto , ninguno hizo este reparo? Que es esto? Que assumpto? Al proponerlo tan paradoxo , y exotico , al desentrañarlo , y probarlo tan claro , tan facil , tan corriente , tan inteligible , tan llano? Que es esto? Pero que ha de ser? Esto es fermentar un Archangel el manná , ó el Manhu para eterna admiracion de los hombres.

Pero aunq̃ todo esto convence sin duda alguna, con quanta razon se debe apellidar suavissimo manná de las almas la universal sabiduria del Padre Vieira? Con todo , yo la hallo notablemente ventajosa al manná , porque este, sin embargo de que contenia en si los sabores de todos los manjares , causó fastidio aos Israelitas: *Nauseat anima nostra super cibo isto levissimo*; pero las las obras de el Padre Vieira jamás enfadan , antes si cada dia excitan nuevo deseo de gustarlas. La continua vista del manná causaba enfado al Hebreo: *Nihil vident oculi nostri, nisi*

Numer. 21.  
5.



*nisi man*; pero las obras del Padre Vieira nunca se hartan los ojos de verlas. El manná se tomaba con medida , y tassa ; la sabiduria del Padre Vieira se franquea a todos sin termino , ni medida. El manná nó era duradero , ni permanente , porque de un dia al otro se corrompia; pero sobre el manná del Padre Vieira nó tendran jurisdicion aun los siglos. El manná era para alimento de la menos noble porcion del hombre , que es el cuerpo ; el manná del Padre Vieira alimenta la parte más noble , que es el alma ; y assi más semejante parece áquel divino Manná , que sazonan los Angeles , que es Pan de entendimiento , que quanto más se come , más se desea , que alimenta las almas, y que contiene en sí toda la sabiduria del Padre de las luzes.

Todo esto era mucho a nó ser lo mayor de su divino talento la aplicacion , y el destino a aquel Apostolico ministerio, a que se consagró con voto de edad de dies y siete años. Alabe quien quiziere al Padre Vieira aclamado en las más famosas Ciudades de la Europa , venerado en las Cortes de Roma , y Lisboa por Oraculo de sabiduria , admitido a la mayor confianza , gracia , y estimacion de el invictis-

*En la carta de su vida, y muerte, q está en el tomo 14. de sus obras en lengua Portuguesa.*

fimo Rey Don Juan de Portugal, seguido en todos los concursos de la Reyna de Suecia, que yo lo admiro en los paramos, y desiertos de el Marañon buscando, y sacando de los bosques, y grutas a las humanas fieras, que las habitan. Admirente otros en los congresos de los sabios profiriendo sentencias; en los conclaves de los Politicos dictando maximas de estado, y de gobierno, que yo le admiro entre barbaros indociles, mal vestido de una ropa de algodón teñida en barro, enseñandoles la doctrina. Admirente otros penetrando los secretos más escondidos, y los arcanos más reconditos de la sagrada Escritura, que yo le admiro afanado, y congoxado en acomodarse a aprender, y a pronunciar las asperas, y incultas voces de los Brasilienses, y Angolas. Admirelo el mundo en aquella eminencia, y osadia de su sin igual talento, que lo hizo acometer la empreza de labrar llave, con que abrir, y hazer patente los secretos de los Profetas; yo solo lo admiro componiendo catecismos en sus distintissimas lenguas para abrir resquicios a la conversion, y a la instruccion de los barbaros. Admirente otros navegando a Inglaterra, Holanda, Francia, y Italia a los negocios importantissimos del servicio

## ENCOMIASTICOS. 311

vicio de su Rey, y bien de la patria, encomendados, y fiados por el mismo Rey a su siempre acertada direccion; yo lo admiro caminando más de catorze mil leguas para promover el negocio más importante de la salvacion de las almas. Admirén otros aquella bonança, y prosperidad, con que el Zefiro más apacible, y la aura más blanda llevaban su glorioso nombre a las regiones más apartadas, y a los climas más remotos de el mundo; yo admiro aquella tormenta, en que constituido en el extremo peligro de la vida sobre el costado del trastroornado navio, que recibia iguales golpes de las agitadas olas en la quilla, y en las gabias, solo se acordaba de invocar a los Angeles de Guardia de las almas de el Marañon, para cuyo bien solo queria, y estimaba su vida. Finalmente celebren otros sus aclamaciones, sus aplausos, sus honras, su fama, su gloria; que yo admiro sus persecuciones, sus calumnias, sus afrentas, sus ignominias toleradas pacientíffimamente, y ocasionadas solo de el zelo, con que procuraba el bien espiritual, y temporal de los pobres, y desvalidos Indios. Y porque toda la Iliada de sus gloriosos trabajos, mui semejantes a los de el Doctor de las Gen-

*Referelo el mismo Padre en el sermon de S. Teresa, q̄ está en el tomo 4. de las obras del P. Vieira en lengua Portuguesa.*

tes Pablo , assi como el mismo Santo Apóstol los refiere en la Epístola a los Corinthios ; el Padre Vieira ó para dar a entender la dificultad de la mission , ó para referir el zelo de sus venerables compañeros , los refiere en los sermones de Epifania , de el Espíritu Santo , y Santa Teresa ; ceda mi cortedad a su admirable eloquencia , y estos sermones , assi como son el testimonio de su portentosa sabiduria , sean el eterno elogio de sus admirables virtudes.

A estos heroicos meritos , que en todos tiempos se llevaron tras si las más nobles voluntades , assi como les tengo dedicados los afectos , no pudiera dexar de dedicar los discursos : nó solo es veneracion , sinó interés , para que al salir a la luz publica tengan esta sola felicidad de salir nó a la sombra , sinó a las luzes de Vieira , y que el que fue el Astro dominante en su concepcion , lo sea tambien en este modo de nacimiento. Es el Padre Vieira el Joseph de los Predicadores , ( a quien doctísimamente lo comparó el ya citado nuestro Reverendísimo Padre General Oliva en la dicha carta ) por esso hize juizio , que todos los que entramos la hoz en este genero de mies , debemos

# ENCOMIASTICOS. 313

Vemos a nuestro Joseph esta especie de reverencia , ó que nuestros humildes hazecillos adoren , ó inclinandose reverencien los suyos ; que de tan abundantes espigas , y de tan escogidos granos han llenado todas las sabias Provincias. Sobre estos motivos de justicia para esta Dedicatoria el de mi eleccion ( como ya dezia ) es hazer este obsequio a los veneradores de su illustre memoria; por esso nó dediqué este libro a aquella alma sublime , y ( como creo ) felicissima , laureada con la eterna corona, justissimo premio de sus heroicas virtudes , y sobre la esfera de todo humano obsequio , que nó pueden alcançarla nuestros deseos ; sino a su esclarecida memoria , tanto más illustre , quanto tiene a las más nobles almas por padron glorioso de su immortalidad. Esta pues es el ara de mi refugio , aquellas gloriosas estatuas, que tantos illustres Varones han erigido, y consagrado para eterno trofeo a este singularissimo Heroe en el Capitolio augusto de sus elevadas mentes, quienes espero escusarán lo dilatado de estas lineas , si atienden a la grandeza de su objecto , y a los tamaños de mi afectuosa veneracion. Y porque el felicissimo sujeto de este corto elogio , glorioso ( como piendo-

*Putabam nos ligare manipulos in agro , & quasi conflurgere manipulum meum, vestrosq; manipulos circumstantes adorare manipulum meum. Genes. 37.7.*

dosamente creo) en el Cielo , y glorioso en la tierra , goza bienes superiores a todos nuestros deseos , despues de dar gracias a Dios , que lo crió para lultre, y decoro de su gloriosa , y sapientissima nacion , para honra de la Compañia de Jesus , mi inclita, y amadissima Madre, para bien de muchas almas ; a todos los que veneran su memoria, reverencian sus virtudes, admiran su sabiduria , les deseo , y desearé eternas felicidades. &c.

*Nicolás de Segura:*





# PROTESTAÇÃO

DO ESCRITOR DESTE LIVRO.

**P** Or quanto neste pequeno volume se faz menção de alguns Varoens de singular opiniaõ, e estima, e se lhes dá o titulo de Martyr, Santo, ou Veneravel, não lhe tendo atégora a Igreja concedido culto; protesto, que não he meu intento darlho, nem com os taes appellidos significar, que o supremo juizo da Sé Apostolica lho deo: entendendo ló, que a narraçãõ de suas acçoens tenha unicamente aquella qualificaçãõ de fé humana, que merece o credito de qualquer prudente Escritor: obedecendo em tudo ao Decreto do Santissimo Padre Urbano VIII. e aos que promulgou a sagrada Congregaçãõ de Ritos, como filho obedientissimo, profundamente rendido em tudo á santa Madre Igreja, fonte infallivel da fé, e da verdade.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).